

Tabela 7 – Presença de torcedores corinthianos no Maracanã (2015 e 2016)

Jogo	Público total	Público do setor destinado exclusivamente a torcedores do Corinthians³⁴³	Setores ocupados pela torcida do Corinthians	Ocorrência de conflitos
Fluminense 0x0 Corinthians	17.419	2.424	Norte superior, Norte inferior, Leste inferior e Maracanã Mais	Não
Flamengo 0x3 Corinthians	29.872	3.551	Sul superior, Sul inferior, Leste inferior, Oeste inferior e Maracanã Mais	Não
Flamengo 2x2 Corinthians	65.743	1.340	Sul superior	Sim

Fonte: O autor, 2017.

A partida Flamengo 2x2 Corinthians apresentou, paradoxalmente, o maior número de conflitos e a menor presença de torcedores visitantes. Nas duas ocasiões anteriores, o verdadeiro quantitativo de corinthianos acabou mascarado pela existência dos setores mistos. Mesmo assim, não verificamos a ocorrência de qualquer conflito, nem na parte interna, nem nos arredores do estádio.

Seguem abaixo algumas impressões a respeito do acontecido no retorno das duas maiores torcidas do país ao Maracanã:

- a) O comportamento de uma parcela dos torcedores do Corinthians foi inaceitável. Além dos MOTs citados, é possível que componentes da *Gaviões da Fiel* tenham participado à paisana em razão da proibição da exibição de símbolos da torcida no estádio;
- b) O contingente destacado pelo GEPE para o setor visitante foi subdimensionado, pois o número de policiais era insuficiente para conter uma torcida com histórico de conflitos dentro e fora dos estádios. Aparentemente, não foi levada em consideração a presença de um grande número de rubro-negros na porção Sul superior. Como agravante, é possível que o rápido esgotamento das entradas do setor Norte, adquiridas por sócios-torcedores, tenha direcionado outro perfil de adepto, apaixonado, porém disposto ao

³⁴³ Somente torcedores pagantes.

enfrentamento, para a porção Sul rubro-negra, em substituição a parte dos tradicionais torcedores avulsos³⁴⁴;

c) A ideia de confinar a totalidade da torcida corinthiana em um único setor revelou-se desastrosa. Em outros jogos envolvendo significativos contingentes forasteiros, a tendência é de que os torcedores avulsos busquem ou, como presenciei, sejam convidados pelo policiamento a procurar o nível inferior. Os MOTs e satélites concentram-se na parte superior. Caso essa medida preventiva não tivesse sido abandonada, mesmo com os atos de violência registrados, não seria necessário reter um número tão expressivo de pessoas sem relação alguma com os confrontos, pondo em risco a integridade física de centenas de inocentes;

d) Outra ação equivocada foi a iniciativa de limitar a venda dos ingressos pela internet para adeptos do Corinthians ao mesmo intervalo de tempo destinado à torcida do Flamengo (22 horas de quarta-feira até as 8h10 de quinta-feira), mesmo com milhares de entradas não comercializadas. Após esse breve período, a venda limitada a postos físicos na capital paulista dificultou sobremaneira a vinda de torcedores avulsos residentes no Rio de Janeiro e arredores, estimulando apenas o fluxo de componentes vinculados aos MOTs;

e) O ambiente construído em torno de uma partida importante, porém amplificado pelos meios de comunicação, deve ser levado em consideração. Mesmo se tratando da reabertura do estádio, do encontro dos dois maiores contingentes torcedores do país e de o Flamengo possuir chances reais de conquistar o certame nacional, a atenção destinada por expressivos setores vinculados à mídia especializada àquele encontro nos pareceu desproporcional à sua real importância. Vale lembrar que, restando sete rodadas para o fim da competição, o Flamengo encontrava-se quatro pontos atrás do líder Palmeiras. Creio que, nos últimos anos, a rivalidade entre Flamengo e Corinthians venha sendo alimentada por determinados setores midiáticos. No contexto atual do futebol brasileiro, não parece interessante, especialmente para a televisão, uma pulverização de clubes com grandes torcidas, fato que representaria a

³⁴⁴ Tal sentimento parece reforçado por relatos de amigos rubro-negros presentes ao estádio. Os narradores perceberam especialmente no setor Sul superior destinado à torcida do Flamengo, práticas habitualmente atribuídas a torcedores organizados. Durante a partida, sem ter noção do confronto anterior, escrevi em meu telefone celular mensagens de estranhamento relacionadas ao tom aguerrido incomum para aquela porção do estádio.

fragmentação da audiência. Em contrapartida, uma concentração da paixão torcedora em torno de poucas agremiações traria a formação de uma assistência cativa para as transmissões televisivas. Flamengo x Corinthians surgiria, portanto, como candidato “natural” ao posto de “superclássico brasileiro”. Como feito indesejável, não tardará para que a rivalidade crescente entre entidades historicamente aliadas se transforme em ódio, e os primeiros incautos comecem a morrer. Da mesma forma que ocorre com as ações violentas das torcidas organizadas, um determinado setor da imprensa dedicará um crescente espaço com intermináveis e recorrentes debates e reportagens voltados à cobertura desses acontecimentos.

O segundo semestre de 2016 marcou uma profunda transformação na relação torcedor – estádio, especialmente nas porções Leste e Oeste, que deixaram de ser locais destinados à torcida mista, passando a serem ocupados pela torcida mandante. O caráter orgânico do estádio manifestou-se nas novas formas de apropriação de espaços outrora disciplinares. É o que veremos a seguir.

4.8 O fim dos setores mistos e a subversão da ordem no Maracanã pós-olímpico

Em maio de 2016, sob a guarda do Comitê Rio 2016, o estádio reabriu tendo a FERJ como responsável pela parte operacional para as duas partidas finais do Campeonato Carioca, disputadas entre Botafogo e Vasco da Gama, servindo também como eventos-teste para os Jogos Olímpicos e Paralímpicos. Podemos considerar tais ocasiões como uma fase de transição entre as normas vigentes do ano de 2013 ao de 2015 e as que passariam a predominar a partir do período pós-Olímpico. Era possível identificar, no muro do Estádio de Atletismo Célio de Barros, cartazes colados com o desenho de uma tocha olímpica e a seguinte frase: OLIMPIADAS NO RIO? NOSSO OURO É A EDUCAÇÃO PÚBLICA (Foto 67) como crítica de grupos sociais ao desperdício de recursos públicos destinados e ao caráter excludente das intervenções realizadas para o evento que se aproximava.

Foto 67 – Cartaz colado no muro do Estádio Célio de Barros contestando a realização dos Jogos Olímpicos na cidade do Rio de Janeiro



Fonte: O autor (maio de 2016).

Na parte interna, em razão das inúmeras intervenções, os corredores do setor Leste inferior não primavam pela limpeza. A distribuição do público presente também sofreu alterações em função da retirada da maior parte das cadeiras cativas/perpétuas. Os proprietários desses assentos foram realocados no setor Leste superior. Nos setores mistos inferiores Leste e Oeste, não houve a adoção do lugar marcado, pois ocorrera, além da retirada de algumas cadeiras, a recolocação sem obedecer à ordem numérica. O não funcionamento de um dos telões contribuía para a materialização de um ambiente marcado pelo imprevisto (Foto 68).

Foto 68 – Cadeiras cativas/perpétuas retiradas e um dos telões apagados



Fonte: O autor (maio de 2016).

Em função do público total relativamente baixo para uma partida decisiva (pouco superior a 43.000 presentes), não foi possível dimensionar como o torcedor passaria a se apropriar das porções mistas em sua nova configuração. Mesmo assim, pude ouvir uma quantidade de palavras de baixo calão acima do normal e brados de “Senta!” ao iniciar a disputa, situações corriqueiras no antigo Maracanã. Os degraus localizados mais acima concentraram torcedores que optaram por permanecer de pé. Devido à altura da parede de separação com os ociosos camarotes Leste, fato que não afetava o campo de visão de nenhum torcedor, os seguranças da SUNSET não intervieram. Somente a partida derradeira do campeonato, com o estádio recebendo um público próximo de sua capacidade máxima, tornou possível uma análise mais apurada a respeito do enfraquecimento do nomoespaço nas porções “nobres” do estádio.

Falhas no esquema de conferência do acesso do torcedor à fila relacionada ao setor adquirido possibilitaram uma situação inusitada. Enquanto caminhava pela área de circulação do Oeste inferior, três torcedores do Vasco da Gama (duas mulheres e um homem), ao chegarem junto à cerca que divide os setores Oeste inferior e Sul inferior, perceberam que estavam na porção errada do estádio. Imediatamente, correram em direção à rampa, pois haviam adquirido entradas para o Sul superior.

Com o fim do lugar marcado, assim como acontecia nas antigas cadeiras azuis, renasceu uma prática entre os torcedores dos setores mistos (sem a companhia de torcedores adversários) de buscar uma localização próxima ao setor destinado exclusivamente aos seus torcedores. Como diferença, enquanto no velho Maracanã havia uma “muralha” vertical, composta pela aproximação do anel inferior (cadeiras azuis) com o anel superior (arquibancadas), a configuração pós-reforma criou uma contiguidade lateral inferior entre setores mistos e exclusivos. Era possível perceber tal distribuição especialmente entre os adeptos cruzmaltinos (em número consideravelmente maior).

Nessas ocasiões, a combinação de diferentes fatores afetou sobremaneira, além da distribuição espacial, também o perfil socioeconômico e o padrão de comportamento adotado por parte da assistência presente às porções mistas: a entrega da responsabilidade pela administração do evento à FERJ e, posteriormente, à CSM, em substituição ao Consórcio Maracanã S.A.; a não adoção do lugar marcado nas porções mistas em razão da realização de obras de adequação do estádio às cerimônias de abertura e encerramento dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos³⁴⁵; o caráter decisivo da disputa e a rápida comercialização de todas as entradas do setor Sul provocaram o transbordamento para as porções mistas de um significativo contingente de indivíduos pouco afeitos aos códigos de comportamento adotados naquelas áreas. Em decorrência desse cenário, no setor Oeste inferior, houve um inevitável embate entre modos de torcer antagônicos sem a esperada mediação dos agentes destacados para zelar pelo cumprimento das normas.

O desrespeito à orientação de permanecer sentado gerou um ambiente de desconforto entre torcedores dispostos a obedecerem ao padrão de comportamento vigente e aqueles que tentavam impor uma conduta adotada nas porções superiores localizadas atrás das duas balizas (Foto 69). Era possível ver pais com os filhos no colo e outras crianças com os pés sobre os assentos para tentar acompanhar a disputa. Os seguranças, inflexíveis em outras ocasiões contra manifestações individuais, se omitiram, preferindo permanecer posicionados junto aos túneis de acesso, vencidos pela imposição coletiva do modo de torcer dos setores Sul e Norte.

³⁴⁵ Outra mudança foi o deslocamento do setor destinado aos proprietários das cadeiras cativas/perpétuas para o Leste superior.

Foto 69 – Conflito entre diferentes modos de torcer no setor Oeste inferior



Fonte: O autor (maio de 2016).

Se, em 2015, era possível estabelecer, com certo grau de precisão, um padrão locacional-comportamental calcado nas associações setores mistos e inferiores Norte e Sul – espectadores; setores Norte e Sul superiores – torcedores, as transformações pelas quais o estádio passou, especialmente após os Jogos Olímpicos de 2016, potencializadas pelo imbróglio envolvendo a administração do complexo poliesportivo, alteraram sobremaneira a produção de microterritorialidades nos agora inexistentes setores mistos. A ascensão do *pós-geraldino* representou a expansão, ou dependendo do ponto de vista, a “invasão” do modo de vivenciar o estádio associado aos torcedores tradicionais. O ressurgimento de práticas e costumes compreendidos como inadequados para o espaço concebido da arena tanto possibilitou a apropriação plena do estádio como espaço de festa quanto agravou a tensão entre modos de torcer conflitantes. Os próprios frequentadores, por sua vez, salvo em ocasiões isoladas, conseguiram estabelecer um acordo tácito baseado na concentração, em pontos específicos, de indivíduos com propostas parecidas.

Das sete partidas disputadas em outubro e novembro de 2016, quatro tiveram o Flamengo como mandante. Além disso, pela primeira vez, poder estar próximo à organizada

*Young Flu*³⁴⁶, acompanhar *in loco* o comportamento da torcida de uma equipe nordestina³⁴⁷, experienciar a festa-protesto dos adeptos do Vasco da Gama posicionados no setor Norte superior por ocasião da conquista do (terceiro) acesso à Série A e de presenciar a pitoresca sensação de assistir, como “visitante”, a um clássico carioca sem divisão equânime do espaço destinado aos torcedores³⁴⁸, caberá à torcida rubro-negra, suas práticas e formas de apropriação do estádio, o franco protagonismo dessa etapa derradeira de análises. O confronto Flamengo 2x2 Corinthians, por ter merecido uma seção à parte, será rememorado apenas para ratificar nossas observações.

Cabe a ressalva de que, em razão da intensa procura por parte dos sócios-torcedores, não foi possível assistir a nenhum encontro no setor Norte. Em duas ocasiões, alinhei-me à torcida adversária³⁴⁹ (Corinthians e Botafogo) e, nas demais, nos outrora setores mistos, agora laterais, Leste inferior³⁵⁰ e Leste superior³⁵¹.

A venda, em poucas horas, de todas as entradas disponíveis para a partida contra o Corinthians e a atitude da diretoria rubro-negra de oferecer pacotes promocionais com descontos de 20% para as três partidas subsequentes no estádio contribuíram para que houvesse uma redistribuição do público quanto ao perfil do torcedor que compareceu ao Maracanã e, paralelamente, reforçou a nossa ideia de que há em curso um processo de elitização relativa/incompleta no estádio.

A venda de bilhetes seguia um padrão preestabelecido. Inicialmente, via internet, de acordo com o plano de sócio-torcedor (do mais caro para o menos oneroso): + Paixão; Paixão; + Raça; Raça; Tradição³⁵². No dia seguinte, havia a oferta (também via internet) para não sócios. Os lugares restantes seriam disponibilizados em postos de venda físicos. Sendo assim, o torcedor pertencente aos MOTs somente teria acesso (sem considerar uma possível distribuição de entradas fornecidas a componentes da diretoria do clube) aos jogos caso também fosse sócio-torcedor ou se dispusesse a enfrentar enormes filas para adquirir um ingresso para os setores mais caros.

³⁴⁶ Jogo 48. Fluminense 1x1 Atlético Paranaense, realizado em 15 de novembro de 2016.

³⁴⁷ Jogo 46. Fluminense 2x2 Vitória, realizado em 28 de outubro de 2016.

³⁴⁸ Jogo 47. Flamengo 0x0 Botafogo, realizado em 05 de novembro de 2016.

³⁴⁹ Jogo 45, Flamengo 2x2 Corinthians, realizado em 23 de outubro de 2016; e jogo 47. Flamengo 0x0 Botafogo, realizado em 05 de novembro de 2016.

³⁵⁰ Jogo 49. Flamengo 2x2 Coritiba, realizado em 20 de novembro de 2016.

³⁵¹ Jogo 51. Flamengo 2x0 Santos, realizado em 27 de novembro de 2016.

³⁵² O Plano Nação Jr. não concedia qualquer vantagem ao associado. Fonte:

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/10/flamengo-lanca-pacote-para-jogos-com-botafogo-coritiba-e-santos.html> Acesso em 22 de outubro de 2016.

Dentro do estádio, a combinação de quatro fatores contribuía para a existência de uma maior homogeneidade relacionada à presença da torcida: predomínio de sócios-torcedores; fim dos lugares marcados; transformação dos setores mistos em setores laterais; cumprimento de uma punição de dez jogos imposta pelo STJD que impedia a exibição de qualquer símbolo vinculado aos MOTs rubro-negros em razão de confrontos registrados contra torcedores do Palmeiras, no Estádio Mané Garrincha, em Brasília. Dessa forma, boa parte da plateia presente não possuía o hábito de frequentar assiduamente o estádio enquanto que, por outro lado, torcedores fiéis da porção Norte foram compelidos a se reterritorializar em partições com normas distintas às quais estão acostumados. As únicas manifestações simbólicas permitidas no setor Norte foram a breve exibição de bandeirões da *Urubuzada* e, na partida contra o Corinthians, de um mosaico com a inscrição TUA GLÓRIA É LUTAR!, que cobria toda a extensão daquele setor (Foto 70). Na mureta divisória com o gramado, uma homenagem às cidades de Volta Redonda, São Paulo (Pacaembu), Natal, Cariacica e Brasília, que sediaram partidas do clube durante o período de cessão do Maracanã ao Comitê Rio 2016.

Foto 70 – Mosaico exibido no setor Norte



Fonte: O autor (outubro de 2016).

Posicionado como observador externo junto à torcida visitante, chamava a atenção a menor empolgação do canto originado na extremidade Norte. Essa “frieza”, porém, parecia

amplamente compensada pela vibração anormal emanada das porções Leste, Oeste e do Sul rubro-negro, cuja atitude aguerrida de parte do público presente talvez tenha servido como combustível para o enfrentamento registrado entre policiais e adeptos do Corinthians. No clássico contra o Botafogo, por sua vez, uma determinação do GEPE proibiu a presença de rubro-negros no setor Sul. Todos que haviam adquirido um pacote para aquele ponto foram realocados na parte Leste superior, um *upgrade* de acordo com a explicação fornecida pelos dirigentes do clube. Também na disputa contra o Botafogo, um fato que, de acordo com o ponto de vista adotado, pode representar tanto excesso de zelo quanto despreparo por parte do GEPE, marcou a primeira etapa da partida.

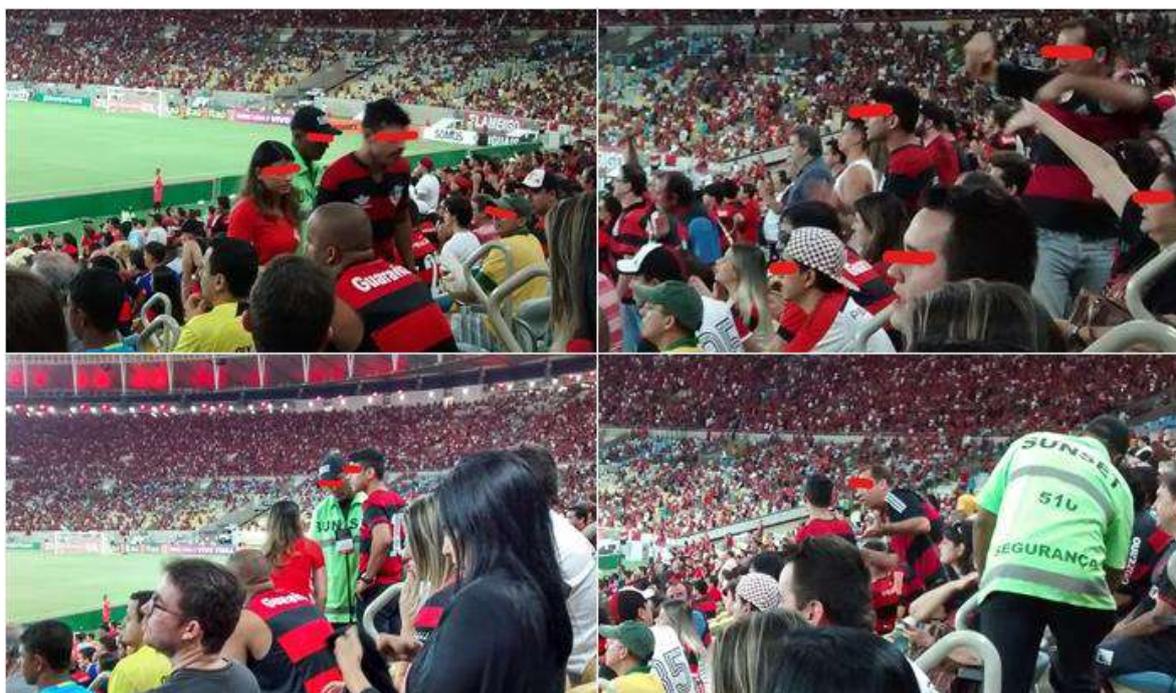
Com a peleja em andamento, presenciei uma confusão no setor Oeste envolvendo uma senhora com a camisa do Botafogo e uma policial militar que procurava convencê-la acerca da impossibilidade de permanecer naquele local. Observei a torcedora cobrindo a camisa oficial do clube (discreta, da cor preta) com um casaco. Como me encontrava a uma distância considerável, acabei por perdê-la do meu campo visual. No intervalo, avistei-a na mesma fileira que me encontrava, no setor Sul inferior. Aproximei-me e contei que presenciara o ocorrido. Ela relatou que a policial ao identificar a camisa do Botafogo argumentou (de maneira educada) que ela não poderia permanecer naquele local, pois a sua segurança estava em risco. A senhora procurou contra argumentar dizendo estar acompanhada da família e que eram frequentadores habituais daquele setor. A policial se mostrou intransigente, explicou que não havia mais qualquer setor misto e que haveria risco à sua segurança. Seguiram então para o corredor onde a agente da lei se comprometera a procurar outra blusa para que ela vestisse. Nisso, a própria senhora falou que preferia sentar-se ao lado dos seus congêneres alvinegros onde permaneceria até o final.

No mesmo clássico, em razão da recomendação do GEPE de vetar a venda de entradas para a porção Sul destinada aos torcedores rubro-negros, a divisa com a parte Oeste constituiu a única zona de contato possível entre agrupamentos adversários. Dessa vez, a antiga porção mista, em razão das contingências e da nova postura adotada pelo público presente, deixou de ser percebida como um ponto frequentado por torcedores menos ativos. Presenciamos duelos constantes com apupos e a posterior réplica aos cânticos de incentivo/e provocação. Alguns indivíduos dedicaram grande parte de sua atenção não à disputa no relvado, mas à troca de provocações, ora bem-humoradas, ora ofensivas, culminando com o arremesso de copos bidirecional nos minutos subsequentes ao término da partida.

Em todos os encontros envolvendo o Flamengo, o maior contraste percebido em comparação ao ano anterior relacionava-se aos setores Oeste e Leste. Do mesmo modo que

ocorrera durante as partidas finais do Campeonato Carioca de 2016, os frequentadores permaneceram de pé durante a maior parte do tempo de jogo, situação que gerou uma forte tensão entre espectadores e torcedores. Somente por ocasião das disputas contra Santos e Coritiba, em razão da menor ocupação, foi possível alcançar um ponto de equilíbrio. Mesmo assim, houve situações de conflito. Uma delas, durante a primeira etapa da partida Flamengo 2x2 Coritiba, contou com a intervenção direta da equipe de segurança. Um torcedor, incomodado com a insistência de um rapaz e de sua acompanhante em permanecer de pé à sua frente (Foto 71), solicitou a presença de um *steward* a fim de solucionar o imbróglio. A postura reativa do casal representaria de forma simbólica a quebra desse acordo tácito espectador-torcedor, pois, naquele ponto, todos permaneciam sentados. Após uma longa negociação, a dupla deixou o local em companhia do fiscal de comportamento.

Foto 71 – *Steward* retirando torcedores que insistiam em permanecer de pé numa porção do setor Leste inferior



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Entretanto, a situação de maior impacto relacionada à ruptura do contrato anteriormente estabelecido ocorreu ao longo da partida derradeira do Flamengo no Campeonato Brasileiro de 2016 e do nosso período de observações³⁵³. O setor Leste superior que, até 2015, caracterizava-se por uma intensa atuação de caráter normativo-repressor exercida pelos *stewards*, teve a sua ordem subvertida, ao menos nos blocos próximos ao setor

³⁵³ Jogo 51, Flamengo 2x0 Santos, realizado em 27 de novembro de 2016.

Norte superior, onde, do outro lado da grade, se posiciona o movimento *Nação 12*. Como citado em parágrafos anteriores, em razão da elevada procura e das regras impostas à venda de ingressos, muitos torcedores adquiriram bilhetes para setores aos quais não frequentam habitualmente. Era possível notar componentes da *Nação 12* presentes no setor Leste superior, ainda que sem qualquer caracterização formal. Estes procuraram a divisa com a torcida onde, antes da partida, era comum assistir a pessoas se cumprimentando e conversando separadas pela grade divisória, situação inimaginável entre 2013 e 2015, quando vigorava a imposição do respeito ao lugar marcado no ingresso. Aquele aglomerado constituía claramente um transbordamento da barra rubro-negra, um conjunto único parcialmente segregado por uma barreira física.

Durante a partida, os componentes posicionados nos dois setores e seus satélites permaneceram de pé cantando as mesmas músicas, com intensidade similar. O gol marcado pelo Flamengo nos primeiros minutos potencializou essa reação. No instante da comemoração, alguns torcedores pularam a cerca divisória nos dois sentidos, retornando pouco depois para os seus locais de origem (Foto 72).

Foto 72 – Torcedores retornando para o setor Norte superior após a comemoração do primeiro gol do Flamengo



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Apesar da ausência de símbolos alusivos aos MOTs rubro-negros, uma pequena, porém animada banda, com o ritmo marcado pela batida de pratos, contribuía para a formação

de um espaço de festa. Alguns componentes mais entusiasmados assistiam à partida apoiados na grade, refuncionalizando uma forma originalmente concebida com a função de impedir o fluxo de pessoas pelo estádio (Foto 73). Os poucos seguranças, posicionados alguns degraus acima, apenas acompanhavam a celebração e, quando resolveram intervir, instigados por um superior, próximo ao final da primeira etapa, não foram prontamente atendidos. Somente no intervalo e durante a segunda parte, após a chegada do reforço de policiais do GEPE, os torcedores mais empolgados se aquietaram.

Foto 73 – Torcedores no setor Leste superior celebrando durante a partida, apoiados na grade divisória, voltados para a barra *Nação 12*



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Mesmo assim, praticamente todos os presentes assistiram à partida de pé, muitos deles, com os dois pés apoiados sobre os assentos, apesar de ladeados por policiais e seguranças (Foto 74). O fim da torcida mista e, especialmente, o fim do lugar marcado, combinado a uma predisposição em seguir o modo de torcer característico dos setores destinados às torcidas, seguido por um afrouxamento das normas disciplinares (também em razão da expressiva quantidade de “rebeldes”), levou a uma completa subversão à ordem estabelecida para os setores Leste e Oeste entre os anos de 2013 e 2015. É possível afirmar que, exceção feita ao Maracanã Mais, o genoespço se impôs sobre o nomoespço no Maracanã.

Foto 74 – Torcedores no setor Leste superior reproduzindo o modo de assistir à partida da porção Norte superior



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Em momento algum houve qualquer solicitação para que os adeptos se sentassem ou mesmo manifestações individuais de insatisfação. Conforme resolvi seguir em direção à extremidade oposta, era possível perceber a existência de uma “faixa de transição” com uma proporção crescente de espectadores sentados nos seus assentos. Nos blocos mais afastados, praticamente não havia torcedores de pé. Estes, por sua vez, procuravam localizações que não cobrissem o campo visual dos demais frequentadores. O equilíbrio entre diferentes padrões de comportamento e modos de vivenciar uma partida de futebol, em momento algum, teve a interferência dos agentes responsáveis pela manutenção da ordem, sendo estabelecido pelo bom senso da assistência presente. Junto à divisa com o Sul superior rubro-negro, havia uma densidade de torcedores bem menor, predominando adultos avulsos, idosos e pessoas acompanhadas de crianças. Havia espaço para quem quisesse permanecer de pé ou sentado

sem causar qualquer incômodo aos demais espectadores. Em comum, a postura contemplativa (Foto 75). Mesmo em se tratando de um setor mais caro, concebido para o espectador, este foi parcialmente capturado pelo modo de torcer predominante no setor Norte superior.

Foto 75 – Espectadores do setor Leste superior posicionados junto à divisa com o setor Sul superior



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Em razão de ter sido reaberto sem que as obras de readequação tivessem sido concluídas, constatei, no mesmo setor, seis degraus sem os assentos. No decorrer da partida, pude observar um expressivo contingente de torcedores que, mesmo sem a lotação completa daquela porção do estádio, optaram por se sentar ou permanecer de pé sobre o cimento, “revivendo” a antiga arquibancada do Maracanã (Foto 76).

Foto 76 – Torcedores preferindo a “arquibancada” às cadeiras



Fonte: O autor (novembro de 2016).

Repetindo o padrão das partidas anteriores, houve uma menor discrepância entre o comportamento da torcida nos diferentes setores do estádio. Mais uma vez, os sócios-torcedores compunham uma significativa parcela do público presente. Creio que os avulsos e coletivizados, que não são ou não conseguiram entradas com sócios-torcedores, tenham “optado” pelos setores laterais e pelo Sul rubro-negro (os santistas distribuíram-se apenas na porção da partição Sul superior destinada a eles). Percebi uma vibração menos efusiva do Norte superior, compensada pela “temperatura mais alta” dos demais pontos do estádio (exceto o Maracanã Mais). A vitória e os gols da equipe mandante, marcados em momentos-chave (nos primeiros minutos e próximo ao final da peleja), contribuíram para que o estádio se transformasse em um espaço de festa.

Analisando a Tabela 8, montada com base nos borderôs das quatro partidas disputadas pelo Flamengo em 2016, é possível perceber a elevada porcentagem de sócios-torcedores (e seus acompanhantes) sobre o público pagante rubro-negro. À guisa de comparação, a disputa opondo Flamengo e Corinthians, em 2015, apresentou um total de 5.712 sócios-torcedores, com participação relativa de 25,27%³⁵⁴.

³⁵⁴ Há de se levar em conta a existência dos setores mistos, que também receberam torcedores corinthianos. Mesmo assim, dificilmente a participação relativa de sócios-torcedores sobre o total do público pagante rubro-negro ultrapassou os 30%.

Tabela 8 – Participação relativa de sócios-torcedores do Flamengo em 2016

Jogo	Público total	Público pagante de torcedores do Flamengo³⁵⁵	Total de sócios-torcedores	Porcentagem de sócios-torcedores sobre o público pagante de torcedores do Flamengo
Flamengo 2x2 Corinthians	65.743	52.910	28.249	53,39%
Flamengo 0x0 Botafogo	49.382	40.463	23.693	58,55%
Flamengo 2x2 Coritiba	40.802	34.917	23.793	68,14%
Flamengo 2x0 Santos	37.615	33.318	23.116	69,38%

Fonte: O autor, 2017.

A porcentagem crescente de sócios-torcedores sobre o público pagante rubro-negro pode ser explicada por duas razões: 1^a) a reserva, para a partida contra o Corinthians, de um lote de entradas para a venda nos postos físicos; 2^a) a impossibilidade de alcançar o título da competição, fato que afastou o torcedor ocasional. O total de sócios-torcedores na casa dos 23.000 pagantes por partida (dos quais, 18.000 adquiriram pacotes para os três jogos finais).

Uma análise comparativa do público pagante do setor Norte (Tabela 9) com o dos demais setores (Tabela 10) reforça a impressão de que houve uma redistribuição dos torcedores no estádio. Enquanto na porção ocupada tradicionalmente pelas torcidas (mesmo incluindo no cálculo todos os ingressos promocionais), os sócios-torcedores representavam a grande maioria, nos demais setores, com entradas variando entre R\$ 100 e R\$ 180, a participação de sócios-torcedores oscilou entre 40% e 53% do público total. Excluímos da análise a porção Maracanã Mais (com amplo predomínio de sócios-torcedores) em razão da manutenção das normas de comportamento vigentes desde 2013 (mesmo sem a adoção do lugar marcado).

³⁵⁵ Considerando também os Ingressos Promocionais, provavelmente distribuídos a convidados e MOTs rubro-negros. Nos boletins financeiros, o valor cobrado por cada uma dessas entradas corresponde a R\$ 20, ou seja, 25% do valor total da Cadeira Norte.

Tabela 9 – Participação relativa de sócios-torcedores no setor Norte

Jogo	Público pagante setor Norte	Total de sócios-torcedores	Porcentagem de sócios-torcedores sobre o público pagante do setor Norte
Flamengo 2x2 Corinthians	19.409	13.652	70,34%
Flamengo 0x0 Botafogo	18.393	12.951	70,41%
Flamengo 2x2 Coritiba	19.027	14.424	75,81%
Flamengo 2x0 Santos	18.773	13.427	71,52%

Fonte: O autor, 2017.

Tabela 10 – Participação relativa de sócios-torcedores nos demais setores do Estádio³⁵⁶

Jogo	Público pagante nos demais setores	Total de sócios-torcedores	Porcentagem de sócios-torcedores sobre o público pagante dos demais setores
Flamengo 2x2 Corinthians	31.680	12.884	40,67%
Flamengo 0x0 Botafogo	20.393	9.365	45,92%
Flamengo 2x2 Coritiba	14.292	7.842	54,87%
Flamengo 2x0 Santos	12.820	6.794	53%

Fonte: O autor, 2017.

Utilizando a tipologia trabalhada ao longo da tese, especialmente no setor Norte, parece ter havido uma troca de parte dos *torcedores-artistas* (que se dirigiram para outros pontos) por *espectadores clássicos* e, em menor grau, por *não torcedores*. É provável que esse dado explique o comportamento menos heterogêneo do público presente, com uma maior participação dos setores laterais, e a parte Norte com uma empolgação menor do que a habitual.

Reforçando a ideia da existência de um processo de elitização relativa/incompleta no Maracanã, vale citar o exemplo do pacote promocional posto à venda pela diretoria rubro-

³⁵⁶ Sem considerar as Cadeiras Cativas e Perpétuas, a área destinada à torcida visitante e o setor Maracanã Mais.

negra para as partidas do clube contra Botafogo, Coritiba e Santos³⁵⁷ (Tabela 11).

Tabela 11 – Comparação dos valores cobrados para torcedores avulsos e sócios-torcedores para as três partidas finais do Flamengo no Maracanã, em 2016

Setor	Torcedor avulso (R\$)	Sócio-torcedor tradição (R\$)	Sócio-torcedor (R\$)	Pacote sócio-torcedor tradição (R\$)	Pacote sócio-torcedor (R\$)
Norte	80/40	60/30	40/20	48/24	32/16
Sul	100/50	80/40	50/25	64/32	40/20
Leste Superior	120/60	90/45	60/30	72/36	48/24
Leste Inferior e Oeste Inferior	160/80	120/60	80/40	96/48	64/32
Maracanã Mais ³⁵⁸	225/135	180/112,50	135/90	157/101	117/81

Fonte: O autor, 2017.

Um associado que tenha adquirido o pacote e cujo plano lhe confira automaticamente o direito a 50% de desconto no ingresso, caso também se enquadre entre os beneficiários legais da meia-entrada, desembolsaria um valor médio de R\$ 16 por partida no setor Norte³⁵⁹, equivalente ao preço de duas cervejas vendidas nos bares e por vendedores cadastrados. Entretanto, esse associado teria de desembolsar um valor mensal pouco acessível à população trabalhadora de baixa renda³⁶⁰. Se levarmos em consideração que, em 2016, somente em outubro o clube atuou pela primeira vez no estádio, o gasto acumulado nos primeiros nove meses daquele ano alcançaria os R\$ 359,30³⁶¹ sem qualquer contrapartida. Como consequência, acentuou-se a tendência do estádio como um espaço apropriado pelas classes médias. Como principal novidade, constatamos o enfraquecimento do nomoespaço com o fim dos setores mistos, transformados em setores laterais com torcida única e sem lugares marcados.

³⁵⁷ Analisando os borderôs das três partidas citadas na tabela, é possível constatar a venda (ou distribuição) de 5.170 ingressos promocionais ao preço de R\$ 20 cada um, sem especificar o setor ao qual correspondiam essas entradas.

³⁵⁸ A razão da inexistência de uma proporção correta entre o preço do ingresso e a meia-entrada no setor Maracanã Mais pode ser explicada pela inclusão da cobrança de R\$ 45 relacionada à taxa do serviço de *buffet*. Esse valor não consta nos borderôs nem do cálculo final da renda das partidas.

³⁵⁹ Podendo, ainda, comprar a entrada para um acompanhante que teria direito aos mesmos benefícios.

³⁶⁰ R\$ 39,90 para o *Plano Raça*.

³⁶¹ Para os detentores do *Plano Raça*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dedicaremos o presente momento a um resgate de algumas das ideias lançadas ao longo do esforço empreendido nos últimos quatro anos e meio. Adotando um linguajar característico do discurso construído acerca da promoção dos megaeventos, compreendemos, como possível “legado” da tese que se encerra, a abertura de novas vias que poderão contribuir para que os estádios/arenas, objetos de estudo em constante transformação, sejam estudados sob uma nova perspectiva. Avançando, desdobrando e aprofundando a abordagem inicialmente trilhada por Mascarenhas (2013a), procuramos destacar a importância do estudo voltado à análise da produção de microterritorialidades nas partes interna e externa do Maracanã, a forma como elas são produzidas, reproduzidas e reconstituídas em função da existência de um constante jogo de forças nesses equipamentos concretos dotados de forte conteúdo simbólico.

Nos últimos vinte anos, o estádio sofreu uma série de intervenções que, somadas, alcançam a casa dos R\$ 2 bilhões. Em sua configuração atual, projetada na esteira da realização de megaeventos esportivos, o Maracanã procurava seguir o conceito expandido de *tradium*, entregue à administração privada. O potencial gerador de renda do renovado equipamento multifuncional deveria ser ampliado pela edificação de novos prédios com finalidade eminentemente comercial em substituição aos fixos preexistentes. Para tal, o poder público, em suas esferas municipal e estadual, agiu em favor dos interesses empresariais com o destombamento da área ocupada pelo complexo esportivo-educacional e a entrega da administração daquela área, após a realização de um processo licitatório marcado pela suspeição ao Consórcio Maracanã S.A.

A forte resistência por parte de movimentos sociais, aliada a um contexto político marcado por denúncias de corrupção contra o chefe do poder executivo estadual, abriu caminho para uma alteração unilateral nas regras contratuais inicialmente estabelecidas e para um retombamento das estruturas condenadas. Assistimos a uma vitória momentânea das horizontalidades sobre as verticalidades. A inércia dos poderes público e privado em relação à realização de reformas no Estádio de Atletismo Célio de Barros, que, após o asfaltamento da pista e da área destinada às competições de atletismo, sobrevive refuncionalizado como um estacionamento com arquibancada, e no prédio que abrigou o Museu do Índio sugere que esses espaços (e, também, a Escola Municipal Friedenreich e o Parque Aquático Júlio

Delamare) componham áreas adormecidas, à espera de uma conjuntura favorável que possibilite a concretização do planejamento elaborado pelos atores hegemônicos.

Contra o “velho” estádio pesava a pecha de um ambiente machista, hostil à presença de mulheres desacompanhadas, crianças, idosos e homossexuais, marcado por confrontos entre torcidas organizadas rivais (especialmente em seus arredores), amplamente reverberados por diferentes setores midiáticos. Sua reabertura em 2013 consolidou um processo que transformou o Maracanã de um estádio público, projetado para as massas, capaz de abarcar todos os estratos socioeconômicos, em um espaço disciplinar concebido para atender a um novo tipo de frequentador de maior poder aquisitivo, disposto a desembolsar valores mais altos pelas entradas e a obedecer ao novo código de conduta que se procurava impor.

A transformação da paixão torcedora em *commodity* marcou a troca do frequentador tradicional pelo torcedor-consumidor, contribuindo para acentuar um processo de desterritorialização dos adeptos menos afortunados, iniciado em 2005, com a eliminação do antigo setor popular conhecido como Geral, aliado a um progressivo encarecimento do valor das entradas. Para os dirigentes dos clubes e os administradores da arena, o grau de comprometimento com o time passaria a ser aferido por atitudes como a aquisição de produtos licenciados, a adesão ao programa Sócio-Torcedor e o respeito às regras de convivência estabelecidas para o remodelado recinto. Em nome de um discurso que procurava exaltar o caráter democrático e pacificado daquele tradicional espaço monumental, o ambiente produzido no Maracanã arenizado trocou o filtro da exclusão sociocultural pelo da exclusão socioeconômica.

Em dias de jogos, o estádio e seus arredores sofrem diferentes formas de apropriação temporárias a partir de inúmeras variáveis. Estas, por sua vez, criam e recriam uma infinidade de territorialidades torcedoras. Na parte externa, o *Bar e Restaurante das Torcidas*, dotado de forte centralidade, reúne, em razão da proximidade com os acessos ao setor Sul, torcedores vinculados aos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs) de Vasco da Gama, Fluminense ou Botafogo. Antes das partidas realizadas pelo Flamengo, o perfil da clientela constitui-se basicamente de torcedores avulsos devido à concentração dos MOTs rubro-negros serem exclusivamente no setor Norte.

No plano interno, o perfil, a distribuição e o comportamento do público são fortemente influenciados pelo processo de hipersetorização pelo qual passou o Maracanã. Apesar da repressão policial, o entorno do estádio continua como um conjunto de fixos por onde circulam consideráveis fluxos econômicos gerados pela atuação dos trabalhadores informais.

Estes, ao contrário dos gestores esportivos, procuram adequar as opções e os valores dos produtos ofertados aos gostos e necessidades de sua clientela em potencial.

Entretanto, ao longo da análise empreendida, pudemos identificar a existência de um descompasso entre o espaço concebido da arena projetada para os megaeventos e o espaço vivido do estádio das práticas cotidianas, o nosso real objeto de estudo. Com base na observação *in loco* de cinquenta e uma partidas ao longo dos anos de 2015 e 2016, compreendemos que o controverso processo de elitização do Maracanã não se concretizou plenamente. Acrescentaríamos ao termo original os adjetivos *incompleta e relativa*.

A elitização incompleta deve ser compreendida como produto da incapacidade de atrair e fidelizar um quantitativo público pertencente às classes média, média-alta e alta, suficiente para tornar permanentemente superavitários para o consórcio e para os clubes os consideráveis gastos relacionados à abertura e operacionalização do estádio. Ao estabelecermos uma comparação por meio de uma série histórica, do preço médio cobrado pelas entradas mais baratas com o valor do salário mínimo nacional (tarefa empreendida anteriormente por outros autores), constatamos que essa curva ascendente data do início da década anterior. No período pós-Copa de 2014, quando o estádio passou a abrigar de modo contínuo competições relacionadas aos seus usos cotidianos, essa proporção se estabilizou, chegando a declinar quando comparados os anos de 2013 e 2016. Como consequência, temos nos camarotes Leste a formação de áreas ociosas estéreis, incapazes de produzir ou reproduzir territorialidades. Esse setor VIP e as demais porções ocasionalmente fechadas ou subutilizadas quando da realização de partidas com menor apelo contribuem, sob o ponto de vista da ambiência encontrada no estádio, para a formação de áreas “sem alma”, nas quais a ausência, o vazio e o silêncio afetam a atmosfera produzida no Maracanã, constituindo a expressão sensorial desse processo.

A elitização relativa possui relação direta com a existência de dispositivos legais que possibilitem a determinados indivíduos ou mesmo coletivos de amigos e/ou familiares utilizarem as dependências do estádio sem qualquer ônus ou desembolsando valores médios, acessíveis a grupos “indesejáveis” sob a ótica dos administradores da arena. Apesar dos elevados preços praticados nos bares e demais espaços de consumo espalhados pelo estádio, é possível, graças às leis das meias-entradas (válidas para todos os setores) e das gratuidades (permitidas somente nas porções Norte e Sul), especialmente para famílias de classe média-baixa, assistir a uma partida de futebol, caso o número de beneficiários dessas leis seja suficiente para diluir o gasto per capita com ingressos. Em situações extremas e bastante peculiares, é possível, inclusive, a reterritorialização de antigos torcedores, especialmente os

cidadãos com idade igual ou superior a 65 anos. Ocasionalmente, as diretorias dos clubes realizam jogos a preços populares, principalmente quando a equipe se encontra em uma situação delicada numa competição e necessita de um apoio de sua massa torcedora. A bem-sucedida promoção *Torcida Extra*, patrocinada pelo jornal carioca *Extra*, além de contribuir para a ocupação de áreas ociosas, abre caminho para a realização de parcerias verdadeiramente público-privadas que busquem a repopularização das praças de esportes brasileiras, aliada a um incremento da renda auferida direta e indiretamente.

No Maracanã privatizado, em razão de acordos firmados pelo Consórcio Maracanã S.A. com as diretorias de Flamengo e Fluminense, as duas equipes obtiveram o direito prioritário à posse (apesar do acordo de concessão prever um tratamento equânime aos quatro clubes de maior torcida da cidade) das porções Norte e Sul, respectivamente. Em razão de historicamente compartilhar o atual setor Norte com o Flamengo, assistimos a um processo de reterritorialização voluntária dos adeptos tricolores em direção à ala Sul, ocupada há décadas pelos torcedores do Vasco da Gama, que, antes da nova setorização do estádio, chamavam-na popularmente de *lado direito*. Dessa forma, a torcida cruzmaltina se viu compelida a uma desterritorialização compulsória seguida por uma reterritorialização provisória na parte Norte, por ocasião dos encontros entre as duas agremiações. Teve início um acalorado debate acerca do “direito ao lado direito”, cujos desdobramentos alcançaram a parte externa, com a exibição de diferentes mensagens em um dos muros localizados próximo à entrada do acesso Sul B. Esse reordenamento expôs uma querela que envolve a posse de um território reivindicado por uma das partes, fundamentada na existência de um contrato formalmente redigido, assinado e registrado, e, em oposição, sob a ótica do reclamante, a exigência do reconhecimento de um acordo tácito reforçado por uma relação topofílica construída pela sua comunidade torcedora com aquela porção específica do estádio.

O estudo preliminar acerca da tradicional distinção existente entre torcedores e espectadores e da evolução dos coletivos torcedores, associado à observação direta de novas e tradicionais formas de torcer em grupo e individualmente, resultou na elaboração de uma taxonomia torcedora própria, inspirada no trabalho desenvolvido por Richard Giulianotti. Procuramos classificar os tipos encontrados de acordo com a produção e a reprodução de múltiplas territorialidades, relacionando-os à distribuição desses indivíduos e coletivos pelos diferentes setores da arena. Com base nas oposições comportamentais torcedores x espectadores e artistas x atores, encontramos durante os jogos três combinações possíveis no Maracanã do cotidiano, que geraram uma infinidade de subtipos: *espectador clássico*, *torcedor-artista* e *espectador-ator* ou *não torcedor*.

Encontrado em todos os setores (especialmente nas porções mistas e inferiores Norte e Sul), o *espectador clássico* caracteriza-se pela postura contemplativa (jamais desinteressada), com o torcer constante do corpo combinado à fixação do olhar no campo de jogo. Apesar de seu distanciamento voluntário dos coletivos torcedores, admira o espetáculo corpóreo, visual e sonoro promovido pelos coletivos, aos quais denominamos como Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs), aderindo, por vezes, voluntária e temporariamente a comportamentos festivos, de incentivo ou mesmo críticos ao time do coração.

O *torcedor-artista* engloba os indivíduos que vivenciam a partida de futebol como um espetáculo que transcende os limites físico e temporal impostos pelas regras do esporte. Para ele, a ação deve prevalecer sobre a contemplação. Seja desacompanhado, seja em grupo, sua participação ativa tem como objetivo incentivar a equipe em busca de um resultado positivo. O estádio, de acordo com a situação que se apresenta, pode ser apropriado como espaço de festa, no sentido proposto por Lefèbvre, ou espaço de contestação. Nos níveis 2 e 5 dos setores Norte e Sul, localizamos os *torcedores-artistas*, filiados a expressões coletivas, distribuídos em diferentes MOTs, responsáveis pela produção do espetáculo multissensorial encontrado no Maracanã. Identificamos também a presença dos *satélites*, indivíduos temporariamente coletivizados, posicionados ao redor desses agrupamentos. Nas porções inferiores correspondentes, prevalecem expressões individuais como as dos torcedores caricatos (que se propõem a interagir com o público presente) e dos *pós-geraldinos*, que, mesmo numa partição na qual a maior parte do público opta por permanecer sentada e onde se encontram posicionados os fiscais de comportamento (*stewards*), procuram reproduzir a prática de torcer de pé à beira do campo de jogo, característica da antiga Geral.

Independentemente da postura adotada ou do setor escolhido, o principal traço identitário que une grupos marcados pela heterogeneidade é o pertencimento a uma mesma comunidade imaginada, no caso, o grêmio futebolístico. Esse sentimento parece inexistir entre os *espectadores-atores*, também conhecidos como *não torcedores*. Sua presença no estádio não tem como interesse primordial assistir a uma partida de futebol. Relacionando as nossas observações com a obra de Gustavo Coelho (2015), apesar de serem encontrados em todos os pontos do estádio, os *não torcedores* têm no setor Maracanã Mais seu local ideal, projetado para abrigar torcedores “sem mito”, que frequentam arenas “sem alma”.

O confinamento dos Movimentos Organizados de Torcedores nas porções superiores Norte e Sul, localizadas atrás das duas metas, potencializado pela existência de indivíduos temporariamente coletivizados os quais nomeamos de *satélites*, acelera a formação de modos de torcer híbridos. A criminalização das torcidas organizadas tradicionais e os longos períodos

de suspensão impostos a algumas delas possibilitaram o crescimento de novas expressões torcedoras, com destaque para os movimentos populares que, exceção feita ao Clube de Regatas do Flamengo, constituem atualmente os agrupamentos que congregam o maior quantitativo entre os coletivos torcedores de suas equipes nos estádios. Servindo como zonas de amortecimento, estrategicamente posicionadas para evitar conflitos internos, temos as antigas torcidas locais e, no caso do Fluminense Football Club, feminina, às quais se agregaram as ascendentes torcidas *chopp* e, somente para o Club de Regatas Vasco da Gama, um considerável e atuante aglomerado rastafári, que se coadunam à proposta de torcer em paz, incentivar e promover a festa nas arquibancadas.

Resgatando os estudos iniciados por Paulo César da Costa Gomes e convocados ao debate da geografia dos esportes por Gilmar Mascarenhas, os setores superiores Norte e Sul marcam a prevalência do genoespaço sobre o nomoespaço – áreas marcadas pela resistência e pelo consentimento. Resistência, em razão da permanência de práticas de início compreendidas como inadequadas para o remodelado ambiente. Nelas, os adeptos podem permanecer de pé (inclusive sobre os assentos), sem camisa, empunhar bandeiras e outros apetrechos, entoar cânticos marcados pelo ritmo de instrumentos e se movimentar livremente, mesmo que em um espaço limitado. Consentimento, pois a quantidade do material a ser exibida deve obedecer a um limite previamente estabelecido pelas forças de segurança e devidamente vistoriado no momento da entrada. Há também a proibição quanto ao acesso e à exibição de símbolos alusivos a agrupamentos punidos com longos períodos de suspensão em função do envolvimento em passagens criminais, frequentemente ocorridas em locais distantes do complexo esportivo.

Os setores inferiores Norte e Sul, apesar da proximidade e da possibilidade de acessar os níveis superiores, caracterizam-se como áreas eminentemente familiares nas quais o genoespaço e o nomoespaço parecem se equilibrar. A combinação de fatores, como o benefício concedido pela lei das gratuidades (válida também para os setores superiores), a proibição da permanência dos MOTs e a predisposição da maior parte da plateia presente em assistir às partidas sentada, porém, sem abdicar da festa emanada dos níveis 2 e 5, atraiu um público marcado por uma maior diversidade socioeconômica e sociocultural. Uma análise atenta permitiu identificar uma grande variedade de formas atomizadas de torcer. Os frequentadores que preferem permanecer de pé costumam procurar localizações que minimizem possíveis incômodos aos demais espectadores, tais como as laterais e a mureta divisória com o campo de jogo. Também é possível perceber a presença de torcedores que comparecem fantasiados e/ou carregando cartazes com mensagens de incentivo ao time ou em

tom jocoso contra o adversário, preocupados em transmitir sua imagem e/ou mensagem para o público externo, mas também para a coletividade presente às partidas.

Junto à linha lateral, os setores Leste Inferior, Leste Superior, Oeste Inferior e Maracanã Mais compunham, em 2015, partições destinadas à torcida mista. Nesses espaços marcados pela cobrança de valores mais elevados, pela presença de torcedores atomizados, pelo respeito ao lugar marcado e à visão plena do campo de jogo de todos os frequentadores, o nomoespaço se impunha sobre o genoespaço. Esse processo fora facilitado pelo conhecimento e pela predisposição por parte da grande maioria dos indivíduos que adquiriam ingressos para aqueles pontos em aderir voluntariamente à *lei* existente. Como complemento, a existência de um forte aparato de vigilância (extensivo a todo o estádio), corroborava a visão de Mascarenhas e Gaffney (2004) acerca da transformação dos estádios de futebol em espaços disciplinares, vigiados por câmeras e seguranças terceirizados, denominados *stewards*, cuja função primordial consistia em zelar pela preservação do patrimônio físico e pelo respeito às normas vigentes, reprimindo, com a anuência dos próprios frequentadores, comportamentos inadequados.

Nessas porções mistas, a contemplação deveria prevalecer sobre a ação, e torcer ou permanecer de pé constituiria uma atitude inaceitável. Como consequência, assistimos ao que propusemos definir como uma terceirização do ato de torcer, na qual competiria aos componentes dos coletivos torcedores e demais frequentadores dos setores superiores Norte e/ou Sul a missão de conduzir o alento à equipe. Em razão de concentrarem frequentadores de maior poder aquisitivo, pude perceber, especialmente durante as partidas com a presença de Flamengo e/ou Corinthians, equipes vinculadas a uma massa torcedora associada às classes populares, a prevalência da identidade de classe sobre a identidade clubística, com o frequentador economicamente favorecido optando por estar ao lado de cidadãos que compartilhem de códigos comportamentais semelhantes aos seus, ainda que divirjam quanto à equipe que apoiam.

Em razão da sua forma atual, desprovida de uma estrutura que proteja a totalidade da plateia da ação dos fenômenos atmosféricos, o Maracanã constitui uma arena incompleta, cabendo, no Brasil, somente à Arena da Baixada, de propriedade do Clube Atlético Paranaense, a denominação de “arena plena” entre as edificações cuja função primordial relacione-se com a prática do futebol. Podemos citar a exposição do público, posicionado na área instalada sobre o gramado, às fortes chuvas que atingiram a cidade do Rio de Janeiro no momento da apresentação do conjunto musical inglês *The Rolling Stones*, em 2015.

Mesmo durante a realização das partidas de futebol, a (polêmica) cobertura existente não é capaz de proteger parte da assistência da ação da chuva e da incidência dos raios solares que, em razão do horário vespertino de boa parte dos eventos sediados, afetam diretamente a claque presente à porção Leste. A exposição involuntária de parte do público a situações desconfortáveis, mesmo desembolsando valores consideráveis, fez com que estabelecêssemos a classificação de *neogeraldinos*. O elemento distintivo em relação ao anteriormente citado *pós-geraldino* diz respeito à adesão voluntária deste último a um modo de assistir às partidas, considerado inapropriado nos ambientes onde o nomoespaço deveria se impor parcial ou plenamente sobre o genoespaço.

O imbróglio envolvendo o Comitê Organizador dos Jogos Rio 2016 e o Consórcio Maracanã S.A. acerca da devolução do estádio após os Jogos Olímpicos fez com que, por ocasião de sua reabertura sem a conclusão das intervenções necessárias, seus administradores impusessem novas regras de funcionamento aos setores localizados junto às linhas laterais. A mais importante tratava do fim da exigência do lugar marcado devido à falta de diversos assentos e à forma desordenada como muitos deles foram recolocados. Os clubes mandantes, por sua vez, deixaram de adotar o modelo de torcida mista. Nas ocasiões em que tiveram o Clube de Regatas do Flamengo como contratante, o caráter decisivo das partidas e a aquisição da maior parte dos *tickets* disponíveis para as porções “populares” por sócios-torcedores também influenciaram na afluência de um novo perfil de frequentador, próximo ao encontrado nas porções superiores Norte e Sul.

Devido a essa reterritorialização momentânea, houve, em 2016, uma subversão à ordem estabelecida com o embate entre diferentes modos de torcer, opondo os *espectadores-clássicos* a determinados segmentos dos *torcedores-artistas*. A atuação ineficiente dos *stewards* contribuiu para que, em partidas de maior apelo de público, prevalecessem práticas associadas ao torcer em grupo e, por ocasião das disputas com menor quantitativo de torcedores, houvesse uma coexistência, até certo ponto pacífica e espontânea, com a distribuição espacial do público presente refletindo o modo de torcer da sua preferência. É possível afirmar que, exceção feita ao Maracanã Mais, o genoespaço conseguiu se impor sobre o nomoespaço. Esses fatos serviram para reforçar a ideia do estádio como um ser vivo, cujo espaço produzido resulta de múltiplas e contínuas combinações e recombinações de diferentes formas de apropriação.

Ao projetar as novas arenas para abrigar megaeventos esportivos e eventos alheios às partidas de futebol envolvendo equipes rivais, os arquitetos, talvez limitados pelo Padrão-FIFA, parecem ignorar a função primordial relacionada ao uso cotidiano dessas instalações. A

mais significativa é a falta de um espaço destinado ao público visitante que se ajuste às exigências contidas no Estatuto do Torcedor. É provável que essa falha relacionada à concepção se configure como o maior desafio imposto às forças de segurança para a manutenção de uma ordem interna no remodelado equipamento.

Por ocasião de partidas com maior expectativa de maior afluência de público, a abertura à torcida mandante, do setor “popular” contíguo ao visitante, permitiu que observássemos a presença de torcedores avulsos “com alma” que, na ausência de componentes filiados aos MOTs e em ações descoordenadas, tomam para si o papel de *defensores do território* contra a presença do “inimigo” próximo. Em relação ao comportamento do contingente forasteiro perante os adeptos locais, podemos destacar o fato de a claque posicionada nos setores mistos vizinhos ser praticamente ignorada, como se, para eles, não merecessem a percepção na qualidade de “verdadeiros” torcedores.

O envolvimento do grupo Odebrecht, detentor de 95% das ações do Consórcio Maracanã S.A., em práticas ilícitas investigadas no âmbito da operação Lava-Jato, culminou com a prisão de seus principais dirigentes e desestruturou financeiramente a *holding* que comanda a organização. Tal fato, somado aos prejuízos acumulados com a administração do complexo esportivo, fez com que o grupo detentor da concessão procurasse repassar o direito de administrar o complexo a outra empresa ou mesmo devolvê-la ao governo estadual. Dois grupos passaram a concorrer pelo direito de uso da área: o primeiro, resultante da união entre CSM, GL Events e Amsterdam Arena, contava com o apoio da diretoria do Clube de Regatas do Flamengo, que, por sua vez, reforçara a intenção de não utilizar as dependências do estádio caso a concessão fosse entregue ao consórcio firmado pelas empresas Lagardère e BWA. O Fluminense Football Club, outra parte interessada, preferiu adotar uma postura neutra, exigindo apenas o cumprimento do acordo estabelecido com o Consórcio Maracanã S.A. e com duração prevista até 2048.

Como resultado, poucos meses após a cerimônia de encerramento dos Jogos de 2016, o estádio encontrava-se em estado de abandono, sem luz elétrica, com diversas áreas inundadas e com parte do patrimônio dilapidada em razão de sucessivos furtos. Mesmo com a situação indefinida, em meados do primeiro semestre de 2017, o estádio voltou a ser utilizado para sediar partidas dos Campeonatos Estadual e Brasileiro e das Copas do Brasil, Libertadores da América e Sul-Americana.

Em razão de sua complexidade, podemos aludir à existência de dois estádios: o primeiro, “rebatizado” como Arena Maracanã, procura reproduzir o espaço concebido pelos atores hegemônicos, projetado para abrigar eventos voltados ao entretenimento pago,

relacionados ou não ao futebol, com potencial para atrair um público de maior poder aquisitivo; o segundo, ao qual dedicamos a maior parte da nossa análise, é o Estádio Mário Filho, o Maracanã do cotidiano, do espaço vivido por torcedores e espectadores, que carrega consigo um conjunto de práticas e usos construídos e reconstruídos desde a sua inauguração, em 1950. No nosso entendimento, ambos devem ser compreendidos como uma mesma forma dotada de funções complementares. Parece carecer aos administradores e dirigentes uma compreensão acerca dessa possibilidade de coexistência.

Caberia à arena abrigar eventos (incluindo partidas de futebol de caráter decisivo) que possibilitem a geração de renda suficiente para tornar rentável a operação desse equipamento multifuncional ao longo do ano. O estádio exerceria a função de transformar em hábito a ida às partidas de futebol como forma de atrair, resgatar, cativar e renovar o público frequentador. A cobrança de valores adequados à realidade da maior parte da população brasileira abriria uma frente voltada à repopularização daquela icônica edificação dotada de uma forte centralidade popular. A geração indireta de renda para o gestor responsável (venda de espaços publicitários, *naming rights* para determinados setores, produtos nos bares e lojas encontrados na parte interna) compensaria ou minimizaria eventuais prejuízos. Para os clubes, um provável incremento do número de adesões ao programa de sócio-torcedor permitiria uma fonte de arrecadação contínua, independentemente da receita obtida nas bilheterias.

Sendo assim, o Maracanã pós-reforma/reconstrução resulta do embate entre diferentes oposições, tais como: atores hegemônicos x atores hegemonzados; verticalidades x horizontalidades; nomoespaço x genoespaço. Estas, por sua vez, geram diferentes combinações e recombinações que reforçam o caráter orgânico do mítico estádio carioca, transformando-o em um objeto difícil de capturar e em constante transformação, onde o espaço vivido não corresponde ao espaço concebido. Constatamos a produção de múltiplas territorialidades torcedoras de caráter efêmero no interior e nos arredores da arena hipersetorizada.

O presente trabalho compõe, portanto, uma fotografia resultante das observações realizadas no estádio das práticas cotidianas ao longo de 2015 e 2016. Compreendemos o Maracanã como um espaço apropriado pelas classes médias, resultante de um processo de elitização incompleta e/ou relativa, que acelerou o anterior processo de desterritorialização dos torcedores menos afortunados economicamente, sem que houvesse, entretanto, a substituição pelo perfil de público desejado pelas forças verticais.

Concluído o período de observações, constatamos que o espaço concebido pelos atores hegemônicos não conseguiu se impor plenamente aos conteúdos e tradições produzidos pelo

espaço vivido do estádio. Resgatando a crônica de Marcos Alvito, que abre o nosso trabalho, se o antigo estádio resta apenas na memória dos torcedores e nos registros audiovisuais, também é possível constatar que ele não foi plenamente apropriado como studio. Ao mesmo tempo, ambos não compõem entes indissociáveis. Acreditamos que seja viável a construção de um ambiente inclusivo, que combine o resgate de aspectos positivos relacionados ao estádio popular, compreendido como “uma forma de fazer cidade, de ter direito à festa, ao encontro, inventividade coletiva” (MASCARENHAS, 2014a, p. 31), com os avanços percebidos por uma expressiva parcela dos novos e antigos frequentadores após a sua arenização.

O Maracanã, público ou privatizado, deve se consolidar como *possibilidade* (no sentido proposto por Milton Santos) para o seu ressurgimento como espaço inclusivo, que contemple a carnavalização aliada à manutenção de um ambiente familiar, predominante até o início da década de 1970. Esse resgate somente será possível caso haja a negociação entre verticalidades e horizontalidades, atores hegemônicos e atores hegemonzados, o nomoespaço e o genoespaço, que resulte no respeito à coexistência entre diferentes classes sociais e entre práticas recentes e tradicionais de torcer/assistir às partidas de futebol.

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. *Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional*. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

AGUIAR, Reinaldo Olecio. Performances corporais mágico-religiosas dos torcedores de futebol. In: *Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCar*, v.1, n.1, p. 148-169, 2009.

ALVITO, Marcos. *A Rainha de Chuteiras: um ano de futebol na Inglaterra*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2014.

_____. *Dos botões aos bits: novas formas de torcer?* Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/dos-botoes-aos-bits-novas-formas-de-torcer/> Acesso em 31 de outubro de 2015.

_____. *Estádio-Studio ou o gol é apenas um detalhe*. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/estadio-studio-ou-o-gol-e-apenas-um-detalhe/> Acesso em 1 de julho de 2016.

ANDRÉ, Leonardo. Flamengo agora é ‘rosa-negro’. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 2003. Jogo Extra, p. 6.

ARAGÃO, Cristal Oliveira Moniz de. *Torcendo as torcidas: cartografias e representações sociais de torcedores no Rio de Janeiro*. 2013. 201 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução de Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994. (Coleção Travessia do século)

BALE, John. *Sports geography*. Second Edition. Routledge Taylor & Francis e-Library, 1993. _____. Foreword. In: GAFFNEY, Christopher Thomas. *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. University of Texas Press: Austin, 2008.

BANDEIRA, Gustavo Andrada. “Eu canto, bebo e brigo... alegria do meu coração”: currículo de masculinidades nos estádios de futebol. 2009. 128f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

BARRIENTOS, Maria Izabel G.G.; QUALHARINI, Eduardo L. *Retrofit de construções: metodologia de avaliação*. In: I CONFERÊNCIA LATINO-AMERICANA DE CONSTRUÇÃO SUSTENTÁVEL X ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO. São Paulo, 18-21, jul. 2004 (s.p).

BARROS, Paulo Cezar de. *Do Berço Histórico à Zona Periférica do Centro: Velhas Formas, Novos Castelos*. 2005. 290 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geografia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

- BIENENSTEIN, Glauco (et al). Grandes projetos: transformações e rupturas nos espaços urbanos – o caso do Engenheiro, no Engenho de Dentro, RJ. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Org.) *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011, p.167-193.
- BRAGA, Jorge Luiz Medeiros. As Torcidas Uniformizadas (Organizadas) de Futebol no Rio de Janeiro nos anos 1940. *Revista Esporte e Sociedade* (on line), ano 5, n. 14, mar. 2010, p. 1-19.
- BROMBERGER, Christian. Football as world-view and as ritual. *French Cultural Studies* 1995a, 6, p. 293-311. Disponível em <http://frc.sagepub.com/content/6/18/293.citation> Acesso em 14 de junho de 2016.
- _____. *Le Match du Football – Ethnologie d'une passion partisane à Marseille, Naples et Turin*, Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Paris, 1995b.
- _____. Pour une ethnologie du spectacle sportif. Les matchs de football à Marseille, Turin et Naples. In : ALTHABE, Gérard; FABRE, Daniel; LENCLUD, Gérard. *Vers une ethnologie du présent*. Paris: Éditions de la Maison des sciences de l'homme, Ministère de la Culture. Collection Ethnologie de la France, 7, 1996, p. 211-243.
- _____. As práticas e os espetáculos esportivos na perspectiva da etnologia. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 237-253, jul./dez. 2008.
- BRUNET, Roger (et al.). *Lés mots de la Géographie: dictionnaire critique*. Reclus- La Documentación Française, 1993.
- CAMARGO, Wagner Xavier de. *Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs*. 2012. 380 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012.
- CANALE, Vitor dos Santos. *Torcidas organizadas e seus jovens torcedores: Diversidades e normativas do torcer*. 2012. 121f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 2012.
- CAPITANIO, Ana Maria. *Mulher, gênero e esporte: a análise da autopercepção das desigualdades*. 2005. 103 f. Dissertação (Mestrado em Pedagogia do Movimento Humano) – Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/39/39133/tde-25112005-104034/pt-br.php> Acesso em 25 de janeiro de 2015.
- CASTRO, Demian Garcia. *"O Maraca é Nosso!": neoliberalização da cidade, elitização do futebol e lutas sociais em torno do Maracanã*. 2016. 258 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- CERETO, Marcos Paulo. *Arquitetura de Massas. O caso dos estádios brasileiros: Da Revolução de Vargas ao fim do milagre econômico*. 2003a. 322 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003a.

_____. Estádios Brasileiros de Futebol: uma Reflexão Modernista? In: *5 Seminário DecoMomo*, São Carlos, 2003. Anais 5º Seminário DecoMomo, São Carlos: Editora FTD, 2003b.

CLAVAL, Paul. O Território na Transição da Pós-Modernidade. *GEOGRAPHIA*, Revista de Pós-Graduação em Geografia da UFF, Niterói/RJ, UFF/EGG, ano 1, n. 2, 1999.

COELHO, Gustavo Rebelo. *Pixadores, Torcedores, Bate-Bolas e Funkeiros: enigmas no reino da humanidade esclarecida*. 2015. 216 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2015.

COMAS, Carlos Eduardo Dias. *Niemeyer e o Maracanã 1936*. 2011. Disponível em http://www.ufrgs.br/propar/publicacoes/ARQtextos/pdfs_revista_17/02_CC_NIEMEYER%20E%20O%20MARACANA~.pdf Acesso em 24 de junho de 2013.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Princípios da Centralidade*. 1969. Disponível em http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20%20RJ/CursodeFerias/Curso%20de%20ferias%20para%20prof%20de%20geografia%20do%20ensino%20medio_julho_1969_n15.pdf Acesso em 24 de junho de 2013.

COSTA, Anderson de Jesus. *O conteúdo emancipatório nas músicas de Bob Marley*. 2014. 102 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2014.

COSTA, Flávia Cesarino. *O primeiro cinema: espetáculo, narração, domesticação*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2005. 256 p.

COSTA, Leda Maria da. O que é uma torcedora? Notas sobre a representação e auto-representação do público feminino de futebol. *Revista Esporte e Sociedade*, ano 2, n. 4, nov. 2006/fev. 2007.

COUTINHO, Renato Soares. *Um Flamengo grande, um Brasil maior: o Clube de Regatas do Flamengo e o imaginário político nacionalista popular (1933 – 1955)*. 2010. 196 f. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

CURI, Martin; ALVES JUNIOR, Edmundo de Drummond; MELO, Igor Alves de; ROJO, Luis Fernando; FERREIRA, Melina Aurora Terra; SILVA, Robson Campaneruti de. Observatório do torcedor: o estatuto. In: *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, Campinas, v. 30, n. 1, p. 25-40, setembro de 2008.

DAMO, Arlei Sander. *DO DOM À PROFISSÃO: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. 2005. 435 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Faculdade de Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

DEBORD, Guy. *A Sociedade do Espetáculo*. 2003. Disponível em <http://www.ebooksbrasil.org/eLibris/socespetaculo.html> Último acesso em: 5 fev. 2015.

DIÁRIO OFICIAL DO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO. Poder Executivo. Ano XXII, n. 210. Sexta-feira, 23 de janeiro de 2009.

DOSSIÊ DO COMITÊ POPULAR DA COPA E OLIMPÍADAS DO RIO DE JANEIRO. *Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Mar. 2013. Disponível em http://www.observatoriodasmetrolopes.net/download/dossie_megaeventos_2013.pdf Acesso em 22 de junho de 2013.

_____. *Megaeventos e Violações dos Direitos Humanos no Rio de Janeiro*. Nov. 2015. Disponível em http://www.childrenwin.org/wp-content/uploads/2015/12/Dossie-Comit%C3%AA-Rio2015_low.pdf Acesso em 8 de abril de 2016.

ECO, Umberto. *Viagem na Irracionalidade Cotidiana/Umberto Eco*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini e Homero Freitas de Andrade. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1984.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A Busca da Excitação*. Coleção Memória e Sociedade. DIFEL, Lisboa, 1992.

ESTÁDIO JORNALISTA MÁRIO FILHO – Maracanã. Fernandes Arquitetos Associados 27 nov. 2013. *ArchDaily Brasil*. Disponível em <http://www.archdaily.com.br/156118/estadio-jornalista-mario-filho-maracana-fernandes-arquitetos-associados>. Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

ESPORTE INTERATIVO. *Torcida organizada do Vasco critica cartilha de conduta do torcedor no novo Maracanã*. Disponível em <https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/torcida-organizada-do-vasco-critica-cartilha-de-conduta-do-torcedor-no-novo-maracan%C3%A3-214625996.html>. Acesso em 28 de agosto de 2014.

FERNANDES, Daniel Hopf. A nova infraestrutura de arenas e a Copa de 2014: Impulsionando a Cadeia de entretenimento no Brasil. In: Futebol e desenvolvimento socioeconômico. *Cadernos FGV Projetos* (jun./jul. 2013). Ano 8, n. 22, 2013. p. 62-69.

FERNANDEZ, Renato Lanna. *FLUMINENSE FOOT-BALL CLUB - A construção de uma identidade clubística no futebol carioca (1902-1933)*. 2010. 195 f. Dissertação (Mestrado em História, Política e Bens Culturais) – Fundação Getúlio Vargas Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC. Rio de Janeiro, 2010.

FERREIRA, Fernando da Costa. *O bairro Vasco da Gama: um novo bairro, uma nova identidade?* 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2004.

_____. As múltiplas identidades do Club de Regatas Vasco da Gama. *Revista geo-paisagem* (on line). Ano 3, n. 6, jul./dez. 2004.

_____. Maracanã: de centralidade popular a arena para a sociedade do espetáculo. *Anais do XIII Simpósio Nacional de Geografia Urbana*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nov. 2013.

FERREIRA, Fernando. *Brasil, País do ingresso mais caro do Mundo*. PLURI Consultoria. Ago. 2014. Disponível em <http://www.pluriconsultoria.com.br/uploads/relatorios/pluri%20especial%20-%20precos%20ingressos%20mundo%2014.pdf> Acesso em: 25 jun. 2016.

FIFA. *Estádios de futebol: Recomendações e requisitos técnicos*. 5. ed., 2011.

FLORES, Luiz Felipe Baêta Neves. Na Zona do Agrião. Sobre Algumas Mensagens Ideológicas do Futebol. In: DaMATTÁ, Roberto (et al.). *Universo do futebol: Esporte e Sociedade Brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheque, 1982, p. 43-58.

FREIRE FILHO, José Maria de Sá. Apresentação da FTORJ. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MEDEIROS, Jimmy; TEIXEIRA, Rosana da Câmara (Org.). *A Voz da Arquibancada: narrativas de lideranças da federação de torcidas organizadas do Rio de Janeiro* (FTORJ). Rio de Janeiro: 7Letras, 2015, p. 15-17.

GAFFNEY, Christopher. A experiência do estádio. *Anais do IX SOLAR*. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, nov. 2004.

GAFFNEY, Christopher Thomas. *Temples of the earthbound gods: stadiums in the cultural landscapes of Rio de Janeiro and Buenos Aires*. University of Texas Press: Austin, 2008.

GALEANO, Eduardo. *Futebol ao Sol e à Sombra*. Tradução de Eric Nepomuceno e Maria do Carmo Brito. Porto Alegre: L&PM Editores, 2004. 240p.

GAMBETA, Wilson Roberto. *A bola rolou. O Velódromo Paulista e os espetáculos de futebol 1895-1916*. 2013. 408 f. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

GERAINT John; SHEARD, Rod; VICKERY, Ben. *STADIA. A Design and Development Guide*. Fourth Edition. Oxford: Architectural Press/Elsevier, 2007.

GILLON, Pascal; GROSJEAN, Frédéric; RAVENEL, Loïc. *Atlas du sport mondial. Business et spectacle: l'idéal sportif em jeu*. Paris: Éditions Autrement, 2012.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do futebol – Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria. 2002.

_____. Fanáticos, seguidores, fãs e *flâneurs*: uma taxonomia de identidades do torcedor no futebol. *Recorde: Revista de História do Esporte*, v. 5, n. 1, jun. 2012.

GOMES, Paulo César da Costa. *A Condição Urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GOVERNO DO RIO DE JANEIRO. Projeto Maracanã. Secretaria de Estado da Casa Civil, outubro/2012. Disponível em http://www.rj.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=5b86fed5-eb2b-47d3-89b4-b0e8cfc0b267&groupId=132901 . Acesso em 07 de agosto de 2016.

_____. Elementos do projeto básico e estudos arquitetônicos referentes às obras incidentais do complexo maracanã (anexo 3). Outubro/2012 Disponível

em http://www.rj.gov.br/c/document_library/get_file?uuid=5f4e4722-3c8c-489e-9d5a-2dac3122dba3&groupId=132901 Acesso em 07 de agosto de 2016.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. “Perdido numa intensidade focada” esportes e estratégias de reencantamento. *ALETRIA*, v. 15, jan./jun., 2007. Disponível em <http://www.letras.ufmg.br/poslit>. Acesso em 21 de junho de 2016.

HAESBAERT, Rogério. *Des-territorialização e Identidade: a rede “gaúcha” no Nordeste*. Niterói, EdUFF. 1997.

_____. Território e multiterritorialidade: um debate. *GEOgraphia*, ano IX, n. 17, 2007, p. 19-45.

HAESBAERT, Rogério e BRUCE, Glauco. A Desterritorialização na Obra de Deleuze e Guattari. In: *GEOGRAPHIA*, Revista do Programa de Pós-Graduação da UFF, ano 4, n. 7. Niterói, UFF/EGG, 2002, p. 7-31.

HALL, STUART. *A identidade cultural na pós-modernidade*/Stuart Hall. Tradução de: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HAMILTON, Aidan. *Um jogo inteiramente diferente! Futebol: a maestria brasileira de um legado britânico*. Rio de Janeiro: Ed. Gryphus, 2001.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de. *O clube como vontade e representação: o jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas de futebol do Rio de Janeiro (1967- 1988)*. 2008. 771 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC, 2008.

_____. A festa competitiva: formação e crise das torcidas organizadas entre 1950 e 1980. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 86-121.

_____. O fim do Estádio-nação? Notas sobre a construção e a remodelagem do Maracanã para a Copa de 2014. In: CAMPOS, Flávio de; ALFONSI, Daniela (Org.). *Futebol objeto das ciências humanas*. São Paulo: Leya, 2014, p. 321-346.

_____. *Entrevista Tia Aida* (parte 2) 19 mar. 2015. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/2326> Acesso em: 16 abr. 2015.

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos. Introdução. In:

HOLLANDA, Bernardo Borges Buarque de; REIS, Heloísa Helena Baldy dos (Org.). *Hooliganismo e a Copa de 2014*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2014, p. 13-19.

HOLZER, W. Uma Discussão Fenomenológica Sobre os Conceitos de Paisagem e Lugar, Território e Meio Ambiente. In: *Revista Território*, ano II, n. 3, jul/dez. 1997.

HOLZMEISTER, Antonio. *A virada econômica do futebol: observações a partir do Brasil, Argentina e uma Copa do Mundo*. 2010. 228 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) –

Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

HOUAISS, Dicionário *online*. Disponível em <http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=arena>
Acesso em: 9 dez. 2014.

HUIZINGA, Johan. *Homo Ludens*. 4. ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 2000.

INGLIS, Simon. *The Football Grounds of Great Britain*. London: Willow, 1987.

LEFÈBVRE, Henri. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *A produção do espaço*. Tradução de: Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins. 4. ed. Paris: Éditions Anthropos, 2006.

MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

MALAIA, João M.C. Torcer, torcedores, torcedoras, torcida (bras.): 1910-1950. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 53-85.

MALHANO, Clara E.S.M.B. *São Januário: arquitetura e história*. Rio de Janeiro: Mauad, FAPERJ, 2002.

MARTINS, José de Souza. As temporalidades da História na dialética de Lefebvre. In: MARTINS, José de Souza (Org.). *Henri Lefebvre e o retorno à dialética*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MASCARENHAS, Gilmar. Construindo a Cidade Moderna: a Introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro: CPDOC (Fundação Getúlio Vargas), n. 23, jun. 1999. p. 17-39.

_____. À geografia dos esportes, uma introdução. *Scripta Nova*, n. 35, 1 de marzo de 1999. Disponível em <http://www.ub.edu/geocrit/sn-35.htm>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2015.

_____. O lugar e as redes: futebol e modernidade na cidade do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G. e RIBEIRO, M. (Org.). *Estudos de Geografia Fluminense*. Rio de Janeiro: Infobook, 2002a, p. 127-142.

_____. A viagem do futebol através da história. *JB/Caderno Idéias*, 25 maio 2002, Rio de Janeiro, 2002b.

_____. Globalização e espetáculo: o Brasil dos megaeventos esportivos. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORI, Mary & MELO, Victor Andrade de. (Org.). *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora UNESP, 2009, p. 505-533.

_____. Um jogo decisivo, mas que não termina: a disputa pelo sentido da cidade nos estádios de futebol. *Revista Cidades*, Presidente Prudente – SP, v. 10, n. 17, p. 142-170, 2013a.

_____. A copa do mundo de 1950 e sua inserção na produção do espaço urbano brasileiro. *Geo UERJ*, v. 2, p. 1-22, 2013b.

_____. “Não vai ter arena”: futebol e direito à cidade. *Revista Advir / Associação dos Docentes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Asduerj, n. 32, p. 24-38, jul. 2014a.

_____. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2014b.

_____. Copa 2014: o modelo e as tensões em torno da nova geração de estádios no Brasil. In: II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS SOBRE FUTEBOL SÃO PAULO, 13 a 16 de maio de 2014, São Paulo, 2014c.

_____. *Território, cultura e cidadania nos mega-eventos esportivos: notas sobre citymarketing para a Copa do Mundo no Brasil (2014)*. Mimeo. s/d.

_____. Encontros e desencontros na cidade: a reinvenção do estádio de futebol. In: CORNELSEN, E.; AUGUTIN, G.; SILVA, S. (Org.). *Futebol, Linguagem, Artes, Cultura e Lazer*. Rio de Janeiro: Jaguatirica, 2017. No prelo.

MASCARENHAS, Gilmar; GAFFNEY, Christopher . O estádio de futebol como espaço disciplinar. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FOUCAULT PERSPECTIVAS, Florianópolis, 2004.

MASCARENHAS, Gilmar; OLIVEIRA, Leandro Dias de. Adeus ao proletariado?: A dimensão simbólica do estádio da cidadania. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Volta Redonda – RJ, v. 101, p. 1, 2006.

MELO, Victor Andrade de. *Cidade sportiva: primórdios do esporte no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará: FAPERJ, 2001.

_____. Por uma história do conceito de esporte: diálogos com Reinhart Koselleck. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*, v. 32, p. 41-57, 2010.

_____. *Sportsmen*: os primeiros momentos da configuração de um público esportivo no Brasil. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 9-52.

MENEZES, Isabela Trindade. *Entre a Fúria e a Loucura Análise de duas formas de torcer pelo Botafogo Futebol e Regatas*. 2010. Dissertação (Mestrado em Memória Social) – Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, Rio de Janeiro, 2010.

MORAIS, Maria do Carmo Lima; ARAUJO, Patrícia Carla Viana de. O reggae, da Jamaica ao Maranhão: presença e evolução. In: IV ENECULT - Encontro de Estudos

Multidisciplinares em Cultura, 28 a 30 de maio de 2008, Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador, Bahia.

MOURA, Gisella de Araujo. *O Rio corre para o Maracanã*. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getulio Vargas, 1998.

MURAD, Maurício. Futebol e cinema no Brasil: um enredo. *Revista de História*, São Paulo, n. 163, p. 191-206, jul./dez. 2010.

_____, Mauricio. *A violência no futebol*. São Paulo: Saraiva, 2012.

MUSÉE OLYMPIQUE LAUSANNE. The Olympic Museum, 2nd Edition 2007. Tradução. Gustavo Soares Marcos, 2010. Disponível em http://www.jogosdequelfes.com/uploads/3/2/3/7/3237413/os_jogos_olmpicos_na_antiguidade.pdf Acesso em 5 de dezembro de 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo (10), dez. 1993, p.7- 28.

ORTIZ, Renato. Cultura, Modernidade e Identidades. In: SCARLATO, Francisco Capuano et alli. *O novo mapa do mundo: globalização e espaço Latino-Americano*. São Paulo: Hucitec, , 1994, p. 20-27.

PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998, 387 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. Resultados Gerais do IDERio 2015. Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro, 2016. Disponível em https://drive.google.com/file/d/0B_siGi6JUyfDaVVsaGtJUUhWWIE/view?pref=2&pli=1 Acesso em 09 de julho de 2016.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. LEI Nº 10.671, DE 15 DE MAIO DE 2003. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.671.htm. Último acesso em 8 de fevereiro de 2015.

RAFFESTIN, Claude. *Por uma geografia do poder*. São Paulo, Ática, 1993.

RAIMUNDO, Andréa de Oliveira et. al. *TRANSFORMAÇÕES E RETRANSFORMAÇÕES NO BAIRRO MARACANÃ*. PET Geografia UERJ, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Publicado em [http://www.enapet.ufsc.br/anais/Tranformacoes e Retransformacoes no Bairro Maracana.pdf](http://www.enapet.ufsc.br/anais/Tranformacoes_e_Retransformacoes_no_Bairro_Maracana.pdf) (s/d). Acesso em 04 de maio de 2013.

REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Lei geral da Copa, álcool e o processo de criação da legislação sobre violência. *Revista Movimento*, Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 69-99, jan/mar de 2012.

RIAL, Carmem. *Entrevista Carmem Rial* (parte 2). Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1231> Último acesso em 27 de janeiro de 2015.

RODRIGUES, Francisco Carvalho dos Santos. *Amizade, trago e alento. A Torcida Geral do Grêmio (2001- 2011) da rebeldia à institucionalização: mudanças nas relações entre torcedores e clubes no campo esportivo brasileiro*. 2012. 140 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

RUBIO, Kátia. Jogos Olímpicos da Era Moderna: uma proposta de periodização. *Revista Brasileira de Educação Física e Esporte*, São Paulo, v. 24, n. 1, p. 55-68, jan./mar. 2010.

SACK, Robert. *Human Territoriality. Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SALGADO, Diego (et al). Introdução. In: SOUSA, Marcos de (Org.). *Arenas do Brasil: arquitetura e engenharia nos estádios brasileiros para a Copa de 2014*. 1 ed. São Paulo: Mandarim, 2014.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Os processos de globalização. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). *A globalização e as ciências sociais*. São Paulo: Editora Cortez. 2002, p. 25-102.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2004.

_____. *A natureza do espaço: espaço e tempo, razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

_____. O Papel Ativo da Geografia. Um Manifesto. *Revista Território*. Rio de Janeiro, ano V, nº 9, p. 103-109, jul./dez., 2000.

SEVCENKO, Nicolau. Futebol, metrópoles e desatinos. *Revista USP: Dossiê Futebol*, São Paulo: EdUSP, n. 22, p. 30-37, 1994.

SILVA, Giovana Capucim e. *Os ecos do silêncio: a homofobia no futebol*. Disponível em <http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquivancada/artigo/381>. Último acesso em: 27 jan. 2015.

SOARES, Antonio Jorge & LOVISOLO, Hugo. O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos. In: HELAL, Ronaldo. *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001, p. 123-133.

SOARES, Maria Therezinha de Segadas. *O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro*. In: BERNARDES, Lysia M.C e SOARES, Maria T.S.. *Rio de Janeiro: cidade e região*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf Cultural, Divisão de Editoração, 1995. p.105-120.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O Bairro Contemporâneo: Ensaio de Abordagem Política. *Revista Brasileira de Geografia*, p. 139-172, 1989.

SUSSEKIND, Helio Carlos. *Futebol em dois tempos*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará Prefeitura, 1996.

TAYLOR. Lord Justice (Chairman). *Home office the hillsborough stadium disaster 15 april 1989 inquiry by the rt hon lord justice taylor final report*. Presented to Parliament by the Secretary of State for the Home Department by Command of Her Majesty January 1990. London: HMSO, 1990.

TEIXEIRA, Roberto Sander. *Anos 40: viagem à década sem Copa*. Rio de Janeiro: Bom Texto, 2004.

TEIXEIRA, Rosana da Câmara. Os perigos da paixão: filosofia e prática das Torcidas Jovens Cariocas. 1998. 221 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1998.

_____. Futebol, emoção e sociabilidade: narrativas de fundadores e lideranças dos movimentos populares de torcedores no Rio de Janeiro. *Revista Esporte e Sociedade*, ano 8, n. 13, mar. 2013.

TOLEDO, Luiz Henrique de. *Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional*. 2000, 348 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

_____. Políticas da corporalidade: socialidade torcedora entre 1990 – 2010. In: HOLLANDA, Bernardo Buarque de (et al.). *A torcida brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p. 122-158.

TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

UNZELTE, Celso. *O livro de ouro do futebol*. São Paulo: Ediouro, 2002.

VAINER, Carlos. Prefácio à edição. In: MASCARENHAS, Gilmar; BIENENSTEIN, Glauco; SÁNCHEZ, Fernanda (Org.). *O jogo continua: megaeventos esportivos e cidades*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011, p. 9-15.

VIEIRA, Cláudio. *Maracanã, templo dos deuses brasileiros*. Rio de Janeiro: C. Vieira, 2000. 150 p.

VOGEL, Arno. O Momento Feliz – Reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In: DaMATTA, Roberto (et al). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakothèque, 1982, p. 75-115.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Tomaz Tadeu da Silva (Org.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

APÊNDICE A – Resumos dos jogos observados no Maracanã

JOGO 01: FLAMENGO 2X0 BOAVISTA (NORTE INFERIOR)

Em uma partida disputada na quinta-feira seguinte ao Carnaval, demorei uma hora e meia na fila para comprar o meu ingresso, entrando no estádio após as 20h30, já com o segundo tempo em andamento. O público, composto em boa parte por turistas nacionais e estrangeiros, parecia não se incomodar com a situação, esperando pacientemente. Os mais apressados optavam por adquirir entradas com cambistas.

Na parte interna, me surpreendi ao constatar que a torcida do Flamengo (que não chegou a 25.000 presentes) estava confinada nos setores Sul e Oeste inferior, enquanto a maior parte do estádio permanecia fechada. Entretanto, para uma parte considerável da plateia, a maior preocupação parecia ser a de tirar fotos e *selfies* dentro do estádio, tendo a partida de futebol como mero pretexto. A área reservada às pessoas com deficiência física foi utilizada em diversos momentos como “mirante” e local para registros audiovisuais.

A frieza da torcida do setor Norte inferior me impressionou de forma negativa, afinal, era a minha primeira experiência direta com os adeptos rubro-negros. No caminho de volta para casa, escutei de um torcedor que conversava com outras pessoas, que a culpa pela demora em entrar no estádio seria dele e dos demais frequentadores, pois deveriam ter comprado o ingresso de forma antecipada. Continuou dizendo que bom mesmo era ser sócio-torcedor, porque não precisaria perder tempo nas filas. Ledo engano. Observei que eles também sofreram com o caos nas bilheterias.

No dia seguinte, o Consórcio Maracanã S.A. corroborou a fala do torcedor, culpando o público pela longa espera. Afinal, pouquíssimos foram aqueles que adquiriram entradas de forma antecipada e mais de 15.000 ingressos foram vendidos a partir das 17 horas. Além disso, 66 das 92 bilheterias permaneceram abertas. Comecei a imaginar como eles procederiam na época em que o estádio recebia públicos superiores a 150.000 torcedores.

JOGO 02: BOTAFOGO 1X0 FLAMENGO (SUL SUPERIOR)

Ao contrário do que presenciara na partida Flamengo 2x0 Boavista, a maior parte do público que compareceu ao estádio estava interessada em torcer. Observei de perto a claque botafoguense que, apesar de bem menos numerosa do que a rubro-negra, em diversos momentos chegou a superá-la no grito e, principalmente, na empolgação. Ao que parece, com a hipersetorização atual do estádio, que limitou o espaço reservado às torcidas aos setores superiores Sul e Norte, há uma tendência à aproximação e à mistura de diferentes coletivos torcedores com diferentes propostas. Ao conjunto desses agrupamentos, chamarei de Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs), que vêm criando modos híbridos de torcer.

Como estratégia de se fortalecer contra o maior rival, no setor Sul superior, atrás do gol, uma torcida organizada tradicional (*Fúria Alvinegra*) se aliou a uma torcida de alento (*Loucos pelo Botafogo*), além de torcedores avulsos de comportamento participativo (aos quais chamaremos de *satélites*), que optaram por se sentar próximo a esses núcleos sem pertencer formalmente a eles. Nas duas extremidades, agrupamentos que combinam duas paixões: o Botafogo e bebidas alcoólicas (*Fogoró* e *Botachopp*). A proximidade entre grupos com propostas diferentes contribuiria para a formação desses modos híbridos de torcer, que se combinariam e recombinariam constantemente em uma oposição ao modo padronizado de assistir às partidas, concebido pelos administradores das “arenas padrão FIFA”.

Naquele ponto do estádio, predominava um modo muito mais horizontal (e tradicional) de torcer, caracterizado pela ausência de lugares marcados; a presença (controlada) de bandeiras de mão, com mastro de bambu e bandeirões; o apoio incondicional à equipe; músicas de exaltação ao clube e depreciativas ao adversário, entoadas com empolgação; e a possibilidade tanto de torcer de pé (MOTs e *satélites*) quanto sentado (avulsos afastados dos MOTs). O componente tecnológico também participaria desse processo de hibridização. No momento subsequente ao gol do Botafogo, uma jovem sacou o celular para enviar uma mensagem a alguém. Isso sem contar aqueles que se preocupam mais em filmar e fotografar do que em comemorar. Para eles, a celebração passa a ser um ato individual, compartilhado com os “amigos” dos “mundos” real (colegas, parentes e desconhecidos sentados nas cercanias) e virtual, obedecendo à seguinte ordem: vibrar, registrar, postar, curtir e compartilhar.

JOGO 03: FLUMINENSE 1X1 TIGRES DO BRASIL (OESTE INFERIOR)

De todas as quarenta e duas partidas a que assisti no Maracanã em 2015, essa foi a que apresentou as menores renda, valor *per capita* cobrado pelo ingresso, público pagante e público total. Também registrou a maior porcentagem de gratuidades, dado que permite especular de que se tratava de uma oportunidade ideal (apesar das condições atmosféricas desfavoráveis) para apresentar o estádio à família, principalmente às crianças. A pequena afluência de público, mesmo com a cobrança de entradas “baratas”, mostra que preços baixos não constituem o único fator de atração de torcedores. A qualidade do espetáculo, a fase do time do coração, o adversário, a presença de um ídolo e o aspecto decisivo da partida também podem ser citados.

Como ponto positivo, observei a presença de dois grupos distintos, compostos por três mulheres (uma adulta acompanhada de duas meninas). Elas gastaram naquela tarde-noite chuvosa de sábado apenas trinta reais em ingressos (uma inteira e duas gratuidades), o que nos leva a acreditar que alguns arranjos familiares ou de grupos de amigos tenham condições de escapar ao processo de elitização em curso. No setor Oeste, o público apresentava um comportamento frio que não deve servir como parâmetro para conclusões definitivas. Duas crianças que estavam naquele local, em momentos distintos, tinham como principal diversão “brincar” de super-herói lutando contra os assentos retráteis, que cumpriam o papel de vilões imaginários.

Outra constatação interessante foi a coexistência de duas territorialidades distintas em torno do complexo: a primeira, relacionada à territorialidade tricolor no Estádio Mário Filho, compreendido como um território do futebol; a segunda, uma territorialidade ligada à realização de um evento de *Mixed Martial Arts* (MMA), no Ginásio Gilberto Cardoso (Maracanãzinho), que não deve ser compreendido como um território das artes marciais, já que este equipamento foi construído para abrigar diversos esportes (principalmente voleibol e basquetebol).

A presença de modelos recrutadas como divulgadoras da marca de energéticos TNT vestidas com roupas coladas ao corpo, com a estampa do logotipo da patrocinadora do evento de lutas, surgiu como contraponto à expressiva presença feminina que se dirigiu ao estádio de futebol como público e não como mercadoria.

JOGO 04: VASCO DA GAMA 1X1 BOTAFOGO (MARACANÃ MAIS)

Esta partida representou a oportunidade de realizar o sonho de ir ao estádio acompanhado da família e de tentar fazer com que Fernanda (cinco anos) e Helena (dois anos) seguissem os pais como torcedoras do Vasco da Gama. Preocupada com a segurança das crianças, Viviane, minha esposa, impôs duas condições: não poderia ser uma partida contra o Flamengo; teríamos de ir ao setor Maracanã Mais.

A configuração interna e os hábitos encontrados naquela parte do estádio em nada lembram o antigo Maracanã (escada rolante, recepcionistas, uso de pulseira de identificação, praça de alimentação “padrão” *shopping center*). Concebido para atender um público com maior poder aquisitivo, não necessariamente apaixonado por futebol, e que deseja distância da “desordem” associada aos setores ocupados pelos Movimentos Organizados de Torcedores (MOTs), tem como principais atrativos a possibilidade de consumir livremente bebidas não alcoólicas e de usufruir de um serviço de *buffet* (há uma taxa de quarenta e cinco reais embutida no preço do ingresso), além de ocupar um assento localizado em uma posição central, próxima do campo de jogo. Não há gratuidades, não pode torcer de pé e é preciso respeitar o lugar marcado.

Entretanto, em razão da chuva fina e como o setor não estava cheio, o próprio segurança sugeriu que procurássemos um lugar ao abrigo das intempéries, localizado mais acima, onde poderíamos permanecer caso os “donos” dos assentos não aparecessem. O público presente era composto basicamente por torcedores das classes média e média-alta, de perfil familiar (inclusive com algumas crianças e idosos), com muitos casais, poucos negros (reflexo da desigualdade socioeconômica do nosso país) e de comportamento muito mais contemplativo do que participativo, permanecendo sentado a maior parte do tempo.

Fernanda, ao ver as bandeiras tremulando freneticamente e a festa promovida pelos MOTs do Vasco da Gama no setor Sul superior, apontou naquela direção e disse que queria ir para lá naquele momento. Expliquei que não seria possível mudar de setor e prometi que a levaria em outra oportunidade. Encantada, disse que queria voltar ao estádio mil vezes e ir “pro meio da bagunça”. No momento dos gols, mesmo com torcedores das duas equipes lado a lado, não verifiquei nenhum atrito. A vibração foi intensa, porém breve. Mais do que respeito ao adversário sentado por perto, era hora de registrar a festa das torcidas, confinadas atrás das duas balizas.

JOGO 05: FLAMENGO 3X0 FLUMINENSE (NORTE SUPERIOR)

Na parte externa do estádio, chamou a atenção (mais uma vez) a existência de múltiplas territorialidades no bar localizado em frente ao acesso C, na rua Professor Eurico Rabelo, apropriado nos momentos que antecedem as partidas por torcedores que ocupam o setor Sul. Na partida em questão, aquele território foi ocupado pelos simpatizantes do Fluminense como um todo e pela torcida *Força Flu* que, em determinado momento, desfilou em frente àquele estabelecimento, entoando cânticos de incentivo e de guerra acompanhada por um pelotão de filmagem.

Sempre que um torcedor portando um símbolo rubro-negro passava, era alvo de ofensas verbais e, em casos extremos, de agressões físicas, como foi o caso do torcedor que, com sinais de embriaguez, além de apanhar, teve a camisa arrancada. Junto ao acesso D (Bellini), encontrei o geógrafo Rennan Rabello, que envergava o mesmo “manto sagrado” que usara quinze anos atrás, também em um domingo de Páscoa, quando o Flamengo fora goleado pelo Vasco da Gama por 5x1. Para ele, mesmo que o adversário fosse outro, o que importava era a data e aquela camisa merecia ser “exorcizada”.

Dentro do estádio, na área de circulação do setor Norte (nível 2), uma animada celebração congregava torcedores avulsos, movimentos e torcidas organizadas materializando um modo de torcer híbrido. Nas arquibancadas, a vibração era intensa, fruto da aliança entre a torcida *Fla Mangueira* e o movimento *Nação 12*, reforçada pela presença em torno desse agrupamento de avulsos dispostos a torcer intensamente ou então a sentir o calor da massa (*satélites*). Todos torciam de pé (alguns com os pés e pulando sobre as cadeiras), cantavam músicas, agitavam bandeirinhas, bandeiras, bandeirões (*Urubuzada*) e, em determinados momentos, balões nas cores branca, vermelha e preta, além de papel picado no momento da entrada do Flamengo.

Os avulsos mais afastados e aqueles que ocupavam o nível 1 permaneciam sentados. O grito de *festa na favela!*, ao ritmo de paródia da canção *Sorte Grande*, ecoava por boa parte do estádio. A vitória rubro-negra exorcizou, ao mesmo tempo, a camisa “amaldiçoada” de Rennan e a decepção que eu sentira em minha experiência com a maior torcida do país.

JOGO 06: FLUMINENSE 2X1 BOTAFOGO (NORTE INFERIOR)

Dos doze clássicos locais assistidos ao longo de 2015, este foi o que apresentou a maior porcentagem de gratuidades sobre o público total (13,53%). Sendo assim, predominava um ambiente familiar, especialmente no setor Norte inferior (nível 1), ocupado pela torcida do Botafogo, local das minhas observações. Apesar das normas disciplinares menos rígidas do que as impostas aos setores mistos, os seguranças cumpriam a função de fiscais de comportamento, atuando de forma preventiva, impedindo principalmente que algum incauto ocupasse as proximidades dos túneis de acesso ou permanecesse de pé nas áreas reservadas a cadeirantes, obstruindo a visão de quem estava atrás. Merece destaque a abordagem educada desses agentes com os torcedores que permaneciam de pé.

Havia também um pequeno grupo de torcedores que ocupava os assentos das primeiras fileiras, localizadas junto à mureta que faz o limite com a área gramada. Como o setor não estava cheio, eles tinham certa liberdade para permanecer de pé. O público apresentava um comportamento próximo ao do espectador, permanecendo sentado durante a maior parte da partida. Pouquíssimos foram os palavrões que escutei ao longo da contenda. Em comparação com os frequentadores dos setores mistos, entretanto, havia uma maior disposição para participar da festa emanada dos setores superiores.

Ao contrário do apoio incondicional demonstrado especialmente pelo movimento *Loucos pelo Botafogo*, a chama dos avulsos do Norte inferior se acendia apenas durante os bons momentos da equipe dentro das quatro linhas, quando muitos se levantavam e cantavam as músicas mais conhecidas, com destaque para o hino do clube. Poucos eram aqueles que arriscavam coreografias. Pode-se dizer que a participação mais ativa da torcida do nível 1 se fazia presente apenas de forma consentida.

Naquela porção do estádio, pude encontrar também alguns torcedores folclóricos (cujas performances ganhavam destaque da imprensa no antigo setor popular conhecido como Geral) caracterizados com vestimentas exóticas. A princípio, imaginava que o seu maior prazer fosse o de aparecer para as câmeras de televisão (torcedores atores), mas percebi que o que mais lhes alegrava era poder se sentir “queridos” dentro daquele grupo, sendo bastante prestativos sempre que requisitados para tirar fotos com torcedores (especialmente com o público infantil), preferindo circular entre os presentes a terem a imagem projetada nos telões do estádio (algo que também não lhes incomoda), sentindo-se então como parte ativa do espetáculo (torcedor artista).

JOGO 07: VASCO DA GAMA 0X0 FLAMENGO (SUL SUPERIOR)

Em contraste com a partida do dia anterior, o ambiente de Vasco x Flamengo não apresentou qualquer aspecto familiar. A começar pelo forte aparato de vigilância presente dentro e fora do estádio. No bar localizado em frente à entrada Sul C, uma fileira de policiais do Grupamento Especial de Policiamento em Estádios (GEPE) impedia que os cruzmaltinos fechassem a rua Professor Eurico Rabello para a circulação dos automóveis e que torcedores adversários que passassem nas imediações tivessem sua integridade física posta em risco.

Como presenciara no clássico Flamengo 3x0 Fluminense, a área de circulação do nível 2 (dessa vez no setor Norte) foi apropriada como espaço de festa tanto pelos MOTs vascaínos quanto pelos avulsos que se juntavam a eles ajudando a construir modos híbridos de sentir o que Christopher Gaffney chama de “a experiência do estádio”. A destacar, a forte presença feminina na torcida *Força Independente*, tendo, inclusive, uma de suas componentes a responsabilidade de marcar o ritmo da celebração com a batida do bumbo.

O perfil do público cruzmaltino apresentava uma maior diversidade étnica e socioeconômica, que contrastava com a assistência predominantemente branca e de classe média encontrada na partida Fluminense 2x1 Botafogo. No estádio como um todo, não havia tantas crianças e idosos, e as músicas contendo palavrões e ofensas ao rival eram entoadas insistentemente de lado a lado. Ao mesmo tempo, a vibração do público também era mais intensa, marcada por uma tensão constante.

No intervalo, pela primeira vez (no novo Maracanã), presenciei a ação dos policiais do GEPE, que procuravam afastar um grupo de vascaínos do setor Sul inferior que, pela grade, trocava insultos com flamenguistas que ocupavam o setor Leste inferior (misto, porém de ampla maioria rubro-negra). Nesse caso, a confusão não teve qualquer relação com as torcidas organizadas, sendo protagonizada por torcedores avulsos das duas partes, inclusive envolvendo pessoas que pagaram ingressos mais caros (caso do Leste inferior).

A tensão do pré-jogo e de dentro do estádio não cessou ao término da partida. Na área externa, apesar de não ter presenciado conflitos entre torcedores rivais, mesmo com o policiamento ostensivo, houve muita confusão e correria. Os nervos estavam à flor da pele. Lamentei profundamente ao constatar que dificilmente me sentiria seguro em levar minhas filhas para assistir a um encontro opondo Vasco da Gama x Flamengo.

JOGO 08: FLAMENGO 0X1 VASCO DA GAMA (SUL SUPERIOR NÍVEL 5)

Para o bem e para o mal, Vasco x Flamengo representa uma espécie de testemunho do antigo Maracanã. Ao mesmo tempo em que a tensão domina o ambiente e, volta e meia, explode em forma de conflito, a vibração produzida de parte a parte supera a de qualquer outro clássico. Há também uma série de práticas e rituais específicos para essas datas. A começar pelo bandeirão da *Urubuzada* em alusão ao gol marcado por Petkovic contra o rival, responsável pelo tricampeonato estadual do Flamengo. A inscrição PETKOVIC 27-05-2001 RECORDAR É VIVER não deixa dúvidas.

Por sua vez, a *Torcida Pequenos Vascaínos* tremulava uma bandeira com mastro de bambu e um desenho do ex-jogador Pedrinho comemorando um gol com o dedo indicador da mão esquerda junto à boca e a mão direita espalmada como se estivesse mandando o adversário calar a boca e se sentar. Nela, é possível ler a frase A MULAMBADA TODA CHORA. “Mulambada” representa o termo ofensivo equivalente ao que anteriormente representavam as expressões “urubu” e “favela”. Há também um “transbordamento” momentâneo da festa dos MOTs para o nível 1, que emprestou o seu espaço para a abertura do já citado bandeirão rubro-negro e, na outra ponta, do bandeirão da *Rasta* com a imagem do cantor jamaicano Bob Marley (paixão pelo clube e pelo consumo de maconha como traços identitários).

Assisti à partida no nível 5, ponto mais alto das arquibancadas. Dominado por torcedores avulsos que procuram um local mais calmo para acompanhar a partida sem se distanciar muito da festa promovida pelos MOTs, encontrei um novo modo de torcer ao qual chamei de “nível 6”. Nele, o aficionado permanece de pé acima da área reservada aos assentos e se desloca de maneira nervosa pela área de circulação interna ou pelos degraus do nível 5. Para eles, mais do que vibrar, torcer parece sinônimo de sofrer. No momento do pênalti que deu a vitória ao Vasco da Gama, me deparei com um torcedor cuja maior preocupação era, com o auxílio de um “pau de *selfie*”, encontrar o melhor ângulo para eternizar as suas reações tendo a torcida e o jogo como cenário. Se para os MOTs as bandeiras servem como extensões do corpo humano e tornam visualmente mais atraente a festa coletiva das arquibancadas, para o torcedor *high-tech*, o uso daquele bastão proporciona uma experiência individual. Na saída, os monitores de televisão espalhados pelas áreas de circulação interna foram refuncionalizados como pontos de celebração de torcedores que apontavam para o resultado da partida enquanto eram fotografados ou faziam seus autorretratos.

JOGO 09: VASCO DA GAMA 1X0 BOTAFOGO (NORTE SUPERIOR NÍVEL 5)

A caminho do estádio, no metrô, encontrei um grupo formado exclusivamente por mulheres que iriam juntas ao estádio. A diferença é que esse era composto por uma jovem, duas mulheres de meia idade e uma senhora septuagenária, todas torcedoras do Vasco da Gama e, pela conversa entre elas, antigas frequentadoras do Maracanã e de São Januário que, de acordo com as suas palavras, aproveitavam o fato de não ser uma partida contra o Flamengo, vislumbrando no Botafogo um adversário mais “tranquilo”.

Do lado de fora do estádio, mesmo se tratando do primeiro jogo da final do Campeonato Carioca, o ambiente em nada lembrava a tensão encontrada nas duas partidas anteriores disputadas entre Vasco e Flamengo. Mais uma vez, optei por assistir a partida no nível 5, dessa vez no setor Norte, ocupado pelo Botafogo. Além de encontrar o mesmo perfil de torcedor que na partida anterior (apenas menos nervoso em razão da menor rivalidade entre as equipes), pude ver que atrás do gol o movimento *Loucos pelo Botafogo* e a torcida organizada *Fúria Jovem* estavam torcendo lado a lado.

Procurei me posicionar alguns degraus acima de dois coletivos torcedores ligados ao consumo de bebidas alcoólicas: *Fogoró* (primeiro tempo) e *Botachopp* (segunda etapa), que procuravam incentivar a equipe com um modo de torcer que combina características dos movimentos e das organizadas tradicionais sem os “radicalismos” das duas (proposta de torcer em paz, mas sem apoiar a equipe de forma incondicional). Chamou atenção a nomenclatura das suas subdivisões, que fogem ao caráter militarizado presente em muitas organizadas. Enquanto a *Botachopp* se reparte em “barris”, a *Fogoró* opta pelo termo “alambiques”. Um deles, o *Alambique Jamaica*, indica a junção de três paixões: Botafogo, bebidas alcoólicas e maconha.

Tive a oportunidade de encontrar comportamentos antagônicos: enquanto o Botafogo pressionava a equipe adversária, um casal abandonava momentaneamente o incentivo à equipe, preferindo tirar uma *selfie*. Em outro momento, avistei um senhor sentado na última fileira, com os pés descalços, apoiados sobre o assento da frente e com um radinho de pilha encostado ao ouvido direito. O veterano torcedor parecia compor um testemunho do “velho” Maracanã, transportando para a arena uma forma de experienciar os jogos de futebol, comum nos antigos estádios, um contraponto aos novos modos de torcer e às rígidas normas de comportamento que procuram impor aos espectadores. Além disso, aproveitando-se da lei das gratuidades, ele pode ir sempre ao estádio sem pagar nada, “driblando” a elitização pretendida para o futebol.

JOGO 10: BOTAFOGO 1X2 VASCO DA GAMA (MARACANÃ MAIS)

A vitória na partida anterior e a perspectiva da conquista de um título estadual após doze anos fizeram com que a torcida do Vasco da Gama se mobilizasse em massa para a partida decisiva do campeonato estadual. Marcelo, meu amigo há três décadas, era um desses aficionados. Carioca de nascimento, mas residindo atualmente em Serra (ES), ainda não conhecia o novo Maracanã. Entretanto, seu interesse principal dizia respeito especificamente à oportunidade de estar presente à iminente celebração do seu time do coração.

A venda de ingressos teria início, pela internet, às 21 horas de terça-feira. Com a passagem aérea reservada, coube a Marcelo a missão de comprar as entradas. Após uma série de tentativas, do *site* do Maracanã ter “caído”, da utilização de diferentes *browsers* simultaneamente e de acompanhar relatos de torcedores via *twitter*, conseguiu comprar, na madrugada de quarta-feira, dois *tickets* para o setor Maracanã Mais.

Chegamos ao estádio com duas horas de antecedência e trocamos, sem problemas, os *vouchers* pelos ingressos na bilheteria 3A. Ao entrar no setor, sua primeira impressão foi positiva, ainda mais para quem estava acostumado com o “velho” Maracanã. Logo, tratou de estabelecer um paralelo com a parte interna dos ginásios que sediam partidas da NBA (*National Basketball Association*), a principal liga de basquetebol dos Estados Unidos. Disse também que poderia trazer tranquilamente seu filho de sete anos e que, até a sua esposa, torcedora do Flamengo, se sentiria confortável naquele ambiente.

Passando para as minhas impressões, o público presente, em comparação com a outra oportunidade em que lá estive (jogo 04), apresentava uma mudança de perfil dos frequentadores. O caráter decisivo da partida, disputada entre duas equipes sem histórico de confrontos violentos envolvendo os seus torcedores, aliado à manutenção do preço dos ingressos, que se esgotaram rapidamente para os setores menos caros, creio que tenham sido os fatores que fizeram com que o setor apresentasse uma maior diversidade tanto socioeconômica quanto de padrões de comportamento.

No setor Norte, o temor de que simpatizantes do Vasco da Gama “invadissem” a parte da área reservada exclusivamente à torcida alvinegra fez com que torcedores do Botafogo ocupassem os assentos localizados nos limites com os setores mistos, atuando como defensores daquele território. Na entrada das equipes, a exibição de mosaicos nos setores Norte e Sul criou um espetáculo de forte impacto visual, alvo dos *flashes* dos espectadores do Maracanã Mais. Se os botafoguenses buscavam incentivar a equipe com o lema SEREMOS CAMPEÕES, a torcida vascaína trabalhava com o simbólico. A exibição da frase O

MARACA É NOSSO DESDE 50 não procurava motivar os jogadores nem afrontar o adversário, mas representava uma forma de marcar posição, reforçando a posse sobre aquele território ocupado há mais de sessenta anos e do qual fora desterritorializada nas partidas disputadas contra o Fluminense, em razão da assinatura do contrato entre aquela agremiação e o Consórcio Maracanã S.A., no qual caberia à torcida tricolor a preferência sobre o setor Sul (também conhecido como “lado direito”) nas partidas disputadas no estádio.

Quanto ao comportamento do público no Maracanã Mais, apesar do respeito ao lugar marcado e de todos permanecerem sentados durante a maior parte da contenda, a ação superou a contemplação. Não foram poucos os momentos nos quais torcedores dos dois times, além de ofenderem a equipe de arbitragem, o técnico e atletas adversários, acompanharam gritos de incentivo e cânticos de apoio ao clube e de provocação ao rival vindos das arquibancadas. Quando a canção fazia referência ao Flamengo era possível perceber as duas partes unidas em coro.

Entre os principais personagens, há de se destacar a dupla, Marcus Vinícius e Paula Katherine, e a torcedora Bibi. Os dois primeiros, sentados na segunda fileira e vestidos com a camisa do Botafogo, tinham como interesse principal exibir uma faixa com a inscrição MÃE TÔ NA GLOBO Marcus Vinicius e Paula Katherine MOSSORÓ/RN sempre que alguma câmera apontava na sua direção (inclusive durante a comemoração dos gols do Vasco da Gama). Exemplo clássico de torcedores-atores.

Bibi (nome escrito nas costas de sua camisa do Botafogo), por sua vez, parecia muito mais uma *outsider*. Além de ter chegado aos 30 minutos, seu modo “exagerado” de apoiar a equipe causou, inicialmente, um misto de estranheza e aversão por parte dos torcedores rivais. Entretanto, bastaram alguns minutos para que a espontaneidade demonstrada no seu ato de torcer fizesse com que ela “virasse o jogo”, tendo a sua efusiva comemoração respeitada no momento do empate do Botafogo. Os mesmos torcedores que anteriormente se dirigiram a ela de forma um tanto agressiva no primeiro gol do Vasco da Gama mostraram-se mais compreensivos após o segundo tento cruzmaltino.

Durante a parada técnica da segunda etapa, um show de luzes emitidas por aparelhos de telefone celular tomou conta de três quartos do estádio (exceto o setor Norte). Eis uma prova de que o uso da tecnologia pode contribuir para enriquecer o espetáculo. Terminada a partida, o espírito esportivo demonstrado por Bibi, que, mesmo triste com a derrota, parabenizou e celebrou com a torcida adversária, fez dela uma *torcedora-artista*, no sentido de viver e compreender o futebol como arte e espetáculo.

JOGO 11: FLUMINENSE 1X0 JOINVILLE (SUL SUPERIOR NÍVEL 5)

Mesmo chegando à bilheteria quarenta minutos antes do início da partida, não pude assistir ao show de luzes programado para acontecer durante a entrada da equipe do Fluminense. Do lado de fora, camelôs vendiam bastões luminosos com as cores do clube. Acredito que não tenha sido coincidência, pois o setor informal tem como característica a capacidade de se adaptar às oportunidades que se apresentam como forma de maximizar seus ganhos.

Se, por um lado, a administração do Consórcio Maracanã S.A. colaborou com o espetáculo reduzindo a intensidade da iluminação para que as luzes ganhassem maior destaque, por outro, praticamente inviabilizou a sua exibição, em razão da confusão causada pela escalção de um número insuficiente de profissionais de apoio, que provocou longas filas, com constantes invasões. Um indivíduo destravava as grades móveis para, no meu entendimento, fazer com que os cambistas “cortassem” caminho em direção às bilheterias.

Há de se destacar a expressiva presença de torcedores do Joinville, cerca de mil pessoas. Muitos devem ter aproveitado a oportunidade para desfrutar de um final de semana na cidade do Rio de Janeiro. Apesar do horário das 21 horas marcado para o início da partida, era expressiva a presença de crianças no estádio, que, em razão da superlotação do setor Sul, alterou o perfil do torcedor que ocupa o nível 5. Penso que alguns pais tenham aproveitado o tom lúdico associado ao modo de torcer do movimento *Bravo 52* (pular, vibrar, apoiar a equipe e, especialmente, a presença das bandeirinhas tricolores agitadas de maneira incessante) como forma de cimentar a paixão de seus filhos pelo clube.

Interessante notar a localização da torcida *chopp Flu Beer* entre dois MOTs que, por vezes, parecem antagônicos: a já citada *Bravo 52* e a torcida organizada *Força Flu*, servindo como uma espécie de zona de amortecimento. Outro destaque foi a torcida *Garra Tricolor*, que exibiu, na mureta que faz a separação entre o campo de jogo e o setor Sul inferior (nível 1), uma faixa com a inscrição TODO APOIO AOS PROFESSORES como forma de protesto contra a forte repressão policial sofrida duas semanas antes pelos profissionais da educação do estado do Paraná. Esse fato fez com que o Maracanã ressurgisse como estádio na qualidade de espaço de contestação, deixando de lado a função que tentam lhe impor de arena como espaço de alienação.

JOGO 12: FLUMINENSE 0X0 CORINTHIANS (LESTE INFERIOR)

O setor Leste inferior foi construído seguindo o mesmo padrão do Oeste inferior e do Maracanã Mais. Nele, é adotado o sistema de torcida mista, os assentos são numerados e os lugares marcados (sem gratuidades), nos quais todos devem permanecer sentados. Há também um grande salão refrigerado que serve como praça de alimentação. A grande diferença reside no fato de, nas partidas disputadas em tardes ensolaradas, na parte Leste, em razão dos espectadores estarem voltados para o poente, sofrerem com o calor excessivo e com o incômodo provocado pela incidência da luz solar sobre o rosto durante parte do jogo.

Ao contrário do que ocorrera na partida contra o Joinville, dessa vez, a diretoria do Fluminense impôs um valor mais alto para o setor Norte, destinado à torcida adversária (R\$ 80 contra R\$ 50 para a parte Sul), o mesmo cobrado para o Leste inferior. Mesmo assim, havia uma significativa proporção de torcedores do Corinthians naquela porção mista (inclusive de crianças e idosos) que, fugindo ao estereótipo associado ao “clube da massa”, apresentava um perfil socioeconômico e comportamental bastante parecido com o dos tricolores e turistas que ocupavam o mesmo setor.

Mesmo distante, era possível perceber que a “massa” corinthiana vibrava intensamente e permanecia de pé no setor Norte (superior e inferior). Questionei-me sobre a razão da preferência de tantas pessoas em se misturar a torcedores adversários a juntar-se àqueles que compartilham da mesma paixão clubística. Na área exclusivamente a eles destinada, havia também a possibilidade de, além de estar em uma área totalmente protegida pela sombra, não pagar pelas entradas para menores de 12 anos e pessoas acima de 65 anos. Seria desconhecimento em razão de nunca terem vindo antes ao estádio? A preferência por uma posição central, com melhor visão do campo de jogo? Desejo de assistir ao jogo sentado, distante da “confusão” e sem ser incomodado por torcedores em pé à sua frente? Sentir-se mais à vontade ao lado de pessoas com um perfil socioeconômico e de comportamento parecido com o seu, mesmo que não compartilhem da mesma identidade clubística? Medo da imagem associada à própria torcida?

JOGO 13: FLUMINENSE 2X0 CORITIBA (SUL SUPERIOR)

Após a recente vitória sobre o Flamengo, aliada ao fato de a partida coincidir com o início do mês (quando boa parte dos trabalhadores acabou de receber os seus salários), em um feriado, numa agradável tarde ensolarada de outono e contra um adversário “pouco expressivo”, era possível imaginar que um grande contingente de torcedores do Fluminense iria ao estádio. Não para os responsáveis pela organização do jogo. O que deveria ser um agradável programa em família acabou se transformando em um exercício de paciência e em (mais um) episódio de desrespeito ao torcedor.

Filas enormes se formaram junto às bilheterias, e os ingressos para o setor Sul se esgotaram. A venda de entradas para o setor Norte começou com a partida em andamento e, ainda durante a segunda etapa, era possível ver pessoas chegando. A demora em abrir mais uma parte do estádio ao público seria erro de planejamento ou estratégia para que aqueles que sofriam com suas famílias do lado de fora fossem obrigados a comprar entradas para os setores Leste inferior e Maracanã Mais (mais caros e sem gratuidades)? Se o indivíduo que foi ao estádio se comportasse verdadeiramente como cliente e não como torcedor, certamente nunca mais voltaria ao Maracanã.

Como comprara meu ingresso de forma antecipada na sede social do clube (se o fizesse via internet teria passado por todos esses apuros, pois teria que trocá-lo na bilheteria 3 que também estava superlotada), tive a sorte de assistir à festa que a *Bravo 52* protagonizou na área de circulação do nível 2, com música, canto e livre movimentação dos corpos. Apesar de parecida com às que assisti em outras ocasiões, nas torcidas de Flamengo e Vasco da Gama, esta não contava com a participação de outros MOTs, nem com bandeiras com mastro de bambu, apenas de bandeirinhas de mão.

Para mim, o ponto alto foi a passagem daquele agrupamento pelo túnel que conduz às arquibancadas ao som de uma paródia da canção *Every Breath you Take*, entoada em tom moderado e constante. Apesar de me encontrar um pouco atrás, me senti atraído pela celebração e, quando percebi, estava a acompanhá-los. A entrada lenta e ritmada de um numeroso contingente provocava um efeito de escuridão no túnel de acesso, iluminado apenas pelos pontos de luz dos *flashes* das máquinas e filmadoras. O “choque” provocado pelo contraste com a luz natural da arquibancada fez com que, pela primeira vez no novo estádio, eu pudesse rememorar a emoção que sentia ao entrar naquela parte do Maracanã.

JOGO 14: FLAMENGO 1X0 CHAPECOENSE (NORTE INFERIOR)

Apesar de contar com a presença da *Raça Rubro-Negra* (que voltara na partida anterior de um período de suspensão por mau comportamento), o setor Norte inferior apresentou uma lotação maior do que a existente no Norte superior. Creio que tenha sido em razão da partida ter acontecido em um final de semana, contra um adversário de pouca expressão, o que acabou atraindo principalmente aquele torcedor desejoso de comparecer a um jogo do Flamengo acompanhado da família. Esse era o perfil de quem compareceu àquele ponto do estádio. O grito agudo de incentivo e aflição que emanava daquele setor era um reflexo disso. Nos telões do estádio, era constante a presença de tal tipo de público. Entre uma e outra imagem de casais de namorados, pais e filhos, grupos de amigos, eis que surgiu uma senhora que, ao perceber que estava sendo filmada, passou da letargia à euforia em pouco mais de um segundo.

Considerada a primeira torcida organizada do país, a *Charanga Rubro-Negra* também se fez presente. O grupo de músicos ocupou o último degrau do nível 1 junto à mureta que separa os níveis inferior e superior. Essa posição permitia aos seus componentes se levantarem para tocar canções de incentivo ao clube sem atrapalhar a visão de quem estava atrás. Nela, ao contrário dos outros MOTs, os instrumentos de sopro predominam sobre os de percussão.

Apesar da presença da *Charanga*, o público era formado basicamente por avulsos que, apesar de torcerem, vibrarem e sofrerem intensamente, permaneciam sentados, exceção feita a alguns torcedores localizados nas primeiras fileiras e junto à divisa com o setor Oeste. Olhando para o nível 2, uma bandeira chamou a atenção. Nela, estava escrito UNIÃO SINISTRA FLA MANGUAÇA SPORT CHOPP. Chamaria essa união de improvável uma vez que desde 1987 há uma disputa envolvendo as duas equipes e suas torcidas a respeito do título do Campeonato Brasileiro daquele ano. A mensagem da bandeira reflete também uma contradição entre a proposta das torcidas *chopp*, que é a de torcer em paz, e a proibição da venda de bebidas alcoólicas nos estádios, vistas como combustível para que comportamentos violentos venham à tona.

Ao término da partida, retornei e conversei com o flamenguista Emanuel, baiano de nascimento, que atualmente reside em Recife. Ele dizia ter adorado o estádio, muito limpo e organizado, bem melhor que as Arenas Pernambuco, das Dunas e Fonte Nova. Mesmo tendo visto o Flamengo atuar em outras praças, ele me contou que não se sentiria plenamente rubro-negro enquanto não assistisse a uma partida do seu time do coração no Maracanã.

JOGO 15: FLUMINENSE 0X0 SPORT (SUL INFERIOR)

Três dias após a vitória sobre o Coritiba, a expectativa era de um grande público no estádio. Entretanto, em comparação com a partida anterior, houve o comparecimento de pouco mais da metade do número de torcedores (cerca de 15.000 presentes contra 28.000 no último confronto). O horário incomum (e tardio) das 19h30 certamente contribuiu, mas acredito que muitos não se aventuraram em razão da má organização do jogo da quinta-feira. Prejuízo para o clube e o Consórcio, pois além da arrecadação decepcionante, houve a abertura de parte do setor Norte inferior, ocupado por apenas dezenove pagantes.

No setor Sul inferior, com uma presença de público bem maior do que a encontrada nos níveis 2 e 5, o número de crianças era menor do que o habitual, mas chamava a atenção a expressiva presença feminina, com muitos casais de namorados (não vi mulheres desacompanhadas). O comportamento do público parecia refletir a frieza da partida. Momentos de empolgação somente quando cantavam o hino do clube e a paródia à música Rádio Pirata, entoadas pelos MOTs do nível 2. Nas primeiras fileiras não foram poucos aqueles que se levantaram e mexeram os braços esticados para o alto quando uma câmera de TV apontava em sua direção.

Como ocorre em todos os jogos, nos telões do estádio, mensagens incentivavam o torcedor a escolher, via *twitter*, o melhor em campo. Bastava enviar a *hashtag* #ocaradomaraca e o nome do jogador de sua preferência. O torcedor também poderia opinar acerca de quem faria o primeiro gol da partida. Para isso, bastaria escrever #goldoflu + nome do jogador. O grande destaque ficou por conta de três crianças com idades estimadas entre três e quatro anos, que, durante o intervalo, utilizaram a área de circulação do nível 1 para brincar de “jogar bola” com um pequeno objeto retangular feito de plástico. Logo me lembrei da ideia de *genoespaço* (local de flexibilização das regras existentes³⁶²) desenvolvida pelo geógrafo Paulo Cesar da Costa Gomes, em contraposição às rígidas normas disciplinares que se impõe na nova arena (*nomoespaço*).

³⁶² Como vimos ao longo da tese, minha compreensão inicial acerca do *genoespaço* se mostrava equivocada. Mesmo assim, após retornar à leitura da obra *A Condição Urbana* e conversar com o meu orientador, tais ideias amadureceram a ponto de ocuparem uma posição de destaque na versão final do trabalho.

JOGO 16: FLUMINENSE 2X0 PONTE PRETA (SUL INFERIOR)

O dia e o horário da partida, além das condições atmosféricas (chuva fina e frio) interferiram no perfil do público do setor Sul inferior. Praticamente não havia mulheres e crianças. Predominavam os torcedores adultos do sexo masculino, muitos deles vestidos com a roupa característica do ambiente de trabalho (poucos frequentadores uniformizados com as cores do clube) e em grupos maiores do que o normal. Mesmo assim, alguns dos principais personagens da partida são do sexo feminino.

Antes do início do jogo, avistei um grupo de mulheres colocando a faixa da *Flu Mulher* na mureta que separa os níveis 1 e 2. Se a presença desse coletivo feminino serviu para mostrar que as mulheres vêm conquistando um espaço cada vez maior nos estádios, como triste contraponto, os gritos de “gostosa!”, proferidos em direção a uma árbitra assistente na volta do intervalo, mostraram que as manifestações de caráter machista, mesmo tendo diminuído bastante, ainda se fazem presentes no estádio.

Na torcida, uma senhora com um colorido vestido típico de festas juninas circulava pela arquibancada. Quando pedi para fotografá-la, ela gentilmente solicitou para que eu a aguardasse enquanto arrumava cuidadosamente a bandeira que segurava, de modo que o escudo do Fluminense aparecesse com destaque. Na segunda etapa, encontrei um senhor um senhor de bigode e longos cabelos brancos calçando chinelos e usando short branco, camisa tricolor, uma capa bastante desgastada, uma máscara com a metade verde, a outra metade grená e cartola. Na mão direita, segurava uma sombrinha branca com o escudo do clube desenhado. Na mão esquerda, um urso de pelúcia vestido com as cores do clube e um boneco de plástico (todos os seus acessórios tinham as cores do Fluminense). Ao término da partida, perguntei se poderia fotografá-lo, sendo pronta e gentilmente atendido. Ao analisá-los, me convenci mais uma vez que devo considerá-los como *torcedores artistas*, pois se exibem principalmente para o público presente e não para as câmeras de TV.

Durante a segunda etapa, presenciei um embate entre o nomoespaço e o genoespaço. Cinco torcedores que assistiam ao jogo na primeira fileira “duelavam” contra o segurança, que insistia em pedir para que eles permanecessem sentados (mesmo sem incomodar quem estava atrás). Logo após o gol do Fluminense, o segurança desistiu de contê-los no momento da celebração e direcionou a sua atenção para que nenhum outro torcedor se excedesse nas comemorações ou tentasse invadir o campo de jogo.

JOGO 17: FLUMINENSE 2X1 SANTOS (SUL INFERIOR)

Um instante de distração ao celular fez com que eu seguisse em frente pela rampa de acesso B, passasse direto pela entrada do nível 1 e pudesse presenciar uma “guerra” de pó-de-arroz no corredor do nível 2. Um grupo de dez a quinze jovens torcedores cobertos da cabeça aos pés com o produto parecia brincar como se fossem crianças. Os seguranças apenas observavam.

No nível 1, pude presenciar, no momento da entrada das equipes, uma festa dividida em duas celebrações. Enquanto os subsetores Sul superior (ocupado pela *Flu Beer* e *Bravo 52*) e inferior, localizados próximo à divisa com o setor Oeste, camarotes e cadeiras especiais estavam cobertos por uma nuvem de pó-de-arroz, era possível avistar, do outro lado da grade interna do setor Sul (apenas no nível superior) uma linha de bandeiras formada pelas torcidas *Força Flu*, *Fiel Tricolor* e *Garra Tricolor*.

Em comparação com outras partidas do clube havia uma proporção menor de espectadores no nível 1 do que a habitual. Acredito que o início às 21 horas de um dia útil tenha contribuído para afastar os avulsos. Ao que parece, por diversas razões, o torcedor ligado aos MOTs comparece ao estádio com maior frequência.

Durante o jogo, a frieza do Sul inferior contrastava com o grito de apoio (especialmente da *Bravo 52*) e o som da bateria dos agrupamentos mais numerosos. Os MOTs se uniram apenas nos cantos tradicionais e no apoio ao time (que passava por um bom momento no campeonato) após o gol do adversário. Se nas últimas partidas, foi possível testemunhar algumas atitudes de apropriação de partes do espaço do estádio (mesmo que efêmeras) como um genoespaço, o nomoespaço se fazia impor constantemente no setor Sul inferior. Os seguranças agiam como uma espécie de fiscais de comportamento chamando a atenção (de forma educada) dos torcedores que insistiam em ficar sem camisa e/ou esticar os pés sobre o encosto dos assentos à frente. Um dos abordados, ao reincidir no “ato de indisciplina”, mesmo a contragosto (já com um segundo segurança por perto), acatou a ordem.

Aos torcedores folclóricos citados no relato do jogo anterior, juntaram-se também um homem vestido como o personagem principal do filme *O Máscara* e um senhor com roupa camuflada cuja figura fazia alusão ao finado terrorista saudita Osama bin Laden. Ao contrário da simpatia dos demais, este último não sorria, procurando permanecer estático. Após os gols, esses torcedores eram um dos “alvos” preferidos do público para a celebração.

JOGO 18: FLAMENGO 1X2 FIGUEIRENSE (NORTE INFERIOR)

Um fato que chama a atenção durante as partidas do Flamengo é a elevada proporção de torcedores aparentemente de classe média, vestidos com a camisa do clube (geralmente novas e oficiais), bem superior à dos seus rivais locais.

Novamente, vi um segurança pedindo para que um menino tirasse os pés do encosto do assento localizado à sua frente. Pouco depois, a cena se repetiu, dessa vez, com um adulto (ambos obedeceram). Entretanto, ao contrário do que acontece nos jogos do Fluminense, muitos torcedores no setor inferior assistiam à partida de pé nas primeiras fileiras, junto à mureta que separa o setor Norte inferior do gramado. Diante daquele numeroso contingente, os fiscais nada fizeram para impedir que eles atrapalhassem parte do campo visual de quem estava sentado atrás. Medo da imagem associada à torcida?

À minha frente, uma família composta pelo pai, um filho pequeno (idade estimada em 5 anos) e a mãe, que, alheia ao que acontecia dentro das quatro linhas, segurava com a mão esquerda um pacote de batatas fritas para que o seu filho se servisse, enquanto que, com o telefone celular na mão direita, escolhia a melhor *selfie* tirada pela família no estádio, para postar na rede social *Instagram*. Na verdade, o pai era o único que parecia torcer de verdade.

O gol da vitória do Figueirense marcado em um dos últimos lances da partida causou frustração e indignação entre os torcedores do setor inferior e os avulsos do setor superior. Entre os MOTs, a reação mais contundente partiu da *Raça Rubro-Negra* que entoou cânticos pedindo respeito ao Flamengo (recado direcionado aos atletas, comissão técnica e diretoria do clube) gritando, em seguida, *Time sem vergonha!*, em ritmo de paródia da música *Sorte Grande*. A *Nação 12*, por sua vez, continuava agitando suas bandeirinhas.

Na plataforma de embarque da estação Maracanã (metrô), seis jovens, com agasalhos da torcida *Raça Rubro-Negra* pareciam alheios à derrota e à manifestação de insatisfação de seus pares minutos antes. Entremeada por risadas, a conversa girava em torno da falta de habilidade de um dos presentes em manusear o mastro de bambu da bandeira da torcida organizada e, principalmente, do consumo de maconha por parte de todos eles durante o embate entre as duas equipes. Ao sexteto, a partida que se desenrolara dentro das quatro linhas pouco lhes interessara. O mais importante, para eles, foi poder compartilhar experiências vividas coletivamente, transformando o estádio em um espaço de transgressão das normas de comportamento válidas para aquele ambiente, passíveis de punição pelo Código Penal.

JOGO 19: FLAMENGO 0X3 CORINTHIANS (NORTE SUPERIOR)

O jogo disputado entre as duas maiores torcidas do país apresentou uma série de contradições: 1) o público presente, inferior aos 30.000 torcedores, menor do que a média de diversos clubes europeus de porte médio; 2) a cobrança de preços mais elevados (ingresso mais barato a R\$ 60 para a torcida do Flamengo e R\$ 70 para a do Corinthians) exatamente no confronto entre as equipes que possuem uma forte base de adeptos entre as classes menos favorecidas; 3) a existência de um subsetor inteiro destinado aos rubro-negros (cadeira Sul) ocupado por pouco mais de 200 pessoas, enquanto que as porções mistas Leste inferior (R\$ 80) e Maracanã Mais (R\$ 165) estavam cheias, ou seja, 30% do público pagante preferiu permanecer longe das áreas destinadas exclusivamente aos seus pares.

Acredito que, a aludida elitização do futebol (via cobrança de entradas mais caras, eliminação de setores populares e a imposição de regras que inibem os modos de torcer tradicionais) tornou visível outra realidade: a de que Flamengo e Corinthians são equipes que também lideram em número de torcedores entre as classes mais abastadas. Com isso, é possível verificar entre o público desses clubes, uma mudança mais expressiva do perfil do torcedor que comparece aos estádios.

O termo elitização merece ser relativizado, pois a baixa taxa de ocupação média do Maracanã mostra que não há um público das classes média, média-alta e alta suficiente para lotar constantemente o estádio, disposto a desembolsar altos valores pelas entradas, tendo a ida aos jogos como hábito e não como evento esporádico. Parece haver uma elitização incompleta. A lei das gratuidades, a adesão a programas de Sócio-Torcedor e a cobrança de ingressos menos caros em ocasiões pontuais, fazem com que o Maracanã se transforme em um espaço para as classes médias (desde a classe média-baixa até a classe média-alta).

Era esse o perfil dos *satélites* da *Raça Rubro-Negra*, um grupo formado predominantemente por pessoas brancas, vestidas com camisas oficiais do clube (destaque para a rubro-negra tradicional), em sua maioria do modelo mais recente. Mesmo com alguns espaços vazios em outros pontos da arquibancada, eles preferiam permanecer de pé junto àquele MOT no setor Norte superior, ou seja, se não desejam *torcer como a Raça* querem ao menos *torcer com a Raça*. A derrota por 3x0 provocou protestos das torcidas organizadas e de torcedores avulsos. Um comportamento que destoava dos demais era o da *Nação 12* que, junto à divisa com o Leste superior, continuava agitando as suas bandeirinhas. *Torcedores artistas ou torcedores atores?* (resposta no relato do jogo 33).

JOGO 20: FLUMINENSE 1X2 VASCO DA GAMA (LESTE SUPERIOR)

Aproveitando a promoção do jornal *Extra*, pude assistir, pela primeira vez, a uma partida no setor Leste superior. Cada cupom entregue nos postos de venda representava um desconto de R\$ 10 sobre o preço total do ingresso (R\$ 80). Tal iniciativa contribuiu para ocupar uma área do estádio constantemente fechada e para aumentar a arrecadação dos clubes e do consórcio, além de oferecer entradas a preços mais acessíveis.

A semana do clássico ficou marcada por uma polêmica e a promessa de uma festa não menos controversa. A reterritorialização da torcida do Fluminense na área localizada atrás de um dos gols, à direita das cabines de imprensa (setor Sul) após a assinatura do contrato da diretoria do clube com o Consórcio Maracanã S.A. implicou na desterritorialização da torcida do Vasco da Gama nas partidas contra este adversário, da porção do estádio tradicionalmente ocupada por ela, deslocando-a para o lado oposto. Fato banal para muitos, mas que tem servido como combustível para acirrar a rivalidade entre as torcidas e as diretorias dos dois clubes. O próprio presidente cruzmaltino comandou um boicote da sua torcida ao setor Norte.

Os dirigentes tricolores aproveitaram a ocasião para apresentar Ronaldinho Gaúcho como novo reforço, atleta que, dias antes era citado como futuro jogador do Vasco da Gama. A luz solar dificultava a visão dos espectadores do nível 3, que tentavam acompanhar e, principalmente, registrar aquela ocasião. No setor, mais de 80% da assistência era composta por torcedores do Fluminense. Nele, é possível visualizar todo o campo de jogo, assim como o desenrolar dos lances e a disposição tática das equipes. Não se deve utilizar essa partida como parâmetro, pois o público compareceu em função da promoção realizada pelo diário carioca. Havia um predomínio de adultos, de classe média, que respeitavam o lugar marcado e apresentavam um comportamento próximo ao do espectador.

Pessoalmente, enfrentei um dilema interno entre as figuras do pesquisador e do torcedor (não consegui me manter alheio ao ambiente hostil que precedeu a partida). Após o primeiro gol do Vasco da Gama permaneci impassível e apenas fotografei as reações das torcidas. Da mesma forma procedi por ocasião do empate tricolor. O segundo tento cruzmaltino marcou a vitória do torcedor sobre o pesquisador que, rodeado por “adversários”, emitiu um brado que continha um misto de euforia e raiva, reação que se repetiu logo após o apito final. Como ponto positivo para a pesquisa, pude vivenciar que o público presente ao meu redor, ao não demonstrar qualquer reação hostil, compreendeu e respeitou a proposta do modo de torcer pretendido para aquela parte do estádio.

JOGO 21: FLAMENGO 2X2 SANTOS (SUL SUPERIOR – VISITANTE)

A partida com o maior público do Campeonato Brasileiro marcou a minha primeira experiência junto à torcida visitante. Eram aproximadamente 800 santistas contra mais de 60.000 rubro-negros. O estádio cheio possibilitou observar como as duas torcidas se comportariam estando próximas umas às outras. Enquanto o setor Sul era ocupado por torcedores avulsos do Flamengo, do outro lado da grade, era possível perceber, na torcida do Santos, a diferença entre os níveis inferior (torcedores avulsos, com perfil familiar, que, sentados, procuravam apoiar o time de forma individual) e superior (ocupado pelos MOTs e *satélites* que permaneciam de pé e incentivavam coletivamente). A chegada das organizadas ao nível 2, na metade do primeiro tempo, com suas bandeiras e instrumentos musicais transformou aquela porção do estádio em um espaço de festa.

Vale destacar o embate constante entre os avulsos rubro-negros e os membros dos MOTs santistas, próximo à grade que divide o setor Sul superior (no lado oposto, junto ao Leste superior, nenhum conflito). Os policiais do GEPE agiam de forma preventiva, limitando, com a sua presença, o espaço que deveria ser ocupado pela claque santista. Do lado rubro-negro, lonas brancas cobriam de cima a baixo cerca de dez fileiras de assentos e serviam como zona de amortecimento. Duelos verbais e gestuais eram tolerados pelo policiamento que agia (de maneira enérgica, mas sem violência) apenas quando um ou mais torcedores ultrapassavam os limites impostos.

O aviso reproduzido nos telões de que a torcida visitante somente poderia deixar o estádio até os 40 minutos da segunda etapa ou após a saída da torcida local, fez com que, ao término da partida, ao contrário do que ocorreu no nível 2, o nível 1 estivesse praticamente vazio. Para os torcedores que exercem funções dentro dos seus agrupamentos era a hora de, calmamente, recolher o material. Primeiro, guardaram as faixas, depois, guardar as bandeiras e, por último, os instrumentos musicais.

Tive a oportunidade de ouvir o relato de um componente da *Torcida Jovem* que, conversando com seus colegas, após elogiar o trabalho do GEPE, lamentava que as organizadas não recebessem apoio e que, pouco a pouco, estivessem sendo sufocadas. Para ele, a única saída para conter possíveis atos de selvageria a elas associados seria o apoio da diretoria da equipe adversária, apostando no princípio da reciprocidade (se uma torcida fosse bem recebida em um estádio, a direção do seu clube faria o mesmo com a torcida rival). A espera durou quase uma hora. Com a porta de saída entreaberta, os policiais ordenavam aos torcedores uniformizados que tirassem as camisas com símbolos alusivos à equipe, como forma de evitar conflitos na área externa.

JOGO 22: VASCO DA GAMA 0X0 JOINVILLE (SUL INFERIOR)

Pela primeira vez no campeonato, o Maracanã recebeu uma partida às 11 horas da manhã. A companhia da família foi o presente que pedi pelo dia dos Pais. Para evitar contratempos e aproveitando a experiência adquirida ao longo do período de observações, comprei as entradas de forma antecipada em um quiosque na Avenida Atlântica, e esquematizei toda uma logística para que nada desse errado. Restando uma hora para o início da partida, ao avistar as imensas filas da bilheteria 3 (destinada à troca dos ingressos adquiridos pela internet), percebi que traçara a estratégia correta.

Dentro do estádio, seguimos para o setor Sul inferior. Fernanda, minha filha mais velha, ao avistar, no nível 2, a festa promovida pela *Guerreiros do Almirante*, pediu para ficar “no meio daquelas pessoas”. Diante da recusa de minha esposa, combinei que a levaria até o local para que permanecesse por alguns minutos. Ao chegar, apesar de ser uma menina de comportamento tímido, abriu um largo sorriso enquanto ouvia os cânticos da torcida. Enquanto retornávamos, na rampa de acesso ao nível 1, perguntei o que tinha achado da celebração. Empolgada, ela respondeu: “Adorei!”.

A combinação de uma data festiva com o horário matutino potencializou o perfil familiar do público presente. Creio que a lei das gratuidades e das meias-entradas (bastante criticada por dirigentes, administradores da arena e alguns torcedores), além de inibir comportamentos violentos nas dependências do estádio, tenha contribuído para que tantas famílias pudessem comparecer, pois torna possível que haja uma redução do valor médio gasto (sem contar o consumo de bebidas e petiscos na área interna), fazendo com que o Maracanã reforce a sua imagem como um espaço para as classes médias.

Ao iniciar a partida, o setor Sul encontrava-se praticamente cheio e a parte do setor Norte destinada à torcida do Vasco da Gama apresentava menos da metade dos assentos ocupados. O público continuava a chegar em grande número e, na segunda etapa, as duas porções reservadas exclusivamente aos vascaínos estavam lotadas. Como resultado, ao contrário do que costuma acontecer, a maior parte dos espectadores do setor Sul inferior assistiu à partida de pé. Mais uma vez, a administração do Consórcio Maracanã se eximiu de culpa. As principais razões elencadas para que ocorressem tantos problemas foram: a ordem do GEPE de destinar o acesso E apenas para a torcida do Joinville (cerca de 400 pessoas), o que teria sobrecarregado o acesso F para os mais de 12.000 torcedores do Vasco da Gama que compraram entradas para o setor Norte; e o horário das 11 horas, responsável pela chegada do público próximo ao início do jogo. Questiono tais afirmações, pois enfrentei situações parecidas em partidas que aconteceram em dias da semana e horários diferentes.

JOGO 23: FLAMENGO 3X2 ATLÉTICO PARANAENSE (NORTE SUPERIOR)

Foi uma partida com diversos fatos relevantes, tais como: longas filas para comprar ingressos; a presença de um funcionário da empresa *Top 3 Eventos* que recolhia os bilhetes e permitia a entrada de torcedores sem que eles passassem pelas roletas do acesso D; o primeiro gol do Flamengo, visto de um televisor localizado na área de circulação do nível 2; a presença de um segurança exclusivamente para impedir a passagem de torcedores do setor Norte superior para os camarotes Oeste, sem se preocupar com a presença de crianças debruçadas sobre a mureta que separava os níveis 2 e 1; a existência de “pontos cegos” naquela mesma parte do estádio em razão da cerca colocada para separar os setores Norte e Oeste.

Entretanto, nada foi mais representativo do que o encontro casual com Moisés, que é cego, e seus amigos Wallace e Verônica, ambos com baixa visão, atletas da equipe de *goalball* do Instituto Benjamin Constant, meu local de trabalho. Ao perceber a condição de Moisés (não o conhecia), me apresentei como professor do IBC. Estreante no estádio, ele se dizia impressionado com a intensidade do barulho, dos cantos e da vibração da torcida (aos quais acompanhava ativamente). Perguntei se gostaria que eu “narrasse” a partida para ele. Procurei transmitir, não apenas o desenrolar da contenda, mas também, saciar a sua curiosidade sobre o que acontecia ao seu redor. Ele percebia que a “massa torcedora” encontrava-se muito mais à sua esquerda (setor Norte) do que à direita (camarotes) e procurava saber sobre a nossa posição em relação ao campo de jogo, a localização e a quantidade dos torcedores adversários. Procurei também explicar o significado das vaias e ofensas direcionadas ao atacante Walter, conhecido tanto pela técnica apurada quanto pela aparência robusta, transformado em principal alvo dos rubro-negros. Moisés, por sua vez, acompanhava a torcida e xingava de “gordo” o atleta adversário.

Após o segundo gol do Flamengo, eufórico, pegou o celular e fez uma ligação. De imediato, disse: “Você não faz ideia de onde eu estou! Cara, tô aqui no Maraca! Escuta só!”. Em seguida, ergueu o aparelho para mostrar o som da massa ao amigo. No terceiro gol, tanto ele quanto Wallace e Verônica se levantaram para comemorar juntos, pulando de um lado para o outro.

Terminada a partida, na descida da rampa, avistei uma menina que, apoiada nos ombros do pai, segurava um cartaz com a frase “TENHO 8 ANOS E JÁ VI O VASCO SER REBAIXADO 2 VEZES!!!”. Perguntei aos três atletas o que tinham achado da experiência. Como era de se imaginar, todos adoraram. Moisés, que jamais fora ao Maracanã com medo da violência, me contou que sentiu um ambiente bastante tranquilo e que pretendia voltar em breve, mas não em um Flamengo x Vasco da Gama.

JOGO 24: VASCO DA GAMA 0X1 CORITIBA (SUL SUPERIOR)

A caminho da bilheteria 1 pude testemunhar o estado de abandono em que se encontrava o outrora Estádio de Atletismo Célio de Barros. Um tapete de folhas secas cobria o chão e gatos se apropriavam daquele espaço. O olhar do bicampeão olímpico Adhemar Ferreira da Silva estampado em um dos painéis da fachada parecia exprimir desolação com aquele cenário. Mais à frente, a antiga pista de atletismo coberta por uma camada de asfalto exercia a improvável forma/função de estacionamento com arquibancada. Compreendo esse equipamento como uma área adormecida, definhando, à espera da retomada do projeto original de privatização do complexo.

Dentro do estádio, ocupei a posição de satélite, poucos degraus acima do movimento popular *Guerreiros do Almirante*, no setor Sul superior. O movimento das bandeirinhas, apesar de esteticamente belo, dificultava a visão do campo de jogo, ainda mais quando as bandeiras com mastro de bambu também eram agitadas. Este modo de torcer implica em certas adaptações por parte dos *satélites* mais próximos que, além de permanecerem de pé, também o faziam sobre os assentos. Os seguranças e os policiais apenas observavam. Para aqueles torcedores, do mesmo modo que ocorre com as organizadas tradicionais, o desenrolar da ação no campo de jogo apresentava uma relevância secundária. Festejar junto aos componentes do grupo é o que realmente importava. Outros, por sua vez, torciam segurando a *barra*, o que, em certo momento, lembrava a imagem dos fiéis que acompanham a procissão do Círio de Nazaré agarrados a uma corda.

O perfil do torcedor (GDA + *satélites* próximos) era basicamente formado por adolescentes e jovens com menos de 30 anos (expressiva presença feminina). Em razão da dificuldade para se ver o jogo, encontrei pouquíssimas crianças, que estavam um pouco mais acima, no nível 5, ocupado por avulsos, que também assistiam de pé, porém com a atenção totalmente voltada para as quatro linhas. No “nível 6”, muitos caminhavam de um lado para o outro, tanto pelas fileiras quanto pela área de circulação, onde podiam extravasar as suas emoções. A péssima fase do clube pôs em xeque alguns princípios da GDA que, após o gol do Coritiba, marcado nos acréscimos, engrossou os coros ofensivos dirigidos ao presidente do clube, assim como ao treinador e ao capitão da equipe. Ao mesmo tempo, um grupo que eu poderia classificar como “núcleo duro” resolveu protestar em silêncio, parando de tocar os instrumentos e recolhendo as bandeirinhas antes do final da partida. A reação do conjunto da torcida diante de mais uma derrota variou do desespero silencioso à revolta, passando pelo desânimo, a resignação e o deboche. Na área de circulação, acompanhado por uma jovem, um torcedor aguardava, sentado, pelo atendimento da equipe de socorristas.

JOGO 25: FLAMENGO 0X1 VASCO DA GAMA (OESTE INFERIOR)

Flamengo x Vasco, programado para uma quarta-feira, no horário das 22 horas, com transmissão da televisão aberta para a cidade do Rio de Janeiro. Resultado: a partida com a menor porcentagem de gratuidades (4%) de todo o período de análise dos jogos.

No setor misto Oeste inferior, o acesso aos assentos é feito após ultrapassarmos uma porta de vidro automática igual à dos aeroportos, onde orientadores de público gentilmente, ofereciam ajuda para que o torcedor encontrasse o lugar marcado no ingresso. À minha frente, na primeira fileira, um homem com a camisa do Flamengo, acompanhado de uma mulher. Em razão de não ter conseguido comprar entradas para assentos contíguos, o torcedor reclamava: “bom é no Norte superior que não tem lugar marcado”. Como o seu cônjuge estava ao meu lado, perguntei se não gostaria de trocar de lugar. Ele respondeu que não, pois escolhera o assento pela internet com a intenção de estar à beira do campo de jogo.

Ao iniciar a partida, gritos da própria plateia para que todos se sentassem. Ao lado de outro espectador, o torcedor anteriormente citado insistia em acompanhar a partida de pé enquanto um senhor ao meu lado reclamava insistentemente. Como “solução”, ambos dividiram a cadeira destinada a obesos, sentando-se sobre a ponta do assento, inclinado para cima. Em nenhum momento os seguranças tomaram a iniciativa de resolver a querela. Uma câmera de televisão posicionada junto à linha lateral cobria a visão da baliza localizada à nossa frente. Indignados, muitos começaram a gritar em direção ao *camera man* e ao operador de áudio, que fingiam nada escutar. Sempre que a bola se aproximava desse “ponto cego”, todos se levantavam, gerando reclamações de quem estava sentado mais atrás. Essa situação perdurou até a metade do primeiro tempo.

Por ocasião do gol cruzmaltino, predominaram os gritos e as comemorações de torcedoras acompanhadas de rubro-negros. A torcida do Vasco da Gama encontrava-se reunida, em pequeno número, atrás do gol, no setor Sul superior, com os MOTs próximos uns aos outros. O setor Sul inferior estava praticamente deserto. A distribuição espacial daquele público permitiu demonstrar que os MOTs são mais fieis do que os avulsos, pouco importando as circunstâncias da partida.

Durante o intervalo, ao apontar a câmera para o setor Oeste, o operador do equipamento erguia os braços batendo palmas, como se regesse os espectadores pedindo maior vibração. O público presente, apesar de sofrer, torcer e se indignar com o time, apresentava um comportamento contemplativo (não confundir com indiferença). Naquele local, o torcedor que vibra, canta, levanta e se exalta, é percebido como um corpo estranho, não raro, um indesejável.

JOGO 26: FLUMINENSE 2X1 PAYSANDU (LESTE INFERIOR)

Não fosse a festa promovida por mais de mil torcedores do Paysandu no subsetor Norte inferior, essa teria sido a partida com o público mais apático. Ocupei um assento no trecho central do setor Leste inferior, povoado por espectadores que pouco vibravam, permaneciam passivamente sentados e se levantavam das cadeiras nos momentos dos gols (comemorando intensamente, é verdade) e quando surgia a possibilidade de terem os rostos filmados e exibidos nos telões. A plateia dos setores mistos, composta por integrantes das classes média e média-alta é, sem sombra de dúvidas, a mais cobiçada pelas câmeras.

Acredito que o baixo nível técnico da partida e a enorme distância em relação à *Bravo 52* tenham contribuído para tal fato, mas, mesmo assim, a frieza daquele público impressionava. À beira do gramado, a faixa *Copa do Brasil Sadia 2015* simbolizava um choque de verticalidades, pois tal nomenclatura não era adotada pelo público em razão da recusa dos principais veículos de comunicação em identificar a competição com o nome do patrocinador oficial.

Durante o intervalo, testemunhei as súplicas de uma jovem torcedora do Paysandu que gesticulava de maneira vigorosa ao conversar com um segurança pedindo para mudar de setor. Ele, pacientemente explicava que isso não seria possível. Ela procurava argumentar dizendo: “Mas eu sou paraense!”. De nada adiantaram os seus apelos. Incomodado com a apatia de onde me encontrava, desobedei ao princípio do lugar marcado e me mudei para um bloco localizado próximo à torcida visitante. Minha chegada coincidiu com o gol de empate do “Papão”. A festa subsequente marcou o duelo entre nomoespaço e genoespaço dentro e fora de campo. Enquanto os jogadores corriam para comemorar junto à torcida (com os seguranças evitando um contato físico entre eles), os torcedores do Leste inferior ultrapassavam a linha formada por quatro policiais do GEPE e seguiam rumo à grade.

Enquanto o autor do gol era castigado pelo árbitro com um cartão amarelo, o policiamento, passado o momento de maior euforia, solicitou, educadamente, para que todos retornassem aos seus assentos. O gol da vitória tricolor próximo ao fim, fez com que um “distinto” senhor trajado com roupas sociais irrompe-se enfurecido em direção ao Norte inferior (sem se aproximar muito) proferindo palavrões e gestos obscenos.

Voltando a análise à torcida paraense, sabendo que aquele animado agrupamento era composto predominantemente por avulsos residentes no estado do Rio de Janeiro tive a impressão de que aquela partida serviu como ocasião para marcar o reencontro de muitos migrantes com duas identidades distintas e complementares: a terra natal e o time do coração.

JOGO 27: FLAMENGO 2X1 SÃO PAULO (SUL SUPERIOR)

O bom momento do Flamengo no Campeonato Brasileiro aliado à cobrança de preços mais baixos do que o normal para os padrões do clube (R\$ 40) fizeram com que, novamente, houvesse o transbordamento da torcida rubro-negra para parte do setor Sul, próximo à área reservada aos são-paulinos.

Ocupado por avulsos, o perfil do público aparentava uma maior diversidade étnica e social do que em outras partidas do clube, com muitas crianças acompanhadas dos pais. Ao eu parece, os novos valores cobrados ampliaram a base de torcedores, fazendo com que muitos, aproveitando a lei das gratuidades e das meias-entradas pudessem levar a família ao estádio.

Durante a partida observei que, nos instantes subsequentes aos gols do Flamengo (tanto o do empate quanto o da vitória), alguns torcedores avulsos rubro-negros correram em direção à grade para extravasar a sua alegria de forma ostensiva contra a torcida adversária (seja com gestos obscenos, gritando palavrões ou exibindo o escudo da camisa). Sob um olhar geográfico, é possível interpretar tal atitude de provocação (geralmente associada às torcidas organizadas) como uma maneira dos torcedores avulsos mostrarem ao rival a quem pertence aquele território, desempenhando o papel de “defensores do manto” ou defensores do território. Tal fato se repetiu ao término da partida.

Da mesma forma que acontecera por ocasião da partida contra o Santos, em razão das mensagens exibidas pelos telões do estádio de que a torcida visitante somente poderia deixar o estádio até os 40 minutos da segunda etapa ou após a saída da torcida do Flamengo, houve uma saída em massa de torcedores apenas no nível 1.

É possível deduzir que a parte da torcida composta por avulsos, muitos deles moradores da região metropolitana do Rio de Janeiro, a fim de evitar confusões optou por abrir mão de apoiar o seu time do coração nos minutos finais da disputa. Por sua vez, na porção superior, o torcedor filiado a um determinado MOT permaneceu, tanto como expressão de apoio à equipe quanto, em razão de muitos terem vindo da Grande São Paulo, nos ônibus das torcidas, a espera não fazer diferença alguma para eles.

Na descida da rampa, muita festa do lado rubro-negro, com o hino cantado a plenos pulmões. Naquele “reino dos avulsos” apenas a canção-símbolo e um ou outro *hit* composto pelos MOTs era de conhecimento pleno da plateia, algo parecido com o que acontece em grandes shows quando apenas os maiores sucessos empolgam a multidão, enquanto os seguidores mais fanáticos conhecem e cantam todas as músicas.

JOGO 28: VASCO DA GAMA 0X1 FIGUEIRENSE (SUL SUPERIOR)

A chegada do público ao estádio coincidiu com a saída da assistência presente a uma partida amistosa de voleibol feminino que acabara de acontecer no Maracanãzinho. A torcida do vôlei podia ser facilmente identificada por camisas amarelas com o logotipo do Banco do Brasil, patrocinador oficial das seleções brasileiras daquela modalidade. Se, para muitos, o futebol parece estar perdendo o seu caráter popular, espontâneo, tal fato no vôlei parece ser encarado como algo “natural”. Apesar da coexistência pacífica entre as duas territorialidades, pude notar um desconforto de parte da plateia que deixava o Ginásio Gilberto Cardoso (composta principalmente por jovens casais de namorados e famílias de classe média) ao encontrar o público do futebol (formado majoritariamente por homens adultos acompanhados de amigos), provavelmente pela imagem de arruaça associada às torcidas de futebol, ou se devido ao fato de boa parte daquela claque simplesmente não torcer pelo Vasco da Gama.

Próximo ao *Bar e Lanchonete dos Esportes*, localizado em frente ao portão 9, uma viatura da Guarda Municipal passava lentamente com o sistema de som emitindo avisos acerca da proibição do consumo e venda de bebidas alcoólicas nas imediações do estádio até duas horas antes das partidas. Ao mesmo tempo, um rapaz caminhava calmamente segurando uma lata de cerveja. Na prática, existe a proibição, mas se as pessoas estão transgredindo a lei de forma pacífica, sem incomodar os demais indivíduos, melhor deixá-las em paz.

No setor Sul superior, encontrei Krycia Perni, mestranda em Geografia, acompanhada de seu pai, Luiz Carlos (66 anos), e do sobrinho Miguel (9 anos). Ao vê-los, refleti novamente acerca da propalada elitização do futebol. O valor total desembolsado por eles chegou a R\$ 20 (duas gratuidades e uma meia-entrada), ou seja, menos de sete reais por pessoa. Na verdade, para determinados arranjos, a ida ao Maracanã ainda resiste como um programa popular.

No intervalo, parti em busca da *Torcida Organizada do Vasco* (TOV) a mais antiga do clube. Apresentei-me ao senhor Jorginho da TOV. Perguntei a ele sobre a diminuição do tamanho da torcida. Ele me contou que muitos morreram e não houve renovação, afinal, “a TOV já tem mais de 70 anos”. Hoje em dia, a mais antiga torcida do clube não ultrapassa a marca de 15 abnegados no estádio. Sobre o jogo em si e as reações da torcida, basta reler o relato da partida contra o Coritiba (jogo 24), pois tudo correu da mesma forma (inclusive o gol solitário marcado pela equipe visitante durante o período de acréscimos). O único fato inusitado que testemunhei foi protagonizado por Miguel, que, desanimado e com o corpo prostrado sobre a cadeira, fez a seguinte pergunta ao avô: “É pra esse time que eu vou ter que torcer?”.

JOGO 29: FLUMINENSE 1X2 ATLÉTICO MINEIRO (NORTE SUPERIOR-VISITANTE)

Ao observar a torcida do Atlético Mineiro, posicionada no setor Norte superior, reforcei a impressão de que esses locais congregam um tipo de torcedor que aproveita a ida ao Maracanã como algo que vai além de simplesmente apoiar o time do coração. Representa tanto o reencontro com suas raízes clubísticas e regionais. É a oportunidade de estar ao lado “dos seus”, de matar a saudade do time e da terra natal e de expressar o seu amor pelas duas identidades. A bandeira do estado de Minas Gerais com o escudo do clube simbolizava a fusão desses dois sentimentos. Além dela, também havia uma em verde e amarelo com o mesmo escudo centralizado. A representação do clube enquanto nação pôde ser encontrada em muitas outras torcidas ao longo da tese. A frase CONSULADO DA BOLA DOS ATLETICANOS NO RIO DE JANEIRO estampada nas camisas da torcida *Cariogalo* reforça essa sensação de pertencimento do torcedor ao seu clube enquanto parte de um “Estado-Nação futebolístico”. Sob outro prisma, a frase “MOVIMENTO 105 MINUTOS. O GALO É AMOR NÃO É SIMPATIA. DESDE O BERÇO ATÉ O CAIXÃO” estampada na parte de trás das camisas de seus componentes procurava reforçar a ideia da filiação ao time do coração como uma identidade cultural imutável.

Durante o intervalo, conversando com o atleticano Mauro, ele me dizia que o torcedor que comparece a um estádio fora de Minas Gerais apresenta um caráter mais aguerrido, seja ele um “expatriado” ou então, um residente na Grande Belo Horizonte, que enfrentou uma viagem de ônibus de dez horas para acompanhar a equipe. Tal afirmação corrobora com as nossas observações. Comportamentos contemplativos predominavam apenas no nível 5, espécie de refúgio para aqueles que queriam torcer “em paz”. O ambiente festivo teve o seu poder amplificado pela chegada, durante o primeiro tempo, das torcidas organizadas, com suas bandeiras, instrumentos musicais e cânticos. Destaque para as representações de alguns dos heróis da conquista da Taça Libertadores da América de 2013. Uma delas, em homenagem ao goleiro do time, chamado de *São Victor*, além de outras duas bandeiras da organizada *Galoucura*, com as efígies de Pierre e Ronaldinho Gaúcho, que, mesmo atuando pelo Fluminense eram reverenciados pela torcida.

Após a partida, uma grande celebração. A *Galoucura* gritava: “*O Maraca é nosso, tem que respeitar, Galoucura BH!*”. Em razão do pequeno público e da derrota do Fluminense, a espera pela liberação do policiamento não demorou mais do que 20 minutos. Como de praxe, era proibido sair vestido com a camisa do clube ou de algum MOT. Uma legião de “descamisados” descia em festa a rampa de saída.

JOGO 30: VASCO DA GAMA 1X2 ATLÉTICO MINEIRO (SUL INFERIOR)

Chuva, frio, time na última colocação, vindo de uma derrota por 6x0 três dias antes. Quem compareceu ao estádio para torcer pelo Vasco da Gama expressou uma inexplicável demonstração de amor ao clube.

Optei pelo nível 1 com o intuito de observar o comportamento dos torcedores avulsos, muitos deles acompanhados de suas famílias, talvez em razão da amizade histórica entre as organizadas dos dois clubes (minutos antes, no bar localizado em frente ao acesso B torcedores das duas equipes confraternizavam). À minha frente, um segurança chamou a atenção de um homem com as pernas esticadas sobre a cadeira da frente dando início a uma discussão. O homem apontava para o setor superior dizendo que “lá em cima todo mundo faz isso”. O segurança respondeu que “lá em cima pode”, mas que, no nível 1, tal comportamento não seria permitido e, que, se ele quisesse agir daquela maneira, deveria se mudar para a parte superior.

Após o segundo gol atleticano, a *Guerreiros do Almirante* recolheu as bandeirinhas e se calou. Revoltada, uma jovem lembrava que, “na partida contra o Flamengo, eram 8.000 do Vasco contra 50.000 do Flamengo, mas todos cantaram o tempo inteiro. Agora, todo mundo fica calado!”, reclamava, enquanto apontava para a GDA. No intervalo, a torcedora voltou a se manifestar dizendo que a torcida do Flamengo continuava apoiando a equipe “mesmo perdendo de três”. Ao seu lado, um jovem direcionava a sua revolta às pessoas mais preocupadas em tirar fotos do que em apoiar a equipe. Pouco depois, ele se envolveu em uma confusão com outros torcedores em razão da exibição de uma faixa de apoio ao time. De imediato, policiais do GEPE cercaram a área. Teve início uma acalorada discussão entre o jovem e um policial, que chegou a ameaçá-lo com um cassetete. As meninas do grupo choravam enquanto os rapazes tentavam apaziguar a situação pedindo para que o amigo se calasse, o que demorou alguns minutos. O policiamento recolheu a faixa e ninguém foi preso.

Na segunda etapa, em meio a um ambiente de tamanha tensão, avistei uma octagenária, sentada em uma cadeira de rodas, acompanhada (suponho) de sua filha. Que sentimento é esse capaz de mover aquelas senhoras para um ambiente tão improvável? A GDA voltou a apoiar o time apenas após o gol solitário, nos minutos finais. Se a proposta da torcida é a de apoiar incondicionalmente a equipe, por que não o fizeram quando ela mais precisava? Ao que parece, o “núcleo duro” assumiu o silêncio como forma de protesto, enquanto os *satélites* (atraídos não pela ideologia, mas pelo modo de torcer) se sentiram a vontade para se manifestarem, inclusive com palavras.

JOGO 31: FLUMINENSE 1X3 FLAMENGO (LESTE INFERIOR)

Apesar do mando de campo pertencer ao Fluminense, a torcida rubro-negra compareceu em número bem maior ao setor misto Leste inferior. Antes de seguir para o meu assento, pude apreciar, apoiado no parapeito da área de circulação, a visão dos fundos da Escola Municipal Arthur Friedenreich e do que seria a entrada para os torcedores VIP dos setores Leste inferior e superior, além dos camarotes (que permanecem fechados). Dentre todas as edificações ameaçadas de demolição pelo projeto original de privatização, a instituição de ensino é a única que preserva a sua forma-função original. As demais permanecem “adormecidas” e/ou refuncionalizadas, à espera do melhor momento para que cumpram o seu “destino”. A permanência da escola simboliza um obstáculo muito maior ao fluxo de capitais do que ao fluxo de pessoas no estádio.

Durante a partida, em razão da altura das placas de publicidade, mesmo sentado na terceira fileira, sempre que havia uma disputa de bola junto à linha lateral à minha frente, a bola e as pernas dos jogadores “desapareciam”, ou seja, um desrespeito tanto ao “padrão FIFA” imposto para as arenas quanto ao Estatuto do Torcedor e ao Código de Defesa do Consumidor.

Enquanto os espectadores do Maracanã Mais receberam capas, quem estava no Leste e Oeste inferior e não chegou prevenido ao estádio sofria com a chuva de intensidade moderada. Ao lembrar que aqueles espaços correspondiam à antiga Geral, me senti um *neogeraldino* não em razão da ambiência produzida ao meu redor, mas sim por, mesmo pagando um preço muito mais elevado, ter que enfrentar dificuldades que não combinam com o conceito atual de torcedor/cliente.

Durante as comemorações dos gols, o “grito” do Leste inferior pareceu muito mais agudo e breve do que o dos setores Norte e Sul. Após a vibração inicial, muitos sacavam de suas máquinas e celulares para uma celebração dividida em três atos: o primeiro, em direção ao próprio corpo (*selfies*); o segundo, focalizando os arredores; o terceiro, apontando para trás do gol, onde a festa dura bem mais do que alguns segundos. A principal diferença entre Norte/Sul e Leste/Oeste reside nas atitudes relacionadas à duração e à intensidade do pós-gol.

Quando a partida estava 2x1 para o Flamengo, no momento em que a equipe rubro-negra se preparava para cobrar um escanteio, um homem sentado próximo a mim, se levantou em direção ao setor Norte e, com ar indignado e gestos vigorosos, “ordenava”: *Vambora, torcida!!!* Será que o “maestro” acredita que apenas quem está no setor Norte tem a obrigação de torcer pelo seu time? Ao que parece, ele e muitos dos presentes nos setores mistos “terceirizaram” essa função para quem está atrás dos gols.

JOGO 32: FLAMENGO 2X0 CRUZEIRO (SUL INFERIOR – VISITANTE)

Assim como aconteceu na partida contra o São Paulo (jogo 27), a cobrança de valores mais baixos do que o habitual ampliou a base de torcedores interessados em comparecer ao estádio. Como exemplo, ao descer a rampa da UERJ, encontrei pela primeira vez, dois ex-alunos da Escola Municipal José Piquet Carneiro, localizada no bairro proletário de Padre Miguel, zona oeste da cidade. Cada um desembolsaria vinte reais por cada meia-entrada.

Desta feita, optei por acompanhar a torcida visitante que ocuparia o nível 1 do setor Sul. Posicionados apenas do lado cruzeirense, os policiais do GEPE deixaram livre um bloco de assentos junto à grade que fazia a separação com o setor Sul destinado ao transbordamento dos adeptos rubro-negros. Pouco antes do início, uma disputa verbal e gestual envolveu o MOT *Geral Celeste* e cerca de quinze avulsos da equipe mandante, que atuavam como defensores do território rubro-negro, na sua porção do setor Sul inferior. O policiamento apenas observava, vindo a intervir somente após os gols do Flamengo, quando um grande número de torcedores correu em direção às grades com a intenção de provocar a torcida rival.

Durante o hino nacional, a torcida cruzeirense entoou a plenos pulmões o nome do time no momento do verso *E a imagem do Cruzeiro resplandece*. Apesar do predomínio de avulsos, a maior parte da torcida mineira optou por acompanhar a partida de pé sem, entretanto, a mesma vibração dos MOTs que, exceção feita à *Geral Celeste*, estavam concentrados no nível 2.

No intervalo, observei um rico e emblemático contraste. Havia uma tensão “saudável” na área de circulação interna junto à grade que separava cruzeirenses e rubro-negros, com gestos e provocações leves e, até mesmo, torcedores adversários conversando uns com os outros, tudo sob o olhar atento do policiamento do GEPE. Do lado oposto, a poucos metros, a divisa com o Oeste inferior estava deserta, como se não valesse a pena “desafiá-los”.

Animada com a vitória parcial, a torcida do setor Sul rubro-negro cantava de forma vigorosa as músicas mais conhecidas. Logo após o segundo gol do Flamengo, finalmente, consegui “ouvir a voz” dos setores mistos e vê-los apropriados como espaços de festa. O grito da torcida estava mais próximo e, desta vez, não se restringia apenas ao longínquo Norte ou mesmo ao Sul próximo. Enquanto os torcedores do Cruzeiro deixavam o estádio antes do fim da partida, os flamenguistas do Sul inferior acenavam em sinal de adeus e, os mais exaltados, “expulsavam-nos”. Em poucos minutos, restaram apenas a *Geral Celeste* e os torcedores organizados do nível 2.

JOGO 33: FLUMINENSE 1X4 PALMEIRAS (SUL SUPERIOR)

Uma das maiores reclamações do público que frequenta o estádio diz respeito à demora relacionada à compra de ingressos nas bilheterias. Desta vez, a confusão que presenciei envolvia um adolescente acreano, com dificuldades para convencer o bilheteiro sobre a validade da sua carteira de estudante. Como o direito à meia-entrada também contempla a todos que tenham entre 12 e 21 anos, resolvi intervir sugerindo ao jovem que apresentasse a identidade. Imbróglio resolvido.

No setor Sul superior, após permanecer por alguns minutos numa área ocupada por *torcedores avulsos*, caracterizados pela apatia, segui em direção ao MOT *Fiel Tricolor*. Apesar de não ultrapassar os 30 componentes, aquele agrupamento (com boa presença feminina) se destacava em relação à passiva vizinhança. Torciam de pé, apoiavam a equipe, cantavam (mesmo que não fosse o tempo inteiro), vibravam e tremulavam três bandeiras. Um bumbo marcava o ritmo do incentivo.

Na segunda etapa, mudei para perto da *Bravo 52*. Nela, todos também torciam de pé, muitos agitavam bandeirinhas tricolores, além de cantar e pular sobre os assentos. Mesmo assim, os dois agrupamentos (bem distantes um do outro) não seguiam o mesmo repertório. Era possível identificar a presença de muitos *satélites*. Entretanto, os quatro gols marcados pelo Palmeiras num intervalo de vinte minutos alteraram profundamente o ambiente, acentuando a diferença de postura entre a *Bravo* e a *Força* e entre a *Bravo* e seus *satélites*.

Em determinado momento, apenas a *Bravo 52* apoiava a equipe enquanto alguns de seus *satélites*, muitos avulsos e a *Fiel Tricolor* protestavam ferozmente. A partir do terceiro gol do Palmeiras, o próprio movimento popular perdeu o ânimo. Enquanto um componente recolhia as bandeirinhas um torcedor mais velho explicava ao jovem que “existe torcida que tem canto de apoio e torcida que tem canto de guerra”. Desse modo, a *Bravo* não poderia se voltar contra a equipe nem a abandonar. Tal explicação me fez repensar sobre a ideia inicial de que os movimentos representariam um modo de torcer menos “verdadeiro” do que o das organizadas. Passei a compreender que se trata de uma proposta que deve ser seguida por todos aqueles dispostos a acompanhar tal grupo. Logo após, o mesmo torcedor mais velho chamou a atenção de um *satélite* que protestava com gestos e palavrões. Após uma rápida troca de ofensas, alguns membros do movimento precisaram agir para evitar um enfrentamento direto. O policiamento do GEPE chegou quando a situação estava controlada. Após o jogo, um jovem da *Bravo* vociferava contra as torcidas organizadas.

JOGO 34 VASCO DA GAMA 2X1 SPORT (SUL SUPERIOR)

Se há uma unanimidade positiva em relação ao novo Maracanã, ela diz respeito ao estado de conservação de suas instalações sanitárias. Durante a minha ida àquele recinto, pude ouvir o relato de um torcedor que, ao conversar com um amigo, dizia que “no velho Maracanã havia até papel com cocô na parede. Agora só faltava liberar a cervejinha”.

Posicionei-me junto à torcida *Rasta*, localizada próxima à *Guerreiros do Almirante* e à *União Vascaína*. Chamava a atenção uma bandeira com o rosto de Marcelo Mendonça, recém-falecido ex-presidente da *Força Jovem Vasco* (FJV), que lutava contra um câncer, e a inscrição “He-Man eterno”. A homenagem pode ser compreendida como prova de respeito e do bom relacionamento de seus componentes com diferentes MOTs do clube.

Naquele ponto do estádio, todos torciam de pé e vibravam bastante. A torcida *Rasta* é formada basicamente por jovens e com expressiva participação feminina. Caso típico de MOT com identidades híbridas combina a paixão pelo time com outro fator de coesão, no caso a apreciação da *cannabis sativa*, popularmente conhecida como maconha, consumida livremente naquele local. A presença de uma bandeira da Jamaica e de símbolos com o rosto do cantor Bob Marley (relação Jamaica – reggae – maconha) reforçam esse hibridismo. Um componente que estava na fileira atrás da minha tentou puxar um grito de incentivo. Ao ouvir uma forte vaia, seu semblante mudou imediatamente. Desanimado, acreditou que o apupo seria para ele. Expliquei que o telão acabara de anunciar o gol de empate do Flamengo contra o Atlético Mineiro. Animado, ele queria saber se o gol da equipe mineira teria sido marcado por Lucas Pratto, afinal, ele o escalara no Cartola F.C. competição promovida em um sítio esportivo, entre times montados pelos próprios torcedores com os jogadores que atuarão na rodada do “Brasileirão”. Eis um novo modo de acompanhar o futebol.

Mesmo com o gol de empate do Sport, a torcida não desanimou e continuou apoiando a equipe. Iniciado o intervalo, quase todos os presentes naquele bloco se sentaram. No segundo tempo, mudei para o outro lado da cerca do setor Sul superior, no “nível 6” de onde poderia observar o comportamento da torcida posicionada abaixo, formada por avulsos, todos sentados.

Após o gol do Vasco, o relaxamento dos corpos deu lugar à vibração. A postura dos torcedores mudou com o bom momento do time. Todos se levantaram e passaram a participar ativamente. Passados alguns minutos, os espectadores voltaram a se sentar. Terminada a partida, na rampa de saída, um numeroso grupo desceu correndo e cantando músicas da *Força Jovem*. Ao que parece, muitos componentes da FJV, mesmo com a torcida cumprindo punição, continuam frequentando o estádio, sozinhos ou misturados a outros MOTs.

JOGO 35: FLUMINENSE 0X0 GRÊMIO (NORTE INFERIOR – VISITANTE)

A decisão do Consórcio de concentrar a venda de ingressos para a torcida visitante em um contêiner no portão 1, com apenas cinco guichês abertos, fez com que enormes filas se formassem. Demorei exatos 29 minutos para comprar a minha entrada para um setor que recebeu menos de 1.400 torcedores. Na fila, presenciei uma situação inusitada, com a presença de uma jovem vestida com a camisa do Internacional ao lado do namorado gremista. Atrás de mim, um senhor acompanhado da esposa e da filha comentava que “se fosse no Rio Grande”, as pessoas não deixariam que aquela moça, com a camisa do rival, permanecesse no local. Após a chegada de um orientador de público eles deixaram a fila, acredito que com a intenção de comprar entradas para um setor misto.

Na área destinada à torcida do Grêmio, quase todos optaram pelo nível inferior. Quanto ao comportamento do público, enquanto na parte próxima à divisa com o setor Leste, todos permaneciam sentados, no bloco voltado para o limite com o outro trecho do setor Norte (que permanecera fechado), os torcedores que estavam nas primeiras fileiras e junto à grade assistiam ao jogo de pé. Em razão do início às 22 horas e da partida ter sido disputada em um dia de meio de semana, o número de crianças era muito pequeno.

O forte regionalismo gaúcho também se fazia presente. Eram comuns, enroladas ao corpo ou esticadas, as bandeiras do Grêmio, do estado do Rio Grande do Sul e, principalmente, do estado do Rio Grande do Sul com o escudo gremista ao centro. Alguns torcedores usavam o chapéu de vaqueiro gaúcho. Na segunda etapa, me aproximei da parte voltada para a divisa com setor Leste. Como afirmara, trata-se de um bloco no qual todos permaneciam sentados. O comportamento do espectador predominava sobre o do torcedor. Naquele local, havia também o “jogo falado”, com boa parte dos presentes comentando os lances da partida e discutindo sobre o que o Grêmio deveria fazer para chegar ao gol. Eles se levantavam apenas em lances de maior perigo, porém, quando o faziam, era por um breve espaço de tempo.

Aos 30 minutos, resolvi voltar ao outro bloco. Permaneci junto à divisa com a porção não utilizada do setor Norte. De pé, todos torciam e sofriam com maior intensidade. Seria exagero falar em espaço de festa, mas o som da corneta bem à frente, animava a torcida. No momento da divulgação do público pelo sistema de som e pelos telões do estádio (9.637 presentes), um torcedor, irônico, comentou com o colega ao lado que “se fosse um jogo do Juventude, no Alfredo Jaconi, teria dado mais gente”.

JOGO 36: FLAMENGO 1X2 VASCO DA GAMA (LESTE SUPERIOR)

Definitivamente, Flamengo x Vasco da Gama não é uma partida comum. As explosões de morteiros nos arredores do Maracanã serviam como um entre tantos indicadores de que prevalecia uma tensão constante no ar. O policiamento parecia mais atento e menos condescendente com o comportamento dos transeuntes, preparado para entrar em ação a qualquer momento. Mesmo com a predisposição para torcer em paz, o torcedor que comparece ao estádio parece estar ciente de que podem acontecer eventuais contratemplos. A pequena presença do público infantil revela o temor dos responsáveis pela segurança de seus filhos. O forte aparato repressivo não se limita à área externa.

No alto do setor Leste superior, fora da cabine de vigilância, um homem (uma espécie de chefe da equipe de seguranças) com um crachá pendurado no pescoço, trajando camisa social azul de mangas compridas, calça e sapatos pretos, segurava um rádio transmissor e vigiava o comportamento dos espectadores. Iniciada a partida, percebi um fato incomum. Mesmo sentado em uma localização central, próximo à linha do meio de campo, o barulho que vinha à minha esquerda (torcida do Vasco da Gama) parecia superar o que ouvia à minha direita. Imaginei que tal fato ocorresse em razão da união dos MOTs vascaínos próximo ao setor Leste superior, enquanto que a *Raça Rubro-Negra*, torcida mais vibrante do Flamengo, estava localizada perto da divisa com as cadeiras cativas. Por sua vez, o MOT rubro-negro mais próximo, a *Nação 12*, além de não tão numeroso (para os padrões rubro-negros) apresentava um cantar mais cadenciado. Deve-se levar em conta o fato de o canto rubro-negro não ser uníssono, com uma clara desunião entre os MOTs, chegando ao ponto de a *Raça* ter um repertório próprio. Apenas o hino do clube e algumas canções de maior alcance popular (que têm no torcedor avulso a “cola” necessária para que isso ocorra) parecem unificar o canto rubro-negro.

Ao final da primeira etapa, minutos após o conflito envolvendo uma torcedora do Flamengo, o chefe dos seguranças e um frequentador avulso³⁶³, mesmo perdendo, a torcida do Vasco gritava o nome do clube. Os rubro-negros, por sua vez, pareciam mais preocupados em vaiar o rival e gritar “segunda divisão!” do que em incentivar a equipe. Durante o intervalo, chamou a atenção novamente a postura do chefe dos seguranças que, após reunir e dar instruções à sua equipe, indicava para os seus comandados com gritos de “ali” e “aquele” quem deveria ser repreendido.

³⁶³ Ver páginas 280 e 281.

A segunda etapa ficou marcada pela “virada” vascaína. Em razão da pequena presença, nos dois gols do Vasco da Gama poucos foram aqueles que se levantaram, porém aqueles que o fizeram, tiveram as comemorações respeitadas pela maioria rubro-negra. Dois turistas estrangeiros que, antes do início da partida, registravam a expressiva e vistosa presença da torcida rubro-negra, desde a metade final do primeiro tempo deslocaram o foco de suas máquinas fotográficas da torcida do Flamengo para a do Vasco da Gama que, como disse, apesar de bem menos numerosa, conseguia se impor na base do grito e da empolgação. Representou a vitória da torcida enquanto união de indivíduos com um pensamento coletivo sobre espectadores avulsos e torcedores desunidos que colocaram suas individualidades ou identidades coletivas acima do apoio ao time do coração.

JOGO 37: VASCO DA GAMA 1X1 CHAPECOENSE (SUL SUPERIOR)

Acompanhei a partida ao lado do meu afilhado João Pedro (10 anos), do seu pai, George e do avô, Newton. No caminho, enquanto o senhor Newton comentava sobre as chances do Vasco escapar do rebaixamento para a Série B e analisava a tabela com os próximos adversários, João Pedro dizia que não acompanhava o campeonato, sabendo apenas que o Vasco se encontrava próximo a mais um rebaixamento. Enquanto seguíamos em direção ao acesso B, a enorme fila formada junto à bilheteria 3, destinada aos torcedores que compraram ingressos via internet indicava que, mais uma vez, teríamos problemas de acesso ao estádio. Como eu havia comprado as entradas na véspera, nossa entrada foi bastante tranquila. Assim que chegamos ao nível 2, perguntei a João Pedro onde gostaria de ficar. Ele respondeu que preferia um lugar onde pudesse permanecer sentado. Optei então pelo subsetor onde predominam os avulsos, próximo aos camarotes e cadeiras cativas. Apesar do seu pouco interesse em acompanhar o noticiário relacionado ao futebol, João gosta de jogar bola com os amigos e do Vasco da Gama. Para ele, o time do coração é mais importante do que o futebol. Assim que nos sentamos, já com as duas equipes em campo, havia um grande número de assentos vagos no setor Sul. Chamavam a atenção o grande número de crianças e uma diversidade étnica maior do que a encontrada nas torcidas de Flamengo e Fluminense. Com a partida em andamento, o público continuava chegando em grande número. Não tardou para que algumas pessoas permanecessem de pé em razão da superlotação do setor. Um amigo de George, que comprara seu ingresso via internet e chegara ao estádio com meia hora de antecedência, conseguiu entrar apenas aos 42 minutos do primeiro tempo. Dizia que havia muita gente do lado de fora e que muitos retornaram para casa. Quando perguntei a João Pedro se estava gostando ele disse que sim, mas que a torcida era “muito brava”. Logo após o gol do Vasco da Gama, cheguei a levantá-lo para que pudesse ver melhor a festa protagonizada pelos MOTs à sua direita, algo que o impressionava. O gol de pênalti da Chapecoense esfriou a torcida. De início, apenas a GDA puxou um grito de incentivo, que demorou a ser acompanhado pelos outros MOTs e, principalmente, pelos torcedores avulsos. Na saída, conversando com o senhor Newton, perguntei a sua opinião sobre o estádio. Ele se dizia impressionado com a funcionalidade, o conforto e a limpeza dos banheiros. Elogiou também os orientadores de público. Com base no que temos observado, podemos afirmar que, para os torcedores que não frequentam o Maracanã com frequência, o estádio não deve ter segredos.

JOGO 38: FLUMINENSE 2X1 PALMEIRAS (LESTE INFERIOR)

Acompanhei a partida ao lado de Rodrigo Carrapatoso, torcedor do Sport e morador do Recife. Durante o percurso até a entrada D, ele procurava estabelecer analogias entre o Maracanã, a Arena Pernambuco e os tradicionais estádios da capital pernambucana. Em sua opinião, apesar de um conflito verificado entre cinco torcedores do Palmeiras, policiais do GEPE e guardas municipais, o ambiente do entorno do Maracanã parecia de menor tensão graças à existência de locais nos quais torcedores adversários caminhavam lado a lado e, também, com a ciclovia que circunda o complexo sendo utilizada pelos moradores do entorno como pista de corrida/caminhada. Nos estádios locais, além de tal espaço inexistir, o policiamento costuma cercar e impedir a circulação de pessoas estranhas ao espetáculo em toda a área próxima aos estádios.

Dentro do estádio, em razão de termos comprado nossas entradas em momentos distintos, tivemos que nos separar, pois ocupávamos blocos diferentes no setor Leste inferior. Na porção Sul, a torcida promovia uma bela festa com cerca de duas mil bandeirinhas distribuídas aos torcedores. Durante o Hino Nacional, enquanto boa parte dos espectadores do setor Leste inferior permanecia de pé, em sinal de respeito, o setor Sul era coberto por uma nuvem de pó-de-arroz, permitida pelo GEPE para aquela partida.

Durante o jogo, notei, mesmo à distância, que a torcida do Fluminense, posicionada no subsetor Norte a ela destinado, apesar de vibrar, parecia ter um comportamento mais próximo dos espectadores que optavam pelo Leste inferior do que de quem estava no seu equivalente oposto (Sul). Creio que tal fato tenha ocorrido em razão da presença de torcedores avulsos, que não possuem ligação com os MOTs, responsáveis pelo ambiente festivo encontrado nas antigas arquibancadas.

Voltando ao Leste inferior, por se tratar de uma partida decisiva, válida pela fase semifinal da Copa do Brasil e com maior presença de público, a torcida apresentou um comportamento mais participativo do que o verificado em outras oportunidades. Mesmo assim, poucos foram aqueles que permaneciam em pé após um lance de perigo ou mesmo acompanhavam as músicas e coreografias vindas do setor Sul. Na verdade, salvo raras exceções, o torcedor do setor Leste inferior apesar de admirar a festa dos MOTs, opta por desembolsar um valor mais alto em busca de um ambiente tranquilo, com uma melhor visão do campo de jogo, sem que nada desvie a sua atenção enquanto acompanham a partida. Em outras palavras, sua ação é a contemplação.

Na segunda etapa, eu e Rodrigo ocupamos dois assentos vazios um ao lado do outro. Sobre o estádio, seu maior estranhamento residia no fato de diversos setores permanecerem fechados. Além disso, as partes comercializadas não estavam com a lotação máxima. Segundo ele, caso uma equipe nordestina alcançasse aquela fase da competição, a partida representaria o “jogo do ano” e todos os ingressos teriam sido vendidos.

Podemos classificar a relação entre os torcedores naquele setor misto como respeitosa. Apenas um torcedor do Fluminense, após o segundo gol tricolor, gritou, por alguns instantes, de forma nada educada, em direção a um pequeno grupo de palmeirenses localizado algumas fileiras à frente. No gol do Palmeiras, por sua vez, a torcida comemorou livremente, sem ser incomodada. Quando a partida reiniciou, entretanto, um senhor com a camisa do Fluminense pediu para que uma animada torcedora da equipe paulista que, com um copo de cerveja na mão, “insistia” em permanecer em pé, se sentasse. De imediato, recordei a fala do chefe dos seguranças do setor Leste superior durante a partida Flamengo 1x2 Vasco da Gama, informando a outra torcedora “rebelde” que era permitido levantar do assento apenas para comemorar o gol.

JOGO 39: VASCO DA GAMA 0X0 GRÊMIO (LESTE INFERIOR)

Enquanto aguardava a minha vez para comprar o ingresso na bilheteria 4, um torcedor do Vasco da Gama pediu a indicação de um setor tranquilo e com boa visão do campo de jogo. Disse a ele que não havia locais perigosos e que, no setor Leste inferior (misto e com preço de R\$ 60), ele ocuparia uma posição central, porém, no Sul (reservado apenas à torcida do Vasco e custando R\$ 40), seria possível sentir o calor da torcida. O torcedor agradeceu a sugestão, mas disse que preferia a tranquilidade de assistir à partida no setor Leste inferior, mesmo tendo que desembolsar um valor mais alto.

Nesse local, ao chegar ao bloco 119, perguntei a uma orientadora sobre a localização da minha cadeira (fileira kk assento 16). Ela indicou que eu deveria me sentar na última fileira, junto à mureta que separa o Leste inferior dos camarotes Leste (vazios). Ao chegar, o assento estava sem a numeração. Outros, por sua vez, tinham a numeração apagada.

A torcida do Vasco compareceu em bom número ao setor Sul, concentrada especialmente na porção voltada para a divisa com o Leste. Havia um maior número de torcedores no nível 1 do que nos níveis 2 e 5, fato comum nas partidas disputadas nos finais de semana, na parte da tarde e contra rivais de fora da cidade, o que nos leva a crer que partidas com tais características tendam a apresentar uma porcentagem maior de torcedores avulsos, especialmente aqueles que vão acompanhados por seus familiares.

No Leste inferior, percebi que a plateia, apesar de permanecer sentada a maior parte do tempo, assumia uma postura mais ativa quando comparada a outras torcidas. Ela gritava, levantava, vibrava e, principalmente, sofria muito mais. Não foram poucos aqueles que procuravam acompanhar o canto do setor Sul. É possível que a união dos principais MOTs, próximo à divisa com o setor Leste, exerça alguma influência sobre o comportamento dos seus torcedores. No início do segundo tempo, assim como ocorrera no Fla-Flu (jogo 31) um espectador levantou-se do seu assento não para incentivar a equipe, mas sim para voltar-se em direção à torcida do Sul superior e “ordenar” que ela gritasse. Ao que parece, para esse cidadão, haveria uma espécie de divisão de tarefas entre torcedores e espectadores que, de certa forma, acabou sendo internalizada por grande parte dos frequentadores do estádio. Mesmo assim, é possível dizer que se tratava de um ambiente tenso, com um público que, apesar de se comportar como espectador, incentivava, levantava (nos momentos “certos”) e proferia palavrões com maior frequência e intensidade do que nas outras oportunidades que estive naquele ponto do estádio.

JOGO 40: FLAMENGO 4X1 GOIÁS (NORTE SUPERIOR)

Para efeito da análise do comportamento do torcedor, a festa-protesto protagonizada pelos MOTs rubro-negros e os constantes atritos envolvendo componentes desses coletivos (inclusive daqueles compreendidos como de comportamento pacífico) e torcedores avulsos, mereceu uma narrativa mais apurada, presente na seção 4.4.2 (Os Espaços de Contestação).

No plano pessoal, a partida teve uma importância especial por três razões: 1^a: possibilitou que, passadas mais de três décadas, eu voltasse a frequentar o Maracanã ao lado do meu irmão Bruno, torcedor do Flamengo; 2^a: coincidia com a data do seu aniversário de 41 anos; 3^a: pela primeira vez, meu sobrinho Gabriel, de seis anos (que ora dizia torcer pelo Botafogo, ora para “todos os times”), entraria em um estádio de futebol.

Em razão da nossa chegada tardia e da (recorrente) demora para a compra de ingressos na bilheteria 4, entramos no Maracanã com a partida em andamento. Mesmo sem entender o que lhe esperava, Gabriel parecia bastante animado. A minha ideia inicial era a de assistirmos à partida no nível 1, de perfil familiar, mas não foi possível, pois aquele setor estava lotado. Mesmo sabendo que o Flamengo não almejava qualquer objetivo importante, a pouca vibração vinda das arquibancadas no momento do gol e a presença de torcedores ligados aos MOTs sentados e conversando na área de circulação, me deixaram intrigado.

Assim que nos sentamos, era possível escutar, alguns degraus acima, um coro de incentivo entoado por um pequeno grupo de torcedores avulsos enquanto líderes da *Urubuzada* sinalizavam para que eles se calassem. Em lugar da festa, prevalecia a tensão. Nesse momento, percebi que os MOTs rubro-negros resolveram utilizar o ato do “não vibrar” como forma de protesto. O resultado: um silêncio constrangedor. Como “anfitrião” fiquei preocupado, imaginando o que o meu sobrinho estaria pensando a respeito das cenas que presenciara. Resolvi perguntar a sua opinião. De pronto, ele respondeu: “Maneiro!”. Enfim, pude relaxar. Enquanto Bruno explicava o beabá do futebol para Gabriel, que observava a tudo atentamente, resolvi deixá-los por um instante e retornar à área de circulação do nível 2 onde pude presenciar o início da festa-espetáculo promovida pelos MOTs rubro-negros.

Na segunda etapa, apesar dos dois gols marcados em um curto intervalo de tempo (comemorados apenas pelos avulsos), os protestos continuaram no setor Norte superior com todos os coletivos torcedores concentrados em um único ponto, as bandeiras desfraldadas e o coro das torcidas. Revoltado, um torcedor se levantou e começou a gritar em direção àquele aglomerado dizendo que eles só queriam saber de receber ingressos. Outros avulsos, que também estavam na parte voltada para o setor Leste, se sentiram atraídos pelo espetáculo

sonoro e visual resultante da junção dos instrumentos e bandeiras e bandeirinhas da festa/protesto promovida pelos MOTs e transformaram a cerca interna da parte Norte superior em *point* para registros audiovisuais tendo como pano de fundo o espetáculo proporcionado pelas bandeiras. Por alguns momentos, me vi obrigado a interromper as observações a fim de atender ao pedido do meu irmão para que pudesse fotografá-los tendo a festa-protesto como cenário.

Passados alguns minutos, Gabriel pegou o telefone celular e começou a se distrair com o joguinho de um aplicativo. Bruno, imediatamente, recolheu o aparelho dizendo que ele estava no estádio para ver a partida. Quando os MOTs entoaram o hino do clube, finalmente, todos se uniram. Com o auxílio paterno, Gabriel tentava acompanhar a coreografia.

Mesmo sem compartilhar daquela paixão clubística, foi emocionante poder presenciar pai e filho comemorando juntos. Não importava se o Maracanã já não era mais o mesmo, se boa parte dos presentes se recusou a comemorar ou se a partida não apresentava qualquer caráter decisivo. Era um momento somente deles.

Terminada a partida e após uma nova seção de fotos, ao ser questionado por Bruno sobre o que achara da sua primeira ida ao Maracanã, Gabriel, eufórico, respondeu: “Foi muito legal, pai!”. Enquanto corria e pulava pela área de circulação, repetia aos gritos: “Eu amo o Flamengo!”; “4x1! Foi demais!”.

JOGO 41: FLAMENGO 1X0 ORLANDO CITY (MARACANÃ MAIS)

O amistoso em comemoração aos 120 anos do Clube de Regatas do Flamengo serviu para que, após sucessivos adiamentos, pudesse acompanhar a torcida rubro-negra no setor Maracanã Mais. A possibilidade de que a diretoria do clube vendesse para outras praças o mando de campo das duas últimas partidas do campeonato, fez com que eu optasse por essa data. Como a equipe não almejava mais nada na competição, acredito que o comportamento do público não apresentaria uma diferença significativa em relação às próximas partidas.

Após passar pela catraca, chegar ao acesso ao setor, receber uma pulseira de uma atendente, passar por outra roleta e subir pela escada rolante, finalmente, cheguei à Praça de Alimentação que, para muitos, divide, com o jogo propriamente dito, o protagonismo da experiência no estádio, com o sentido do paladar tomando a primazia da visão e da audição. Logo na entrada, um grande bolo de aniversário. Quase todos os presentes trajavam camisas do clube.

Mesmo sendo um clube fundado apenas em 2010 e vindo de outro país, cerca de cinquenta torcedores do Orlando City compareceram ao setor Sul inferior, a maior parte localizada entre duas “barras” de cor roxa. Além deles, algumas pessoas no Maracanã Mais vestiam a camisa da equipe.

No setor Norte superior, os MOTs cantavam, tocavam instrumentos e agitavam bandeiras promovendo uma festa para o clube, pouco se importando com o desempenho da equipe dentro das quatro linhas. Os espectadores do Maracanã Mais, na sua maioria, apenas observavam ou fotografavam. Alguns (poucos), entretanto, procuravam acompanhar a vibração da torcida, sem transgredir as normas disciplinares vigentes no setor. Como era de se esperar, grande parte dos presentes pode ser classificada como sendo meros espectadores, com as demonstrações de emoção restritas aos momentos-chave da partida (o pênalti defendido por Paulo Victor e o gol marcado por Luiz Antonio). Ainda assim, aquele grupo parecia apresentar um comportamento mais ativo do que o da torcida do Fluminense que comparece ao setor Leste inferior.

JOGO 42: FLUMINENSE 1X1 INTERNACIONAL (MARACANÃ MAIS)

Esta foi a última partida da fase de observações no Maracanã, em 2015. Enquanto passava em frente ao Parque da Bola, ao perceber que eu tentava fotografar a área interna do recinto, que ocupa parte do Parque Aquático Julio Delamare, um dos responsáveis pela montagem do evento *Mais Amor por Favor*, que seria realizado naquela noite, permitiu que eu entrasse. Com o palco em fase de testes, funcionários preparavam refuncionalização do espaço, utilizado durante o dia para festas infantis e que seria apropriado por uma nova territorialidade, relacionada ao entretenimento do público jovem e adulto. A estrutura existente com bares, banheiros, praça de alimentação e posto médico, segue a lógica de aproveitamento daquele local enquanto espaço de consumo e entretenimento pagos. Em meio àquele ambiente, a placa em comemoração ao lançamento da pedra fundamental do Estádio Aquático (concebido com o um bem público) parecia um corpo estranho. Após alguns minutos, uma das seguranças do complexo apareceu e me acompanhou até a saída.

Na praça de alimentação do setor Maracanã Mais, pude assistir pela televisão a uma ação publicitária patrocinada por uma marca de bombons. A *Câmera do Beijo* focalizou um casal “obrigado” a se beijar, ao ver a sua imagem projetada nos telões. Com uma canção romântica ao fundo, a seguinte *hashtag* aparecia no canto da tela: #pensememosamemais.

Quando cheguei à minha cadeira, localizada próximo ao túnel de acesso ao gramado, percebi que se tratava de um “ponto cego”. Como não havia ninguém por perto, mudei para o assento à esquerda. No Maracanã Mais, prevalecia o silêncio. Nem o gol marcado pelo adversário logo no início serviu para acirrar os ânimos dos espectadores. Mesmo sentado na décima-primeira fileira conseguia escutar os comentários do técnico do Internacional, de pé, na área técnica, com seu auxiliar sentado no banco de reservas. Somente em outro bloco do setor, havia um grupo de torcedores um pouco mais participativo.

No intervalo, como de praxe, a praça de alimentação reinava absoluta entre os frequentadores. Durante a segunda etapa, um torcedor sentado na segunda fileira, também em um “ponto cego” resolveu se levantar para acompanhar a partida. Passados três minutos, um segurança pediu para que ele se sentasse, mesmo que a pessoa mais próxima estivesse sete fileiras atrás. Contrariado, ele acatou o pedido. Finalmente, no momento do gol de empate do Fluminense, os espectadores realmente vibraram e procuraram acompanhar (mesmo que por poucos instantes) o alento da *Bravo 52*. Terminada a partida, boa parte dos presentes seguiu em direção à loja de produtos esportivos Cariocas F.C.

JOGO 43: BOTAFOGO 0X1 VASCO DA GAMA (LESTE INFERIOR)

O primeiro jogo da fase final do Campeonato Carioca marcou a reabertura do estádio como espaço para o futebol, em 2016, além de servir como evento-teste para os Jogos Olímpicos. Com o Maracanã entregue ao Comitê Organizador das Olimpíadas, a organização coube à FERJ e não ao Consórcio Maracanã S.A. Segundo consta, o grupo privado não teria mais interesse em administrar o estádio e desejava devolvê-lo ao governo do estado. As empresas contratadas e a equipe de apoio (mesmo com poucos orientadores de público) eram as mesmas de 2015.

No Julio Delamare, o Parque da Bola deixou de existir. No muro do Estádio de Atletismo Célio de Barros, cartazes com o desenho de uma tocha olímpica e a frase: OLIMPÍADAS NO RIO? NOSSO OURO É A EDUCAÇÃO PÚBLICA, uma crítica dos movimentos sociais ao caráter excludente do evento que se avizinha. O muro da rua Professor Eurico Rabello, próximo ao acesso Sul B, cujas transformações venho acompanhando desde o jogo 01 recebeu novas inscrições. Desta vez, ele sofreu uma dupla apropriação. Um grupo de torcedores tricolores voltou a escrever a frase É O DESTINO como forma de provocação aos cruzmaltinos e de marcar a “posse” sobre os arredores do “lado direito” da parte interna do estádio. Entretanto, aproveitando a recente conquista da Taça Guanabara, após uma vitória sobre o Fluminense, torcedores do Vasco da Gama acrescentaram os dizeres SER FREGUÊS à inscrição anterior. Trata-se de um transbordamento e um desdobramento da briga por um determinado território no interior do estádio, que alcançou a dimensão do simbólico grafado naquela parede de concreto.

Dentro do estádio, no corredor do setor Leste inferior, uma fina camada de poeira cobria o ar, provavelmente em razão das obras de preparação para os Jogos Olímpicos. Com a retirada da maior parte das cadeiras cativas/perpétuas, os proprietários desses assentos foram realocados no setor Leste superior. O público do setor Leste inferior sofria com o incômodo provocado pela luz do Sol em direção aos olhos, que dificultava o acompanhamento do desenrolar da ação dentro das quatro linhas. Na posição em que me encontrava, tal situação perdurou até os 30 minutos da primeira etapa. Com o fim do lugar marcado e o claro predomínio de torcedores do Vasco da Gama, acreditava que eles tenderiam a procurar uma maior proximidade com os seus pares. Na parte Leste inferior, a minha ideia inicial se confirmou. No lado oposto, por sua vez, a porção do setor Oeste inferior voltada para a torcida do Botafogo o número de presentes era bem maior quando comparado ao que estava junto aos cruzmaltinos do Sul inferior. Nas áreas destinadas exclusivamente a cada equipe, a

torcida do Vasco da Gama praticamente lotava o setor Sul. O lado alvinegro, por sua vez, tinha a maior parte do coletivo torcedor concentrado na parte do setor Norte superior ocupada pelo movimento *Loucos pelo Botafogo*.

No Leste inferior, durante a execução do Hino Nacional, uma jovem criticava a atitude dos alvinegros do setor Norte, que continuavam a cantar as suas canções durante um momento solene, chamando-os de “torcida mal-educada”. Ato contínuo, ao perceber que o setor Sul tivera a mesma atitude, ela esqueceu os “bons modos” e passou a entoar os mesmos cânticos.

Por se tratar de um jogo decisivo, a assistência do setor misto parecia disposta a participar de modo mais ativo do que o normal. Era possível ouvir muitos palavrões (algo raro) e ver torcedores exaltados que procuravam acompanhar o coro dos MOTs localizados atrás dos gols. Por sua vez, os torcedores que ocuparam a última fileira optaram por permanecer de pé. Mesmo assim, predominou a postura do espectador sobre a do torcedor.

Na segunda etapa, a partida ganhou em empolgação. Em um determinado momento, houve um duelo entre os MOTs posicionados atrás das duas metas. Desta vez, a vibração não ficou restrita a esses pontos, alcançando os setores mistos (ainda que com intensidade bem menor). Empolgado, um alvinegro levantou-se, tirou a camisa e começou a girá-la. Tal atitude não foi bem aceita por quem estava atrás e, advertido por um espectador, ele retornou ao seu assento. Após o gol do Vasco da Gama, passada a euforia inicial, algumas pessoas sacaram de seus telefones celulares para filmar ou fotografar a si mesmos tendo como fundo principal não o seu setor, mas sim a festa promovida no Sul distante.

Teve início a festa dos MOTs cruzmaltinos ao ritmo de uma paródia de uma música de sucesso do *funk* denominada *Baile de Favela*, entoada em São Januário também com o intuito de acentuar o caráter popular do estádio e da sua torcida em oposição à elitização proposta para o futebol e o Maracanã. Terminada a partida, as reações variaram entre a vibração, o lamento, as chacotas aos amigos alvinegros e, como de costume, fotos, muitas fotos. Na praça de alimentação, gritos de *Casaca!*

JOGO 44: VASCO DA GAMA 1x1 BOTAFOGO (OESTE INFERIOR)

Por ocasião da decisiva do Campeonato Carioca de 2016, optei pelo setor Oeste em razão de não ter sido analisado com a presença da torcida botafoguense. Na sede de General Severiano, após uma espera de 50 minutos na fila, uma jovem no guichê ao lado, solicitava duas entradas para o setor Leste inferior. Logo após, constrangida, ela quis saber se era verdade que os ingressos para o Sul superior estavam esgotados, o que deixou clara a sua preferência clubística.

No dia da partida, após a estação Central do metrô, um grupo de botafoguenses cantou uma canção exaltando o Engenhão e chamando São Januário de “Chiqueirão”. Na plataforma da estação Estácio, os grupos mais vocais das duas equipes procuraram as extremidades opostas. Após o desembarque, chamou a atenção a explosão constante de morteiros e malvinas nos arredores do estádio, fato pouco comum, que assustava os torcedores avulsos e, principalmente, as crianças. Mesmo assim, não presenciei nenhum atrito entre grupos rivais. Havia uma tensão controlada no ar.

Pude constatar que o Estádio de Atletismo Célio de Barros, além de continuar sendo utilizado como estacionamento, teve parte da sua área ocupada por estruturas de lona que devem servir como pontos de apoio para as intervenções que visam preparar o Maracanã para os Jogos Olímpicos. De certa forma, esse local vem se transformando em um “estádio multifuncional” que, cada vez mais, se afasta da sua função original.

Enquanto caminhava pela área de circulação do setor Oeste inferior, avistei três torcedores do Vasco da Gama (duas mulheres e um homem) que, ao chegarem à cerca divisória com a parte Sul inferior, perceberam que estavam na porção errada do estádio. Imediatamente, correram em direção à rampa, pois tinham comprado entradas para o Sul e os seguranças não estavam conferindo os bilhetes com a atenção devida.

No momento da entrada das duas equipes, a torcida do setor Norte superior preparou uma festa com bandeiras, balões brancos e pretos e, faixas com as mesmas cores. Por sua vez, no setor Sul (superior e inferior) foi exibido um grande mosaico com a inscrição AQUI É VASCO.

É preciso destacar que finais de campeonato costumam ser jogos atípicos. No Oeste inferior, há que se destacar o grande número de mulheres e crianças. Creio que o fato de todos os ingressos do setor Sul terem sido comercializados sete horas após o início das vendas (muitos adultos não conseguiram comprá-los), aliado à preocupação dos pais com a segurança

da família e à manutenção do preço de R\$ 40 por cada meia-entrada no setor (valor não muito alto em se tratando de uma partida final) tenham contribuído para esse cenário pouco comum.

Por sua vez, foi possível constatar a afluência de um público com uma cultura torcedora diferente (um deles vestia a camisa da organizada *Mancha Negra*). A recusa em acatar a orientação de não levantar da cadeira durante a partida gerou um ambiente de desconforto entre torcedores que gostariam de permanecer sentados e aqueles que tentavam impor o seu modo de torcer. Um pai passou boa parte da primeira etapa, de pé, segurando a filha no colo. Crianças mais velhas ficavam de pé sobre os assentos. Os seguranças, tão rigorosos em outras partidas, permaneceram posicionados junto aos túneis de acesso, vencidos pelo quantitativo de pessoas que rechaçavam as normas impostas para aquela porção do estádio. Também era possível perceber uma postura diferente do público, muito mais ativa, “desbocada” e de “enfrentamento” contra as manifestações da torcida rival posicionada atrás dos gols, indicando um transbordamento do setor Norte para aquele local.

Na segunda etapa, o gol do Botafogo antes dos 10 minutos e o tento de empate cruzmaltino logo após, fizeram com que o público não se sentasse mais e as reclamações cessassem. Quanto aos gols, tanto os botafoguenses quanto vascaínos tiveram as suas comemorações respeitadas e nenhum conflito foi registrado. Após o empate, três quartos do estádio foram tomados por luzes e *flashes* de câmeras e telefones celulares. Ainda na comemoração do gol, a torcida do Vasco, ao cantar “*Uh, pula aê, deixa o caldeirão ferver!*”, fez com que o concreto trepidasse, fato incomum ao longo do período de observações. Os MOTs alvinegros do setor Norte, tão combativos e participativos em outras oportunidades, permaneceram calados a maior parte do tempo. De pé, os cruzmaltinos do setor Oeste participavam ativamente da festa, cantando e vibrando intensamente. Em muitos momentos, seu comportamento se assemelhava ao dos *satélites* encontrados nos níveis 2 e 5.

Logo após o apito final, um homem circulava oferecendo faixas de campeão carioca. Como ele foi parar ali? Um espectador lamentava com um amigo o fato de não ter conseguido postar nada nas redes sociais. Muitas bandeiras foram levadas até o nível 1, como parte da comemoração junto aos atletas. No momento da volta olímpica, foi possível identificar torcedores do Vasco da Gama na área reservada exclusivamente à torcida alvinegra que, sem ingressos, resolveram assistir à partida em “território inimigo”. Um deles se destacava em razão do “disfarce” adotado, uma camisa da Juventus, equipe italiana cujo uniforme é semelhante ao do Botafogo. Na saída, um verdadeiro exército de vendedores de faixas de campeão. O ambiente de paz e respeito entre as torcidas imperava.

JOGO 45: FLAMENGO 2X2 CORINTHIANS (SUL SUPERIOR – VISITANTE)

A presente partida mereceu uma seção exclusiva no corpo da tese, com relatos dedicados: à procura por entradas via internet e na parte externa do Maracanã; aos conflitos verificados naquela tarde de domingo; à análise de uma série de equívocos que culminaram no confronto entre policiais e torcedores do Corinthians, com o confinamento, após a peleja, da torcida visitante, no interior das dependências do subsetor Sul superior a ela destinado. Como consequência, trinta corinthians acusados de envolvimento no confronto permaneceram encarcerados (sem julgamento) no complexo penitenciário de Gericinó por um período aproximado de quatro meses. Sendo assim, este relato tratará somente dos fatos que não foram relatados no corpo do trabalho acadêmico, relacionados à tentativa frustrada de adquirir o ingresso três dias antes da contenda e à série de provações que o torcedor rubro-negro se viu compelido a enfrentar para poder apoiar a equipe.

Em pouco mais de 24 horas, praticamente todas as pouco mais de 54.000 entradas disponíveis via internet haviam sido comercializadas para sócios-torcedores (primeiramente) e para o público em geral. Os primeiros setores com bilhetes esgotados foram: Norte, Sul, Leste superior e Maracanã Mais. Restaram para a venda em postos físicos, no dia seguinte (quinta-feira), somente 3.500 *tickets*, em razão de uma decisão da diretoria do clube, de não os comercializar “em respeito aos torcedores” que passaram a noite esperando a abertura das bilheteiras especialmente no Maracanã.

Como estratégia para evitar tumultos nas bilheteiras do estádio, resolvi seguir em direção à loja HS Sports, localizada em uma galeria na rua Conde de Bonfim, 695, bairro da Tijuca. O alto valor cobrado pelas entradas restantes (R\$ 120 para Leste superior, R\$ 160 para Leste inferior e R\$ 180 para Oeste inferior) no meu entendimento, afugentaria muitos torcedores que não conseguiram adquirir ingressos para os setores Norte (R\$ 80) e Sul (R\$ 100).

Ao chegar, vinte minutos antes do horário previsto para o início das vendas, uma longa fila seguia em direção à rua Conde de Bonfim. Os transeuntes olhavam intrigados com tamanha aglomeração. Em poucos minutos, fui interpelado quatro vezes sobre a razão daquela concentração de pessoas. Atrás de mim, dois jovens que, ao avistarem um número tão grande de torcedores à frente, concordavam com a prioridade de compra destinada pela diretoria aos sócios-torcedores, afinal, “eles pagam o ano inteiro”. Outros lamentavam o fato de, em razão do longo período de fechamento do estádio, terem deixado de contribuir. Havia também

sócios-torcedores que não obtiveram sucesso na tentativa de comprar seus lugares pela internet. Às 10h, teve início a venda.

O ambiente era de paz, com grupos de amigos e desconhecidos conversando principalmente sobre histórias de sacrifícios em nome da paixão pelo clube. De tempos em tempos o silêncio era quebrado por gritos vindos do interior da galeria, de incentivo ao clube e de protesto contra eventuais tentativas de “furar a fila”. O eco produzido naquele ambiente conferia a ele, ares de Maracanã. O público presente era predominantemente jovem, do sexo masculino e com uma diversidade étnico-social relativamente grande. Havia inclusive pessoas com o uniforme do trabalho e um *office boy* com a incumbência de adquirir ingressos para o seu chefe.

Por volta das 11h, um torcedor deixou o ponto de compra, com um semblante orgulhoso e o ingresso em mãos. Ele contava, em voz alta, que chegara ao local às 6 horas da manhã. De tempos em tempos um senhor que, se não fosse o dono, devia exercer uma função importante na loja de material esportivo, passava para ter uma noção do tamanho da fila. Numa das ocasiões, desabafou com uma pessoa dizendo que a venda corria lentamente em razão de não serem ofertadas entradas para o setor Norte. Quem estava apto a comprar, ligava para algum parente ou amigo informando os novos valores. Segundo ele, “quem faz isso não quer dar a vez para quem está atrás de jeito nenhum”.

Às 13h10, surgiu a informação de que o sistema “travara” e que estavam tentando reiniciá-lo. Entre os presentes, cresciam as especulações de que não haveria mais entradas à venda. Pouco depois, um dos presentes consultou o *twitter* oficial do Flamengo, que emitiu o comunicado de que a venda de ingressos estava encerrada. Mesmo assim, ninguém saiu da fila (havia, no mínimo, quarenta pessoas à minha frente e cerca de duzentas atrás). Somente às 13h20, quando os funcionários do ponto de venda informaram acerca do esgotamento da carga de ingressos é que os torcedores começaram a se dispersar. Não houve tumulto ou revolta, apenas lamentos. Um rapaz próximo a mim agachou-se junto à parede, pôs as duas mãos à frente do rosto e assim permaneceu por alguns segundos. O jovem, que acordara às 3h30, dizia, resignado, que, na próxima ocasião, chegaria mais cedo. Naquele momento, eu, que não torço pelo clube e tinha interesse meramente acadêmico em comparecer ao evento, me encontrei tomado por um forte sentimento de frustração. Imaginei, então, como se sentiria o torcedor fanático excluído desse reencontro e que seguia cabisbaixo de volta para casa ou para o trabalho.

JOGO 46: FLUMINENSE 2X2 VITÓRIA (NORTE SUPERIOR – VISITANTE)

Por ocasião desta partida, minha principal preocupação era a de poder analisar, pela primeira vez, o comportamento da torcida de uma equipe nordestina. Chegando ao Maracanã, fotografei, do alto da rampa da UERJ, o Estádio de Atletismo Célio de Barros que, terminados os Jogos Olímpicos e Paralímpicos parecia transformado em um imenso depósito de entulho. A cada visita reforço a impressão da existência de uma área adormecida, em avançado estado de deterioração, à espera da chegada do momento adequado em que cumprirá o “destino” a ela reservado, de trocar a sua função esportiva original pela comercial, muito mais rentável.

Ao descer a rampa, perguntei a uma orientadora de público o nome da empresa para a qual ela trabalhava. Sua resposta: “Posso Ajudar?”, seguida da sigla CSM (*Chime Sports Marketing*) ligada ao grupo responsável pela operação da partida em conjunto com a FERJ. Havia também, na parte externa, um forte aparato policial, desproporcional à importância da partida, provavelmente em razão dos acontecimentos envolvendo torcedores flamenguistas e corinthianos cinco dias antes.

Desta feita, minha principal preocupação era analisar, pela primeira vez, a torcida de uma equipe nordestina. Por se tratar de uma agremiação com um contingente torcedor relativamente numeroso, porém concentrado em um ponto geograficamente distante da cidade do Rio de Janeiro (neste caso, a Região Metropolitana de Salvador), havia um predomínio de torcedores avulsos ou pertencentes a coletivos torcedores compostos por núcleos locais de MOTs maiores, radicados na metrópole fluminense. Em função do pequeno quantitativo, houve a concentração dos fãs exclusivamente no subsetor Norte superior (nível 2).

A presença de duas bandeiras da *Torcida Uniformizada Os Imbatíveis* influenciou diretamente a distribuição espacial de todos os torcedores presentes. O posicionamento dos dois estandartes na porção inferior um pouco acima da divisa com o nível 1 e distante das duas laterais, fez com que os seus poucos componentes e alguns satélites permanecessem de pé ao redor da bandeira. Gritos de VI-TÓ-RIA!!!, emitidos com o emprego de uma divisão silábica própria, eram entoados repetidamente. A localização das bandeiras, somada ao fato de que, quando desfraldadas, dificultavam a visão do campo de jogo para quem estava atrás, fez com que o público presente em pequeno número se distribuísse em forma de “U”, com os organizados e satélites de pé nos blocos centrais das primeiras fileiras, e os avulsos sentados nas laterais.

No início da partida, dois fatos chamaram a minha atenção: a proporção relativamente pequena de pessoas com a camisa da equipe, talvez em função de muitos terem saído direto

do trabalho, em razão do horário e do dia da semana (19h30 de sexta-feira), além do medo da torcida adversária devido às cores do fardamento, iguais às do rival Flamengo; a grande proporção de pessoas brancas, ainda mais se tratando de uma equipe sediada na capital com a maior proporção de população negra do país. De qualquer forma, era comum ver pessoas se encontrando nas arquibancadas, o que reforça esses espaços como locais de encontro de duas identidades: clubística e local.

Após o gol do Vitória, apesar de bastante comemorado por grande parte dos presentes, percebi que não foram poucos aqueles que permaneceram sentados manifestando-se de forma menos intensa. A marcação de um pênalti contra a equipe (a infração aconteceu fora da área) provocou a fúria de muitos presentes. Creio que o histórico de favorecimentos da arbitragem às equipes do eixo Rio – São Paulo e a imagem associada ao Fluminense de equipe protegida por decisões extracampo tenham contribuído para potencializar tais reações.

No intervalo, encontrei Irlan Simões, mestrando em Comunicação Social pela UERJ e um estudioso acerca do processo de arenização dos estádios. Os cinco minutos de conversa que tive com ele foram bastante esclarecedores. Ele me contou que, a venda de ingressos para a torcida visitante teve início somente após as 17 horas. No seu grupo de amigos, havia pessoas que não torciam pela equipe baiana. Eram jovens moradores dos arredores, saudosos das idas ao Maracanã. Havia, na bilheteria 4, alguns estrangeiros que, provavelmente, optaram pelo setor Norte em razão das pequenas filas. Isso explica (em parte) o “embranquecimento” da torcida e a porcentagem relativamente pequena de espectadores uniformizados.

Próximo ao final da partida, perguntei a um policial do GEPE se haveria algum esquema montado para reter a torcida visitante após o final do jogo. Ele respondeu que não, pois essa atitude é adotada apenas quando há torcidas organizadas. Por ocasião do tento de empate do Vitória foi possível, mais uma vez, constatar o contraste entre a vibração dos que estavam mais a frente e muitos dos que se sentaram nas extremidades (principalmente nos degraus mais elevados, próximo à divisa com Leste superior). Nos minutos derradeiros, alguns avulsos se levantaram e passaram a torcer e vibrar com os *satélites* e componentes da *Os Imbatíveis*. As bandeiras voltaram a ser desfraldadas. Com o apito final, mesmo com a equipe permanecendo na zona de rebaixamento, a torcida baiana festejava o ponto conquistado enquanto os tricolores protestavam.

JOGO 47: FLAMENGO 0X0 BOTAFOGO (SUL INFERIOR – VISITANTE)

O presente clássico teve como característica a adoção do sistema de torcida única, incomum no estado do Rio de Janeiro, com a equipe visitante (no caso, o Botafogo) tendo direito a apenas 10% da carga de ingressos disponível. Em razão do pedido do GEPE de fechar a porção do setor Sul originalmente destinada à torcida mandante como prevenção para que os incidentes verificados na partida contra o Corinthians não se repetissem³⁶⁴, não houve venda de entradas para o subsetor Sul originalmente destinado à torcida rubro-negra. Como, mais uma vez, não consegui comprar ingressos para os locais destinados aos adeptos do Flamengo, a opção por estar junto ao contingente visitante teve muito mais a ver com a possibilidade em realizar uma observação indireta da torcida do Flamengo do que em registrar o padrão de comportamento dos alvinegros.

Dessa forma, escolhi sentar em um dos degraus mais altos do Sul inferior, junto à lona utilizada para afastar a torcida visitante da grade divisória com o Oeste inferior, ocupado por rubro-negros. Em comparação com 2015, não há mais setores mistos nem lugares marcados nas partes Leste, Oeste inferior e Maracanã Mais. Como justificativa, após a devolução do estádio pelo Comitê Rio-2016, constatou-se que muitos assentos não teriam sido recolocados. Outros, por sua vez, foram postos sem obedecer à ordem correta de numeração. Em 2016, Consórcio Maracanã S.A. não participou da administração das partidas, mas sim o próprio Flamengo em parceria com a empresa CSM.

Os torcedores do setor Sul inferior, em sua maioria, assistiram sentados à partida. Naquele ponto, de pé, somente aqueles que se posicionaram na divisa com a parte sem ocupação do setor Sul e junto à mureta divisória com o gramado. Desse grupo, destaco um torcedor que dedicou grande parte de seu tempo e atenção a discutir com torcedores rivais, presentes ao Oeste inferior. O torcedor em questão segurava um frasco de descongestionante nasal preso por uma pequena corda simulando a sua utilização, uma alusão ao chamado “cheirinho do hepta”, como ficou popularmente conhecida a boa fase da equipe, que chegou a ambicionar mais um título nacional.

Sobre a torcida do Flamengo, mesmo à distância, pude observar que, no Oeste inferior, todos permaneceram de pé a maior parte do tempo. Mesmo assim, agiam mais como espectadores do que como torcedores. Vibravam, cantavam e (alguns) mexiam os braços nos momentos de maior emoção. Na maior parte do tempo, prevaleceu a tensão nos rostos e corpos e a atenção dos olhos voltada para o jogo. Em resumo, os setores centrais/laterais

³⁶⁴ Todos aqueles que compraram o pacote de jogos para o setor Sul foram realocados na porção Leste superior.

passaram a combinar elementos do Norte superior (todos de pé) e inferior (espectador prevalece sobre torcedor, porém, predisposto a participar da festa). O Norte superior sem poder ostentar bandeiras ou quaisquer outros símbolos parece ter perdido a identidade. Em 2015, ao ocupar a mesma posição, era possível ouvir o grito do Norte superior. Analisando o borderô da partida, constatei que cerca de 70% da assistência presente era composta por sócios-torcedores.

Durante o primeiro tempo presenciei um conflito no setor Oeste envolvendo uma senhora com a camisa do Botafogo e uma policial militar que parecia dizer que ela não poderia permanecer naquele local. Vi a senhora cobrindo a camisa (discreta, da cor preta) com um casaco. No intervalo, avistei mesma fileira em que estava sentado, a senhora alvinegra. Ela relatou que, a policial ao vê-la com a camisa do Botafogo disse (de maneira educada) que ela não poderia permanecer naquele local, pois a sua segurança estava em risco. Ela procurou argumentar dizendo que estava acompanhada da família e que costumavam frequentar o setor sem qualquer problema. A policial se mostrou intransigente, falou que não havia mais qualquer setor misto e a conduziu até o corredor. Apesar de a agente da lei ter se prontificado a providenciar outra blusa, a torcedora optou por sentar-se ao lado dos botafoguenses.

Um pouco antes, os telões do estádio transmitiram o pedido de casamento feito, no gramado, por um policial militar à sua noiva. Como prova de que os comportamentos machistas resistem (apesar de terem diminuído bastante nos últimos anos) parte da torcida do Botafogo alcunhava a agora noiva (rubro-negra) de “piranha”.

Durante a segunda etapa, o quadro permaneceu inalterado. A maior passividade demonstrada pelo setor Norte parecia ser compensada por uma postura mais ativa das partições centrais, onde todos também permaneciam de pé, o que conferia certa homogeneidade aos três quartos do estádio ocupados por adeptos do Flamengo. Ainda assim, de um modo geral, a tensão prevalecia sobre a torcida.

Satisfeitos com o empate, os alvinegros cantavam: “Favela, favela, favela, silêncio na favela!!!”. Com o fim do jogo, o tom das provocações aumentou. O resultado desagradou aos rubro-negros e fez com que, na saída, os policiais do GEPE passassem a intervir de forma mais contundente. Houve, inclusive arremesso de copos, bidirecional, entre frequentadores dos setores inferiores Sul e Oeste.

JOGO 48: FLUMINENSE 1X1 ATLÉTICO PARANAENSE (SUL SUPERIOR)

Aproveitando o feriado de Proclamação da República e a necessidade da equipe de alcançar a classificação para a Copa Libertadores da América de 2017, contra um adversário direto³⁶⁵, a diretoria do Fluminense fez uma ousada promoção, na qual pôs todos os ingressos à venda (exceto camarotes) por vinte reais³⁶⁶, que possibilitou o acesso de um novo perfil de público ao estádio.

Desde a partida anterior, contra o Vitória, planejava assistir a um jogo ao lado da torcida organizada *Young Flu*, que retornava ao Maracanã após cumprir um longo período de suspensão e, paralelamente, estabelecer comparações com a barra *Bravo 52*. Sendo assim, determinados fatos, já destacados em outras ocasiões, como a existência de imensas filas para a troca de ingressos, que culminaram com a entrada de torcedores até o início da segunda etapa, e a transformação do Estádio de Atletismo Célio de Barros em um grande depósito de entulho, não merecerão destaque.

No setor Sul superior, ocupei a posição de *satélite*, atrás de um dos gols, alguns degraus acima do núcleo duro da *Young Flu*. Como esperado, tratava-se de uma torcida “quente”, com o bumbo marcando o ritmo de forma ininterrupta. Visualmente, o movimento *Bravo 52*, posicionado junto à divisa com os camarotes e cadeiras cativas, parecia mais numeroso. O tamanho das bandeiras e a postura adotada em momentos específicos compõem alguns elementos de diferenciação encontrados entre os dois agrupamentos.

Na *Young Flu*, o som do bumbo é constante, mas seus componentes cantam apenas de tempos em tempos (inclusive cânticos antigos). Em comparação com a *Bravo 52*, parece haver uma maior diversidade étnico-racial. Acreditamos que tal fato tenha origem socioeconômica, sem qualquer relação com atitudes discriminatórias. Encontramos nas bandeiras da torcida organizada, pistas que podem corroborar com as nossas observações. Ao ler as inscrições contidas, percebi uma expressiva diversidade geográfica no interior do agrupamento. Havia subdivisões oriundas do Méier, Abolição, Zona Oeste e Baixada Fluminense. Esses pavilhões materializam uma imagem da torcida que foge ao estereótipo que associa o seu adepto à classe média residente na zona sul carioca. Havia também um importante núcleo feminino marcando presença.

³⁶⁵ Naquela ocasião, o Clube Atlético Paranaense ocupava a sexta colocação do certame, três pontos à frente do Fluminense, ocupando a última vaga disponível para o certame sul-americano.

³⁶⁶ O setor Maracanã Mais não foi ofertado. A área por ele ocupada constituiu parte do setor Oeste inferior, que, assim como a porção oposta, acompanhou toda a linha lateral.

A quantidade de famílias era significativa (apesar de aparentemente menor do que próximo a outros agrupamentos) e aumentava à medida que nos afastávamos do núcleo duro. Tal fato deve ser relativizado em razão da adoção dos preços promocionais e da superlotação verificada naquela parte do estádio. Um fator de repulsa que não deve deixar de ser levado em consideração, diz respeito ao livre consumo de maconha, presente também em outras partes dos setores Sul e Norte do estádio, mas não com tamanha frequência.

No momento da entrada em campo da equipe, ao iniciar a partida, em momentos de maior perigo e logo após o gol do Fluminense, a *Young Flu*, assim como as demais torcidas tradicionais, vibrava intensamente. Logo após o tento tricolor, boa parte dos torcedores começou a girar as camisas sobre a cabeça. A *Bravo 52*, por sua vez, ao invés de celebrações “explosivas”, prima por um apoio constante, de menor intensidade e maior duração, não condicionado (a princípio) ao desempenho da equipe em campo.

Logo após o empate do Atlético Paranaense, os MOTs continuaram apoiando. O público avulso, por sua vez, parecia tenso. Pouco antes do final da partida, pude avistar (mesmo a uma longa distância) um policial do GEPE atingindo com o cassetete um torcedor do Fluminense que estava no Norte superior. Pela posição que se encontrava, creio que o agredido tenha tentado se aproximar da torcida adversária. Em seguida, pênalti para o Fluminense. A vibração intensa produzida fez com que a arquibancada trepidasse, experiência ainda não testemunhada nas observações empreendidas durante os jogos da equipe. Tal euforia foi substituída por uma intensa frustração, em razão da cobrança desperdiçada. A *Young Flu* passou a cantar “Time sem vergonha” ao ritmo da música *Sorte Grande*. Terminada a partida, vaias para a equipe. Rapidamente, a *Bravo 52* recolheu as suas bandeiras de mão sem qualquer expressão visível ou audível de apoio ou descontentamento.

Como quase toda a área de circulação do nível 5 permaneceu aberta para facilitar a saída do público, era possível deixar o estádio pelas rampas da UERJ (acesso A) e do Bellini (acesso D). Aproveitei a oportunidade para caminhar de ponta a ponta e fotografar, do alto, os arredores do estádio. De um lado, o abandonado Célio de Barros e, no lado oposto, a Escola Friedenreich e o Parque Aquático Julio Delamare, que parecia estar sendo utilizado, ou, pelo menos, em condições de uso. Pelo que pude observar, o Estádio de Atletismo Célio de Barros continua a constituir uma vasta área adormecida.

JOGO 49: FLAMENGO 2X2 CORITIBA (LESTE INFERIOR)

Com os ingressos para o setor Norte esgotados, escolhi a parte Leste inferior, onde pude me encontrar e assistir à partida ao lado de Marcos e Lara, um casal de amigos rubro-negros. Em razão dos resultados insatisfatórios da equipe, naquela porção do estádio, apesar da boa presença de público, havia muitos assentos vazios. Tal fato possibilitou que, ao contrário do que ocorrera por ocasião de Flamengo 2x2 Corinthians³⁶⁷, o público presente buscasse estratégias que possibilitassem a coexistência entre diferentes modos de torcer num ponto onde, até 2015, o nomoespaço predominava e, que, em 2016, o genoespaço procurava se impor.

Optamos por uma posição central em relação ao campo de jogo, numa fileira não muito distante da divisa com a vasta área ociosa formada pelos camarotes Leste. Ao iniciar a partida, Marcos, com sua voz potente, solicitou para que todos à sua frente se sentassem, sendo prontamente atendido.

Como o setor Leste inferior não se encontrava com a ocupação máxima, pude constatar que, ao contrário do que ocorrera no encontro anterior, a distribuição do público alcançara um ponto de equilíbrio espontâneo. Nos primeiros e últimos degraus e nas laterais, quase todos estavam de pé. O limite informal entre as duas propostas distintas de torcer era estabelecido por duas ou três fileiras de assentos que permaneciam vazias, possibilitando que as pessoas sentadas não tivessem a visão encoberta. Mesmo assim, ocorreram situações conflitivas pontuais.

Com o primeiro tempo em andamento, um espectador sentado numa posição central, incomodado com a recusa de um rapaz e da moça que o acompanhava, em permanecer de pé à sua frente, solicitou a presença de um segurança privado, com a intenção de que ele resolvesse a querela. A postura desobediente adotada pela dupla representou, de forma simbólica, a ruptura de um acordo estabelecido de modo informal existente entre torcedores e espectadores, pois, como observado, quem optava por não se sentar, buscava as primeiras e últimas fileiras, ou então, as áreas limítrofes com os setores Norte e Sul. Após uma tensa e demorada negociação, o casal transgressor deixou o local em companhia do *steward*.

³⁶⁷ De acordo com Lara, todos permaneceram de pé, mas havia uma forte insatisfação de parte da plateia, em razão dessa nova postura adotada, incomum e fortemente coibida até o anterior.

JOGO 50: VASCO DA GAMA 2X1 CEARÁ (NORTE SUPERIOR)

Nesse jogo, tive a oportunidade de acompanhar pela primeira vez a torcida do Vasco da Gama que ocupava o setor Norte. Dentro do estádio, parecia haver certa uniformidade relacionada ao comportamento do público que cantava, celebrava e, logo após, protestava contra a diretoria. Podemos especular como principais fatores: os preços promocionais (oscilando entre R\$ 20 e R\$ 30); a ausência de bandeiras dos MOTs no setor Sul superior; o caráter decisivo da partida; o perfil do torcedor médio do clube, cujo comportamento aproxima-se muito mais do verificado nos antigos estádios do que o pretendido para as arenas (talvez em função de ter mantido o seu vínculo com a cultura torcedora tradicional em razão de sediar grande parte de seus jogos em São Januário). Por se tratar da última rodada da competição, havia uma mistura de festa, tensão e insatisfação devido à situação do clube, relegado à Série B em três oportunidades num intervalo inferior a uma década.

Antes da partida, balões de encher da cor preta foram distribuídos (também no setor Norte) para serem exibidos como sinal de protesto contra o time e, principalmente a diretoria do clube e o presidente Eurico Miranda. Durante o jogo, os torcedores permaneceram de pé. O comportamento do público presente ao setor Norte superior reproduzia o padrão verificado no restante do estádio.

No mesmo horário, o Clube Náutico Capibaribe (um dos rivais diretos pelo acesso) jogava na Arena Pernambuco contra a equipe do Oeste. O gol do time visitante gerou uma reação de alívio momentânea, que se misturou à tensão reinante, amplificada logo após o tento alcançado pelo Ceará. Alguns adeptos do Vasco da Gama procuravam incentivar a equipe, mas a ambiência produzida nas arquibancadas parecia refletir no desempenho dos atletas. Logo após a equipe paulista ampliar o placar, os cruzmaltinos, em tom de deboche começaram a gritar “Oeste!”. Ao apito final da primeira etapa, seguiu-se uma intensa e prolongada vaia e a transformação do Maracanã em espaço de protesto, personificado na figura de Eurico Miranda, seguida de gritos favoráveis a Edmundo, antigo ídolo do clube, desafeto do atual presidente e especulado como futuro postulante ao cargo.

Com o retorno da equipe, a torcida mostrou-se novamente disposta a incentivar. Os dois gols marcados quase que consecutivamente pelo centroavante Thalles, transformaram o estádio em um espaço de festa com camisas sendo giradas sobre a cabeça da claque. O estouro de um artefato explosivo próximo de onde eu me encontrava fez com que o público vibrasse intensamente, mas também assustou as crianças presentes.

Mesmo sem grandes emoções dentro de campo, a assistência presente a todos os setores vibrava intensamente, trocando a tensão pela celebração. Apesar da ausência das bandeiras, era possível identificar a presença dos MOTs no setor Sul superior, em razão da maior compactação do público e da intensa vibração produzida. Outro fato digno de registro foi a existência de um aglomerado com comportamento ativo e festivo, no setor Leste superior, junto à divisa com o Sul superior. À distância, não fosse a grade que os separava, pareciam formar um único MOT.

Ao fim da partida, mesmo com o acesso conquistado, vaias tomaram conta do estádio. Em seguida, gritos de exaltação ao clube e à sua história (ídolos e conquistas), além da repetição dos brados de protesto contra o time e a sua diretoria. O Maracanã se transformava ao mesmo tempo em espaço de festa e espaço de protesto.

JOGO 51: FLAMENGO 2X0 SANTOS (LESTE SUPERIOR)

Repetindo o procedimento adotado para o relato do jogo 45³⁶⁸, em razão da nossa última visita ao estádio surgir com destaque no item 4.8³⁶⁹, concentraremos a análise à etapa do pré-jogo e à comparação da distribuição intra e intersetorial do público presente às porções Norte e Sul.

Por ocasião da última partida da fase de observações, tive a oportunidade de entrar no estádio, pela primeira vez, como sócio-torcedor. Utilizando o plano *Raça* de um amigo (valor de R\$ 39,90 por mês), que confere 50% de desconto a ele e a um acompanhante, além da possibilidade de acumular o benefício da meia-entrada, desembolsei, como aluno da UERJ, o valor de trinta reais, equivalente a 25% do preço total da entrada. Tal fato reforça a ideia apresentada na tese do Maracanã como um espaço apropriado pelas classes médias, em razão de um processo de elitização incompleta e/ou relativa em curso.

Ao chegar à fila de entrada para o setor Leste superior, bastou apresentar o cartão magnético (previamente carregado com créditos) ao funcionário da empresa *footballcard* que, após passá-lo pela catraca eletrônica, permitiu o meu acesso. Todo processo demorou apenas alguns segundos. Para quem se acostumara com os incontáveis percalços enfrentados nas bilheterias, essa modalidade de compra pareceu extremamente vantajosa.

No estádio, o setor Norte, apesar da venda antecipada de todos os ingressos, apresentava um considerável número de assentos vazios, principalmente no nível 1. É possível deduzir que muitos foram aqueles que, mesmo adquirindo o pacote de entradas para as três partidas finais do clube, não compareceram ao estádio nem mesmo o repassaram a terceiros.

Enquanto na porção Leste superior prevalecia a coexistência entre o nomoespaço e o genoespaço, no setor “popular” Norte, tradicionalmente ocupado pelos adeptos do clube, havia uma maior densidade na ocupação da porção superior, ocupada pelos MOTs e avulsos com um perfil mais combativo. O nível 1, normalmente escolhido pelos espectadores avulsos, acompanhados de seus familiares, encontrava-se praticamente vazio. No setor Sul, sem a presença dos MOTs, e ocupado basicamente por avulsos, havia uma maior concentração do público na porção inferior do que na superior.

³⁶⁸ Flamengo 2x2 Corinthians.

³⁶⁹ O fim dos setores mistos e a subversão do ato de torcer no Maracanã pós-olímpico (ver p. 313).

APÊNDICE B – Estádios/Arenas utilizados na Copa do Mundo de 2014

Tabela 12 – Características dos Estádios/Arenas construídos ou reformados para a Copa do Mundo de 2014

Estádio/Arena	Localização	Capacidade (espectadores³⁷⁰)	Valor da obra (R\$³⁷¹)
Mineirão	Belo Horizonte	62.160	677.557.021,85
Nacional Mané Garrincha	Brasília	72.788	1.438.590.437,15
Arena Pantanal	Cuiabá	41.390	676.014.467,26
Arena da Baixada	Curitiba	43.000	346.246.274,19
Castelão	Fortaleza	63.900	518.606.000,00
Arena da Amazônia	Manaus	44.500	650.953.745,71
Arena das Dunas	Natal	42.000 ³⁷²	400.000.000,00
Beira-Rio	Porto Alegre	50.000	366.329.817,30
Arena Pernambuco	Recife/São Lourenço da Mata ³⁷³	46.000	385.307.605,81 ³⁷⁴
Maracanã	Rio de Janeiro	78.838	1.228.759.136,65
Fonte Nova	Salvador	55.000	689.482.085,50
Arena Corinthians	São Paulo	68.000 ³⁷⁵	1.080.000.000,00
TOTAL APROXIMADO			8.457.846.591,42

Fonte: O autor, 2017.

³⁷⁰ Capacidade prevista para a realização da Copa do Mundo. Fonte: <http://www.copa2014.gov.br/pt-br> Acesso em 02 de julho de 2014.

³⁷¹ Fonte: <http://www.transparencia.gov.br/copa2014/cidades/> Acesso em 02 de julho de 2017. Os valores exibidos na tabela consideram o Total Contratado.

³⁷² 10.625 assentos foram removidos após a realização do Mundial.

³⁷³ Município pertencente à Região Metropolitana de Recife onde foi edificado o novo equipamento esportivo.

³⁷⁴ No próprio Portal da Transparência, consta o valor previsto de R\$ 532.600.000,00. Segundo reportagem publicada em 23 de março de 2015 por Cassio Zirpoli, no Diário de Pernambuco, o custo total da obra teria alcançado a cifra de R\$ 743 milhões. Fonte: <http://blogs.diariodepernambuco.com.br/esportes/2015/03/23/o-custo-da-arena-pernambuco-r-743-milhoes/> Acesso em 02 de julho de 2017.

³⁷⁵ 21.200 assentos removíveis.

APÊNDICE C – Todos os jogos estudados (continua)

Tabela 13 – Jogos assistidos (2015 e 2016)

Nº	Jogo	Data	Setor	Competição	Dia da Semana	Horário
01	Flamengo 2x0 Boavista	19/02/2015	Norte Inferior	Campeonato Estadual 2015	Quinta-feira	19h30
02	Botafogo 1x0 Flamengo	01/03/2015	Sul Superior	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
03	Fluminense 1x1 Tigres do Brasil	21/03/2015	Oeste Inferior (misto)	Campeonato Estadual 2015	Sábado	18h30
04	Vasco da Gama 1x1 Botafogo	29/03/2015	Maracanã Mais (misto)	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
05	Flamengo 3x0 Fluminense	05/04/2015	Norte Superior	Campeonato Estadual 2015	Domingo	18h30
06	Fluminense 2x1 Botafogo	11/04/2015	Norte Inferior	Campeonato Estadual 2015	Sábado	18h30
07	Vasco da Gama 0x0 Flamengo	12/04/2015	Sul Superior	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
08	Flamengo 0x1 Vasco da Gama	19/04/2015	Sul Superior	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
09	Vasco da Gama 1x0 Botafogo	26/04/2015	Norte Superior	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
10	Botafogo 1x2 Vasco da Gama	03/05/2015	Maracanã Mais (misto)	Campeonato Estadual 2015	Domingo	16h
11	Fluminense 1x0 Joinville	09/05/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	21h
12	Fluminense 0x0 Corinthians	24/05/2015	Leste Inferior (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
13	Fluminense 2x0 Coritiba	04/06/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quinta-feira	16h
14	Flamengo 1x0 Chapecoense	06/06/2015	Norte Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	18h30
15	Fluminense 0x0 Sport	07/06/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	19h30
16	Fluminense 2x0 Ponte Preta	24/06/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quinta-feira	19h30
17	Fluminense 2x1 Santos	02/07/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quinta-feira	21h
18	Flamengo 1x2 Figueirense	05/07/2015	Norte Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	18h30
19	Flamengo 0x3 Corinthians	12/07/2015	Norte Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
20	Fluminense 1x2 Vasco da Gama	19/07/2015	Leste Superior (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
21	Flamengo 2x2 Santos	02/08/2015	Sul Superior (visitante)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h

APÊNDICE C – Todos os jogos estudados (continuação)

Nº	Jogo	Data	Setor	Competição	Dia da Semana	Horário
22	Vasco da Gama 0x0 Joinville	09/08/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	11h
23	Flamengo 3x2 Atlético-PR	12/08/2015	Norte Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quarta-feira	19h30
24	Vasco da Gama 0x1 Coritiba	15/08/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	18h30
25	Flamengo 0x1 Vasco da Gama	19/08/2015	Oeste Inferior (misto)	Copa do Brasil 2015	Quarta-feira	22h
26	Fluminense 2x1 Paysandu	20/08/2015	Leste Inferior (misto)	Copa do Brasil 2015	Quinta-feira	19h
27	Flamengo 2x1 São Paulo	23/08/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
28	Vasco da Gama 0x1 Figueirense	29/08/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	18h30
29	Fluminense 1x2 Atlético-MG	30/08/2015	Norte Superior (visitante)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
30	Vasco da Gama 1x2 Atlético-MG	05/09/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	19h30
31	Fluminense 1x3 Flamengo	06/09/2015	Leste Inferior (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
32	Flamengo 2x0 Cruzeiro	10/09/2015	Sul Inferior (visitante)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quinta-feira	21h
33	Fluminense 1x4 Palmeiras	16/09/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quarta-feira	19h30
34	Vasco da Gama 2x1 Sport	20/09/2015	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
35	Fluminense 0x0 Grêmio	23/09/2015	Norte Inferior (visitante)	Copa do Brasil 2015	Quarta-feira	22h
36	Flamengo 1x2 Vasco da Gama	27/09/2015	Leste Superior (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	16h
37	Vasco da Gama 1x1 Chapecoense	15/10/2015	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Quinta-feira	19h30
38	Fluminense 2x1 Palmeiras	21/10/2015	Leste Inferior (misto)	Copa do Brasil 2015	Quarta-feira	22h
39	Vasco da Gama 0x0 Grêmio	25/10/2015	Leste Inferior (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	17h
40	Flamengo 4x1 Goiás	08/11/2015	Norte Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Domingo	17h
41	Flamengo 1x0 Orlando City	15/11/2015	Maracanã Mais (misto)	Amistoso	Domingo	15h30

APÊNDICE C – Todos os jogos estudados (conclusão)

Nº	Jogo	Data	Setor	Competição	Dia da Semana	Horário
42	Fluminense 1x1 Internacional	28/11/2015	Maracanã Mais (misto)	Campeonato Brasileiro Série A 2015	Sábado	19h30
43	Botafogo 0x1 Vasco da Gama	01/05/2016	Leste Inferior (misto)	Campeonato Estadual 2016	Domingo	16h
44	Vasco da Gama 1x1 Botafogo	08/05/2016	Oeste Inferior (misto)	Campeonato Estadual 2016	Domingo	16h
45	Flamengo 2x2 Corinthians	23/10/2016	Sul Superior (visitante)	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Domingo	17h
46	Fluminense 2x2 Vitória	28/10/2016	Norte Superior (visitante)	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Sexta-feira	19h30
47	Flamengo 0x0 Botafogo	05/11/2016	Sul Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Sábado	17h
48	Fluminense 1x1 Atlético-PR	15/11/2016	Sul Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Terça-feira	17h
49	Flamengo 2x2 Coritiba	20/11/2016	Leste Inferior	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Domingo	19h30
50	Vasco da Gama 2x1 Ceará	26/11/2016	Norte Superior	Campeonato Brasileiro Série B 2016	Sábado	17h30
51	Flamengo 2x0 Santos	27/11/2016	Leste Superior	Campeonato Brasileiro Série A 2016	Domingo	17h

APÊNDICE D – Ingressos dos 51 jogos

Foto 77 – Ingressos utilizados



Fonte: O autor, 2017.

ANEXO A – Súmulas consultadas³⁷⁶**CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A 2013**

Fluminense 1x3 Vasco da Gama. 21 de julho de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017

Flamengo 1x1 Botafogo 28 de julho de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x0 Cruzeiro. 31 de julho de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x0 Vitória. 01 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 2x3 Botafogo. 04 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x3 Flamengo. 11 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Corinthians. 14 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 3x3 Internacional. 15 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x2 Santos. 31 de agosto de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x0 São Paulo. 01 de setembro de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Vitória. 04 de setembro de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 3x1 Coritiba. 05 de setembro de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x0 Bahia. 07 de setembro de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Corinthians. 11 de setembro de 2013. Disponível em

<http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

³⁷⁶ Lista elaborada em ordem cronológica dividida por competições.

Flamengo 2x1 Santos. 12 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Portuguesa. 14 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x4 Atlético Paranaense. 19 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Coritiba. 21 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x2 Bahia. 22 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x1 Ponte Preta. 28 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 4x1 Criciúma. 29 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Botafogo. 02 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x1 Grêmio. 05 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Internacional. 10 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Grêmio. 12 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x1 Flamengo. 13 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Bahia. 16 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Ponte Preta. 19 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x2 Vasco da Gama. 20 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Atlético Mineiro. 26 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x3 Vitória. 27 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Fluminense. 03 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x1 Goiás. 09 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 2x2 Santos. 10 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x0 Portuguesa. 13 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x0 Náutico. 14 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 4x0 Atlético Paranaense. 16 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 São Paulo. 17 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 2x1 Cruzeiro. 23 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Corinthians. 24 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x2 Atlético Mineiro. 30 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 2x0 Náutico. 01 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x1 Cruzeiro. 07 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 21 de setembro de 2016.

Botafogo 3x0 Criciúma. 08 de dezembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2013#.WVeBpYjyvIU> Acesso em 21 de setembro de 2016.

COPA DO BRASIL 2013

Fluminense 1x0 Goiás 21 de agosto de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=786#.WVd9NojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 4x2 Atlético Mineiro. 22 de agosto de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=786#.WVd9NojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Cruzeiro. 28 de agosto de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=786#.WVd9NojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x1 Flamengo. 25 de setembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=787#.WVd-rojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 4x0 Botafogo. 23 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=787#.WVd-rojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 3x2 Goiás. 24 de outubro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=787#.WVd-rojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Goiás. 06 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=807#.WVeAyYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Atlético Paranaense. 27 de novembro de 2013. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2013?fase=808#.WVeBQIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO ESTADUAL 2014

Flamengo 1x0 Audax. 19 de janeiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Bonsucesso. 23 de janeiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x2 Duque de Caxias. 25 de janeiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x0 Resende. 29 de janeiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x0 Botafogo. 02 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x3 Fluminense. 08 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 4x1 Boavista. 15 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x2 Flamengo. 16 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Madureira. 19 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x1 Volta Redonda. 20 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x3 Botafogo. 23 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Nova Iguaçu. 01 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 5x1 Friburguense. 05 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x2 Flamengo. 09 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Vasco da Gama. 16 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 5x3 Cabofriense. 23 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Cabofriense 0x3 Flamengo. 26 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Fluminense. 27 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x1 Cabofriense. 29 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x1 Vasco da Gama. 30 de março de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Flamengo. 06 de abril de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x1 Vasco da Gama. 13 de abril de 2014. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A 2014

Fluminense 3x0 Figueirense. 19 de abril de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x2 Internacional. 27 de abril de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x2 Vitória. 03 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 4x2 Palmeiras. 04 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 6x0 Criciúma. 10 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x0 Flamengo. 11 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x2 São Paulo. 18 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 5x2 São Paulo. 21 de maio de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Botafogo. 27 de julho de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x1 Cruzeiro. 02 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x0 Goiás. 03 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Coritiba. 09 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Sport. 10 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Atlético Mineiro. 20 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Chapecoense. 23 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 4x0 Sport. 24 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Santos. 31 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x1 Grêmio. 06 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 3x3 Cruzeiro. 07 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 3x0 Palmeiras. 13 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Corinthians. 14 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x3 Bahia. 17 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x1 Fluminense. 21 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Grêmio. 24 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Goiás. 25 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x2 Grêmio. 28 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x1 Santos. 04 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 0x1 Palmeiras. 08 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Atlético Mineiro. 09 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x0 Cruzeiro. 12 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 4x2 Criciúma. 18 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Internacional. 22 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Atlético Paranaense. 25 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x0 Chapecoense. 02 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Botafogo. 15 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x2 Coritiba. 16 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x4 Chapecoense. 20 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 5x2 Corinthians. 30 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2014#.WVeFbojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE B 2014

Vasco da Gama 1x1 Icasa. 22 de novembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-b/tabela/2014#.WVedmojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2014.

COPA DO BRASIL 2014

Fluminense 5x0 Horizonte. 10 de abril de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=950#.WVeeTojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x5 América-RN. 13 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=952#.WVeer4jyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x2 Ceará. 27 de agosto de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=953#.WVefdojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x0 Coritiba. 03 de setembro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=953#.WVefdojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 2x3 Santos. 01 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=954#.WVfNm4jyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 América-RN. 15 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=954#.WVfNm4jyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Atlético Mineiro. 29 de outubro de 2014. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2014?fase=955#.WVfOOojyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

COPA LIBERTADORES DA AMÉRICA 2014

Botafogo x San Lorenzo (venda de ingressos). Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2014/02/botafogo-x-san-lorenzo-ingressos-venda-para-o-duelo-no-maracana.html> Acesso em 02 de julho de 2017.

Botafogo 2x0 San Lorenzo. 11 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/11-02-2014/botafogo-san-lorenzo.html> Acesso em 01 de julho de 2014.

Flamengo x Emelec (venda de ingressos). Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2014/02/fla-x-emelec-quarta-feira-ingressos-venda-para-torcedores-em-geral.html> Acesso em 02 de julho de 2017.

Flamengo 3x1 Emelec. 26 de fevereiro de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/26-02-2014/flamengo-emelec.html> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo x Bolívar (venda de ingressos). Disponível em <https://oglobo.globo.com/esportes/flamengo-bolivar-ingressos-venda-para-socios-torcedores-11765039> Acesso em 02 de julho de 2017.

Flamengo 2x2 Bolívar. 12 de março de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/12-03-2014/flamengo-bolivar.html> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo x Independiente del Valle (venda de ingressos). Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/times/botafogo/noticia/2014/03/botafogo-x-independiente-del-valle-ingressos-venda-para-jogo-no-rio.html> Acesso em 02 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Independiente del Valle. 18 de março de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/18-03-2014/botafogo-independiente-del-valle.html> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo x Unión Española (venda de ingressos). Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/libertadores/noticia/2014/03/botafogo-x-union-espanola-venda-comeca-na-terca-com-preco-reduzido.html> Acesso em 02 de julho de 2017.

Botafogo 0x1 Unión Española. 02 de abril de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/02-04-2014/botafogo-union-espanola.html> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo x León (venda de ingressos). Disponível em <http://www.fimdejogo.com.br/blog/2014/04/07/venda-de-ingressos-flamengo-x-leon/> Acesso em 02 de julho de 2017.

Flamengo 2x3 Leon. 09 de abril de 2014. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/jogo/libertadores-2014/09-04-2014/flamengo-leon.html> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO ESTADUAL 2015

Flamengo 4x0 Barra Mansa. 04 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Bangu. 08 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 5x1 Cabofriense. 11 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Boavista. 19 de fevereiro de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x0 Flamengo. 01 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 3x1 Botafogo. 08 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Volta Redonda. 11 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 3x0 Bonsucesso. 12 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Tigres do Brasil. 21 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Vasco da Gama. 22 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x1 Bangu. 25 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 3x0 Cabofriense. 26 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Botafogo. 29 de março de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 3x0 Fluminense. 05 de abril de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Botafogo. 11 de abril de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 0x0 Flamengo. 12 de abril de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x1 Vasco da Gama. 19 de abril de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x0 Botafogo. 26 de abril de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Botafogo 1x2 Vasco da Gama. 03 de maio de 2015. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A 2015

Fluminense 1x0 Joinville. 09 de maio de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x2 Sport. 17 de maio de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Corinthians. 24 de maio de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x3 Fluminense. 31 de maio de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x0 Coritiba. 04 de junho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Chapecoense. 06 de junho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Sport. 07 de junho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x2 Atlético Mineiro. 20 de junho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x0 Ponte Preta. 24 de junho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Santos. 02 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x2 Figueirense. 05 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x0 Cruzeiro. 09 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x3 Corinthians. 12 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Grêmio. 18 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x2 Vasco da Gama. 19 de julho de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x0 Grêmio. 01 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x2 Santos. 02 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

- Vasco da Gama 0x0 Joinville. 09 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Flamengo 3x2 Atlético Paranaense. 12 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Vasco da Gama 0x1 Coritiba. 15 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 2x1 Figueirense. 16 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Flamengo 2x1 São Paulo. 23 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Vasco da Gama 0x1 Figueirense. 29 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 1x2 Atlético Mineiro. 30 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Vasco da Gama 1x2 Atlético Mineiro. 05 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 1x3 Flamengo. 06 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Flamengo 2x0 Cruzeiro. 10 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Vasco da Gama 2x0 Atlético Paranaense. 13 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 1x4 Palmeiras. 16 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Vasco da Gama 2x1 Sport. 20 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 2x0 Goiás. 26 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Flamengo 1x2 Vasco da Gama. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Flamengo 2x0 Joinville. 04 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.
- Fluminense 2x0 São Paulo. 14 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Chapecoense. 15 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x1 Internacional. 18 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x1 Atlético Paranaense. 24 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 0x0 Grêmio. 25 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x3 Chapecoense. 07 de novembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 4x1 Goiás. 08 de novembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Internacional. 28 de novembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x2 Palmeiras. 06 de dezembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2015#.WVfVSYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

AMISTOSO 2015

Flamengo x Orlando City (venda de ingressos). Disponível em <http://www.fimdejogo.com.br/blog/2015/11/10/venda-de-ingressos-flamengo-x-orlando-city/> Acesso em 02 de julho de 2017.

Flamengo 1x0 Orlando City. 15 de novembro de 2015. Disponível em <http://globoesporte.globo.com/futebol/amistoso/jogo/15-11-2015/flamengo-orlando-city/> Acesso em 02 de julho de 2017.

COPA DO BRASIL 2015

Flamengo 2x0 Brasil de Pelotas. 18 de março de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1005#.WVfgxYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 1x1 Náutico. 27 de maio de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1034#.WVfhM4jyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x1 Vasco da Gama. 19 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1041#.WVfhlIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2z1 Paysandu. 20 de agosto de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1041#.WVfhlIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Flamengo. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1041#.WVfhlIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 0x0 Grêmio. 23 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1050#.WVfiVYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 São Paulo. 30 de setembro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1050#.WVfiVYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x1 Palmeiras. 21 de outubro de 2015. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/copa-brasil-masculino/tabela/2015?fase=1057#.WVfixYjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2015.

CAMPEONATO ESTADUAL 2016

Botafogo 0x1 Vasco da Gama. 01 de maio de 2016. Disponível em <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

Vasco da Gama 1x1 Botafogo. 08 de maio de 2016. <http://www.fferj.com.br/Campeonatos?alias=1> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE A 2016

Flamengo 2x2 Corinthians. 23 de outubro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 2x2 Vitória. 28 de outubro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 0x0 Botafogo. 05 de novembro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Fluminense 1x1 Atlético Paranaense. 15 de novembro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x2 Coritiba. 20 de novembro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

Flamengo 2x0 Santos. 27 de novembro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-a/tabela/2016#.WVfkgIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

CAMPEONATO BRASILEIRO SÉRIE B 2016

Vasco da Gama 2x1 Ceará. 26 de novembro de 2016. Disponível em <http://www.cbf.com.br/competicoes/brasileiro-serie-b/tabela/2016#.WVfmYIjyvIU> Acesso em 01 de julho de 2017.

ANEXO B - Sites consultados

http://agenciaaids.com.br/home/noticias/noticia_detalhe/6222#.VMszl2jF9qU Acesso em 30 de janeiro de 2015.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-05/usuarios-protestam-contrafechamento-do-parque-aquatico-julio-delamare> Acesso em 2 de agosto de 2016.

<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2015-05/parque-aquatico-julio-delamare-nao-deve-participar-dos-jogos-olimpicos> Acesso em 2 de agosto de 2016.

<http://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/especial-maracan%C3%A3--empresa-de-eike-batista-prev%C3%AA--mudan%C3%A7a-do-perfil-do-p%C3%BAblico--no-est%C3%A1dio-062922612.html> Acesso em 27 de maio de 2013.

<http://cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/Repudiadas-por-cariocas-reforma-e-concessao-do-Maracana-abre-feridas/4/28193> Acesso em 2 de agosto de 2016.

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2012/10/29/projeto-de-privatizacao-do-maracana-preve-demolicao-de-escola-publica-modelo.htm> Acesso em 1 de agosto de 2016.

<http://copadomundo.uol.com.br/noticias/redacao/2013/05/06/obra-do-maracana-ganha-aditivo-de-r-200-mi-e-ja-custa-r-112-bi.htm> Acesso em 24 de maio de 2013.

<http://escolamunicipalfriedenreich.blogspot.com.br/> Acesso em 5 de junho de 2013.

http://espn.uol.com.br/noticia/414100_maracana-gasta-milhoes-com-amigos-de-governador-e-cartolas Acesso em 18 de dezembro de 2015.

http://espn.uol.com.br/noticia/414102_maracana-sa-nega-opcoes-politicas-em-contratacoes-veja-as-respostas Acesso em 18 de dezembro de 2015.

<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/copa-do-brasil/ultimas-noticias/2014/11/26/torcida-gay-do-atletico-se-esconde-em-jogos-e-sofre-ate-ameca-de-morte.htm>. Acesso em 26 de novembro de 2014.

<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2015/11/08/torcida-do-fla-faz-novo-protesto-e-xinga-festeiros-na-saida-do-maracana.htm> Acesso em 9 de novembro de 2015.

<http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2013/05/29/apos-acidente-em-avalanche-geral-da-arena-do-gremio-esta-liberada.html> Acesso em 27 de agosto de 2014.

<http://esporte.uol.com.br/futebol/campeonatos/brasileiro/serie-a/ultimas-noticias/2015/11/08/torcida-do-fla-faz-novo-protesto-e-xinga-festeiros-na-saida-do-maracana.htm> Acesso em 9 de novembro de 2015.

<http://esportes.r7.com/blogs/cosme-rimoli/noite-historica-gremio-eliminador-da-copa-do-brasil-gracas-ao-racismo-de-seus-torcedores-o-omisso-arbitro-wilton-pereira-suspenso-90->

[dias-torcedores-proibidos-por-dois-anos-de-frequentarem-estadios-03092014/](#) Acesso em 1 de dezembro de 2014.

<http://g1.globo.com/economia/negocios/noticia/2015/01/apos-saida-de-eike-imx-deixa-consorcio-que-administra-maracana.html> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://g1.globo.com/rio-de-janeiro/noticia/2013/08/prefeitura-do-rio-tomba-museu-do-indio-e-escola-no-complexo-maracana.html> Acesso em 26 de agosto de 2013.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/times/flamengo/noticia/2016/10/flamengo-lanca-pacote-para-jogos-com-botafogo-coritiba-e-santos.html> Acesso em 22 de outubro de 2016.

<http://globoesporte.globo.com/blogs/especial-blog/bastidores-fc/post/pedido-de-liminar-do-vasco-para-ver-contrato-entre-flu-e-maracana-e-negado.html> Acesso em 20 de julho de 2016.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2015/07/r10-lado-direito-e-varias-provocacoes-rivalidade-entre-flu-e-vasco-pega-fogo.html> Acesso em 17 de julho de 2015.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2011/06/torcidas-organizadas-do-rio-firmam-acordo-e-terao-de-cadastrar-integrantes.html> Acesso em 22 de dezembro de 2016.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/noticia/2013/09/concessionaria-da-novos-nomes-aos-setores-do-maracana.html> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://globoesporte.globo.com/futebol/brasileirao-serie-a/noticia/2015/07/vascainos-se-mobilizam-para-comprar-ingressos-no-lado-direito-do-maracana.html> Acesso em 15 de julho de 2015

<http://globoesporte.globo.com/olimpiadas/noticia/2013/08/apos-reuniao-governo-do-rio-decide-manter-o-estadio-celio-de-barros.html> Acesso em 1 de julho de 2016.

<http://globoesporte.globo.com/platb/memoriaec/2012/11/06/pais-e-alunos-se-mobilizam-contrairtirada-de-escola-friedenreich-do-maracana/> Acesso em 21 de junho de 2013.

<http://globoesporte.globo.com/pr/noticia/2016/03/ufc-divulga-precos-dos-ingressos-para-edicao-198-na-arena-da-baixada.html> Acesso em 20 de julho de 2016.

<http://houaiss.uol.com.br/busca?palavra=arena> Acesso em 9 de dezembro de 2014.

<http://igay.ig.com.br/2013-04-12/futebol-ganha-torcidas-para-combater-a-homofobia.html> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://impedimento.org/ate-o-dia-em-que-seremos-todos-bichas/> Acesso em 31 de janeiro de 2015.

<http://intbrasil.org/#page1> Acesso em 24 de dezembro de 2016.

<http://oglobo.globo.com/rio/museu-do-indio-funcionou-nos-arredores-do-maracana-na-zona-norte-de-1953-1977-7296844> Acesso em 8 de agosto de 2016.

<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/3844-museudoindio3?start=1#>
Acesso em 9 de agosto de 2016.

http://www.lancenet.com.br/minuto/Presidente-Consortio-Maracana-jogo-estadio_0_953904838.html Acesso em 21 de junho de 2015.

<http://www.ludopedio.com.br/arquibancada/sobre-viver-e-torcer-longe-de-casa/> Acesso em 21 de novembro de 2016.

<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/2326> Acesso em 16 de abril de 2015.

<http://mpf.jusbrasil.com.br/noticias/112109385/mpfrj-denuncia-ex-superintendente-do-iphan-por-demolicao-ilegal-da-marquise-do-maracana> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://oglobo.globo.com/copa-2014/cabral-desiste-de-demolir-celio-de-barros-diz-que-concessao-do-maracana-esta-em-suspenso-9327192>. Acesso em 26 de agosto de 2013.

<http://oglobo.globo.com/rio/bairros/ha-30-anos-vasco-conquistava-titulo-em-cima-do-favorito-flamengo-> Acesso em 25 de julho de 2014.

<http://oglobo.globo.com/esportes/julio-de-lamare-passara-por-reformas-antes-dos-jogos-olimpicos-1-18416486> Acesso em 2 de agosto de 2016.

<http://olimpiadas.uol.com.br/noticias/2013/11/07/julio-delamare-sediara-competicoes-de-polo-aquatico-durante-rio-2016.htm> Acesso em 19 de maio de 2015.

http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairros Cariocas/index_bairro.htm Acesso em 25 de maio de 2013.

<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2014/05/livro-conta-historia-da-primeira-torcida-organizada-gay-do-brasil.html> Acesso em 20 de agosto de 2014.

<http://revistaforum.com.br/blog/2013/08/rj-prefeitura-tomba-museu-do-indio-e-escola-municipal-friedenreich/> Acesso em 26 de agosto de 2013.

<http://sportv.globo.com/site/programas/selecao-sportv/noticia/2015/08/diretor-de-marketing-do-maracana-explica-problema-em-jogo-do-vasco.html#jogo-vasco-0-x-0-joinville---09/08/2015-11%3A00> Acesso em 11 de agosto de 2015.

<http://sv98.de/home/lilien/spielstaette/> Acesso em 21 de janeiro de 2017.

http://teste.3rstudio.com.br/_sunset/?page_id=9325 Acesso em 27 de julho de 2016.

<http://trivela.uol.com.br/torcedores-do-st-pauli-fazem-manifestacao-contrahomofobia/> Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

<http://trivela.uol.com.br/um-gesto-simples-de-donovan-que-significou-muito-para-robbie-rogers/> Acesso em 3 de fevereiro de 2015.

<http://trivela.uol.com.br/ingleses-avancam-na-briga-por-ingressos-mais-baratos/> Acesso em 30 de agosto de 2014.

<http://trivela.uol.com.br/vontade-da-torcida-deve-prevalecer-e-hull-precisara-manter-nome-que-tem-desde-1904/> Acesso em 30 de agosto de 2014.

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/esportes/gremio/noticia/2014/09/gremio-marca-nos-acrescimos-e-vence-o-flamengo-no-maracana-4592740.html> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.aids.gov.br/noticia/fla-gay-adia-volta-aos-estadios> Acesso em 29 de janeiro de 2015.

<http://www.apublica.org/2013/04/infografico-maracana-na-ponta-lapis/> Acesso em 28 de maio de 2013.

<http://www.apublica.org/2013/05/copa-direitos-humanos-infografico-animado/> Acesso em 28 de maio de 2013.

<http://www.archdaily.com.br/156118/estadio-jornalista-mario-filho-maracana-fernandes-arquitetos-associados> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://www.armazemdedados.rio.rj.gov.br/> Acesso em 25 de maio de 2013.

http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/09/140919_homofobia_futebol_rm_rb Acesso em 31 de janeiro de 2015.

<http://bravo1952.blogspot.com.br/p/bravo-52.html> Acesso em 14 de dezembro de 2016.

<http://www.capes.gov.br/component/content/article/87-premio-capes-de-tese/edicoes-antteriores/6590-teses-premiadas-em-2013>. Acesso em 29 de janeiro de 2015.

<http://www.cob.org.br/movimento-olimpico/jogos-olimpicos/antiguidade> Acesso em 8 de fevereiro de 2014.

<http://www.colunadoflamengo.com/2015/02/nacao-12-e-fla-manguaca-anunciam-parceria/> Acesso em 7 de setembro de 2015.

<http://www.deponta.com.br/parque-bola-maracana/> Acesso em 3 de agosto de 2016.

<http://www.ebc.com.br/torcedores-do-gremio/2013/04/torcedores-de-gremio-e-flamengo-jacriaram-organizadas-para-combater-a> Acesso em 20 de agosto de 2014.

http://www.enapet.ufsc.br/anais/Tranformacoes_e_Retransformacoes_no_Bairro_Maracana.pdf Acesso em 8 de maio de 2013.

<http://www.fferj.com.br/Campeonatos/RenderDoc?caminho=e%3A%5Cchome%5Cfferj2%5Cweb%5Cadmin%5C%2FArquivo%2FDocumentos%2F2015%2F2%2F20%2F7e9ebc80-cdcf-4c6b-b508-bf870530a5af.pdf&titulo=TG-05%2AA-Rodada-Border%20C3%B4-039-CR%20Flamengo%20x%20Boavista%20SC&extensao=pdf> Acesso em 22 de fevereiro de 2015.

<http://www.guerreirosdoalmirante.com.br/quem-somos.php> Acesso em 14 de dezembro de 2016.

http://www.lancenet.com.br/minuto/Presidente-Consortio-Maracana-jogo-estadio_0_953904838.html Acesso em 21 de junho de 2015.

<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/arquibancada/artigo/381> Acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/1231> Último acesso em 27 de janeiro de 2015.

<http://www.maracana.com/site/> Acesso em 5 de fevereiro de 2015.

<http://www.netvasco.com.br/n/163836/organizadas-do-vasco-lamentam-falecimento-demarcelo-he-man-ex-presidente-da-forca-jovem>. Acesso em 21 de outubro de 2015.

<http://www.netvasco.com.br/n/165476/antes-do-jogo-contr-o-vasco-torcedores-pintaram-muro-em-frente-ao-maracana-com-as-cores-do-fluminense> Acesso em 14 de maio de 2016.

<http://www.netvasco.com.br/n/165488/muro-tricolor-ao-lado-do-maracana-amanheceu-manchado-neste-domingo> Acesso em 14 de maio de 2016.

<http://www.odebrechtarenas.com.br/estadio/maracana#section-sobre-a-obra> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://www.odebrechtarenas.com.br/noticias/final-em-estadio-verde> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

http://www.olympic.org/Documents/Reports/EN/en_report_658.pdf Acesso em 8 de fevereiro de 2014.

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Decreto/D8537.htm Acesso em 22 de julho de 2016.

<http://www.portal2014.org.br/noticias/10869/ESTADIOS+E+ARENAS+COMO+XICARAS+E+PIRES.html> Acesso em 16 de abril de 2016.

<http://www.portal2014.org.br/noticias/12066/MARACANA+TEM+NOVO+REAJUSTE+E+CUSTO+TOTAL+ATINGE+R+119+BILHAO.html> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://www.portal2014.org.br/noticias/5897//ARQUITETO+DO+MARACANA+FALA+SOBRE+O+PROJETO+PARA+A+COPA.html> Acesso em 6 de fevereiro de 2015.

<http://www.revistaeducacao.com.br/a-escola-sem-seu-lugar/> Acesso em 9 de julho de 2016.

<http://www.rj.gov.br/web/casacivil/exibeconteudo?article-id=1288480> Acesso em 7 de agosto de 2016.

<http://www.stadiumguide.com/present/germany/> Acesso em 21 de janeiro de 2017.

<http://www.theguardian.com/football/2004/jun/21/newsstory.mkdons> Acesso em 26 de agosto de 2014.

http://www.vice.com/pt_br/read/homofobia-no-futebol Acesso em 21 de novembro de 2016.

<https://br.esporteinterativo.yahoo.com/noticias/torcida-organizada-do-vasco-critica-cartilha-de-conduta-do-torcedor-no-novo-maracan%C3%A3-214625996.html> Acesso em 28 de agosto de 2014.

https://drive.google.com/file/d/0B_siGi6JUyfDaVVsaGtJUUhWWIE/view?pref=2&pli=1 Acesso em 9 de julho de 2016.

<https://ftorj.wordpress.com/> Acesso em 22 de dezembro de 2016.

https://www.facebook.com/ligadasTorcidasChopp/info?tab=page_info Acesso em 11 de maio de 2015.

<https://www.facebook.com/pages/Galo-Queer/260183954118767> Acesso em 31 de janeiro de 2015.

<https://www.facebook.com/pages/QUEERlorado/164289153730713?fref=ts> Acesso em 31 de janeiro de 2015.

https://www.facebook.com/pg/flarootsrj/about/?ref=page_internal Acesso em 1 de janeiro de 2017.

<https://www.facebook.com/PalmeirasLivre?fref=ts> Acesso em 31 de janeiro de 2015.

<https://www.facebook.com/Torcida-Rasta-do-Vasco-Oficial-365239636878227/?fref=ts> Acesso em 1 de janeiro de 2017.

<https://www.facebook.com/TorcidasRastas/> Acesso em 19 de janeiro de 2017.

<https://historiadesporte.wordpress.com/2014/05/24/antes-das-sportswomen-as-toueirras-nas-arenas-brasileiras/> Acesso em 24 de janeiro de 2015.